

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO

CRISTIANO PRADO RIBEIRO

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, MEDIAÇÃO INTELLECTUAL E
DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: AS OBRAS DE
MARCELO D'SALETE À LUZ DA HISTÓRIA PÚBLICA**

CAMPO MOURÃO, PR

2022

CRISTIANO PRADO RIBEIRO

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, MEDIAÇÃO INTELLECTUAL E
DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: AS OBRAS DE
MARCELO D'SALETE À LUZ DA HISTÓRIA PÚBLICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: História Pública
Orientador(a): Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho

CAMPO MOURÃO, PR

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Ribeiro, Cristiano Prado Histórias em quadrinhos, mediação intelectual e divulgação do conhecimento histórico: as obras de Marcelo D'Saete à luz da História Pública / Cristiano Prado Ribeiro. -- Campo Mourão-PR, 2022.
122 f.: il.

Orientador: Bruno Leal Pastor de Carvalho.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado em História Pública) -- Universidade Estadual do Paraná, 2022.

1. História em quadrinhos. 2. História Pública.
3. Mediador da História. I - Carvalho, Bruno Leal Pastor de (orient). II - Título.

CRISTIANO PRADO RIBEIRO

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, MEDIAÇÃO INTELECTUAL E DIVULGAÇÃO
DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: AS OBRAS DE MARCELO D'SALETE À LUZ
DA HISTÓRIA PÚBLICA**

BANCA EXAMINADORA

Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (Orientador) – UnB, Brasília

Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes (Avaliador) – UNESPAR, Campo Mourão

Dr. Jurandir Malerba (Avaliador) – UFRGS, Porto Alegre

Dr. Fábio André Hahn (Suplente) – UNESPAR, Campo Mourão

Data de Aprovação

25/03/2022

Campo Mourão – PR

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em História Pública – Unespar (Campo Mourão) pela oportunidade de realizar este trabalho. Agradeço a todos os professores pela sabedoria compartilhada.

Ao meu orientador Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho pelas ricas contribuições, paciência e tempo dedicado.

Aos amigos que me apoiaram ao longo de todo percurso desde a graduação, em especial ao Wellington que me apresentou o Programa de Pós-Graduação em História Pública.

Aos meus pais Aparecido e Elza, e minha irmã, Caroline, por toda estrutura necessária. E claro, as minhas queridas sobrinhas Laura e Helena pela leveza e alegria que me proporcionam.

E, por fim, à minha amada esposa Fernanda pelo apoio incondicional tão necessário para que esse trabalho fosse possível.

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

(Ricardo Reis) Fernando Pessoa



RESUMO

RIBEIRO, C.P. **Histórias em quadrinhos, mediação intelectual e divulgação do conhecimento histórico: as obras de Marcelo D'Saete à luz da História Pública.** 118 f. Programa de Pós-Graduação em História Pública – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2022.

O presente estudo propõe examinar as potencialidades das histórias em quadrinhos (HQs) como meio de divulgação de conteúdos históricos. Busca-se compreender como este recurso narrativo/artístico pode ser utilizado para a divulgação e popularização dos conhecimentos históricos e de como o historiador público pode se valer desse meio para atingir maiores audiências. Dessa forma, será realizada uma análise de duas obras de Marcelo D'Saete: *Angola Janga – uma história de Palmares* (2017) e *Cumbe* (2018) que compartilham conteúdos históricos por meio das histórias em quadrinhos. Considerando que a História Pública, em uma de suas direções, visa difundir o conhecimento histórico para amplas audiências, será debatido de que forma as histórias em quadrinhos podem ser um meio facilitador para estudar, compreender determinados acontecimentos e fatos históricos e se legitimar como linguagem capaz de produzir conhecimento histórico. Consideraremos neste estudo a divulgação histórica como uma das dimensões da História Pública e trabalharemos o conceito do Intelectual Mediador como metodologia, caracterizando D'Saete por meio de suas influências, contexto histórico, redes de sociabilidade, circulação das obras e sua reverberação em diversos espaços.

Palavras-chave: Divulgação de História; História em Quadrinhos; História Pública; Intelectual Mediador.

ABSTRACT

RIBEIRO, C. P. **Comics, intellectual mediation and spread of historical knowledge: the works of Marcelo D'Saete from the perspective of Public History.** 118 f. Postgraduate Program in Public History – Master. Paraná State University, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2022.

The present study proposes to examine the potential of comic books (CBs) as a means of disseminating historical content. It seeks to understand how this narrative/artistic resource can be used for the spread and popularization of historical knowledge and how the public historian can use this mean to reach larger audiences. In this way, an analysis of two works that share historical content through comic books will be carried out: *Angola Janga – uma História de Palmares* (2017) and *Cumbe* (2018), both comic books by Marcelo D'Saete. Considering that Public History, in one of its directions, aims to spread historical knowledge to broad audiences, it will be discussed how comics can be a facilitating mean to study, understand certain historical events and facts and legitimize themselves as a capable language to produce historical knowledge. In this study, we will consider historical dissemination as one of the dimensions of Public History and we will work on the concept of the Intellectual Mediator as a methodology, characterizing D'Saete through his influences, historical context, sociability networks, circulation of works and their reverberation in different spaces.

Keywords: Divulgarion of History; Comics; Public History; Intellectual Mediator.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tintim no Congo (<i>Les aventures de Tintin: Tintim au Congo</i>)	12
Figura 2 – <i>Persépolis</i>	13
Figura 3 – Livro dos Mortos	23
Figura 4 – Detalhe da Coluna de Trajano	23
Figura 5 – Tapeçaria de Bayeux	24
Figura 6 – <i>Histoire de monsieur Jabot</i> (1833)	24
Figura 7 – <i>As aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de uma viagem à corte</i> , de Ângelo Agostini (1869).	25
Figura 8 – <i>Maus – A história de um sobrevivente</i> (1980).	34
Figura 9 – <i>Maus – A história de um sobrevivente</i> (1980)	35
Figura 10 – Conto <i>Calunga</i> em <i>Cumbe</i> (2018)	54
Figura 11 – Conto <i>Calunga</i> em <i>Cumbe</i> (2018)	55
Figura 12 – Conto <i>Sumidouro</i> em <i>Cumbe</i> (2018)	57
Figura 13 – Glossário de <i>Cumbe</i> (2018)	58
Figura 14 – Conto <i>Malungo</i> em <i>Cumbe</i> (2018)	59
Figura 15 – Introdução do capítulo <i>O Caminho de Angola Janga</i>	64
Figura 16 – Capítulo 1 – <i>O caminho de Angola Janga</i>	65
Figura 17 – Capítulo 2 – <i>Nascimento</i> em <i>Angola Janga</i>	67
Figura 18 – Capítulo 4 – <i>Cicatrices</i> em <i>Angola Janga</i>	69
Figura 19 – Capítulo 11 – <i>Passos na noite</i> em <i>Angola Janga</i>	72
Figura 20 – Capítulo 11 – <i>Passos na noite</i> em <i>Angola Janga</i>	73
Figura 21 – Mapa dos principais quilombos e regiões quilombolas no território brasileiro (século XVII ao XIX)	75
Figura 22 – Ilustração de Marcelo D’Saete em <i>Discurso sobre o colonialismo</i>	93
Figura 23 – Ilustração de Marcelo D’Saete em <i>O carro do êxito</i>	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Por que quadrinhos?	11
História Pública e novas formas de linguagem	13
O uso dos quadrinhos e a divulgação histórica	17
Fontes	19
Estrutura do trabalho	21
1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E DIVULGAÇÃO HISTÓRICA	22
1.1 Uma breve história das histórias em quadrinhos	22
1.2 A linguagem das histórias em quadrinhos	32
1.3 Histórias em quadrinhos e divulgação do conhecimento	36
1.4. A história que aparece nas histórias em quadrinhos	38
1.5 As histórias em quadrinhos e a História Pública	42
1.6. Quadrinistas de história como intelectuais mediadores?	47
2. AS OBRAS SELECIONADAS DE MARCELO D'SALETE: CUMBE E ANGOLA JANGA:	50
2.1 Cumbe	50
2.2 Angola Janga	61
3. MARCELO D'SALETE: UM INTELLECTUAL MEDIADOR E SUA HISTÓRIA PÚBLICA	78
3.1. Os intelectuais-mediadores como conceito e metodologia	78
3.2. Trajetória, formação e obras de Marcelo D'Salete	83
3.3. Principais influências estéticas e artísticas	85
3.4. Redes de sociabilidade	87
3.5. A circularidade das obras	88
3.6. Recepção nos meios de comunicação	91
3.7. Produção em diferentes mídias e formatos	93
3.8. Conexão com o seu contexto social, político e acadêmico	100
3.9. Articulação da historiografia com a obra	102
3.10. Espaços onde publica suas obras de história pública	103
3.11. O projeto de História Pública de Marcelo D'Salete	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112

INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos (HQs) estão presentes há décadas no mercado editorial, sendo mais conhecidas aquelas que trazem diversão e distração em suas narrativas. Nas últimas décadas, no entanto, as histórias em quadrinhos têm se tornado cada vez mais populares não só entre crianças e adolescentes, mas também entre adultos, como eram em sua origem, no incipiente mercado editorial de massas do século XIX. Ao combinar texto e imagem de forma tão imbricada e lúdica, muitos autores têm conseguido utilizar esse tipo de narrativa para abordar temas de grande relevância histórica para a sociedade. São abordados desde assuntos históricos, como a escravidão, o Holocausto, até adaptações de obras literárias, de Machado de Assis a Lima Barreto, passando também por HQs que discutem política, cultura e sociedade.

O principal objetivo desta pesquisa é examinar a partir do exemplo de duas obras em quadrinhos do artista Marcelo D'Saete: *Angola Janga – uma história de Palmares* (2017) e *Cumbe* (2018)¹ como são apresentadas a divulgação do conhecimento histórico para amplas audiências. Tal estudo nasce em um contexto de prolíficos debates sobre a natureza e as possibilidades da circulação social do conhecimento histórico, sobretudo no meio acadêmico, à luz da discussão sobre a divulgação científica no campo da História, segundo preconizam Bruno Leal e Ana Paula Tavares (2019), e também sobre a História Pública, que vem se desenvolvendo no país com força a partir da década de 2010 e que tem como uma de suas dimensões a divulgação dos saberes históricos para públicos não-especializados.

O critério para a seleção das obras justifica-se por se tratarem de obras que circulam no mercado editorial e foram reconhecidas e premiadas nacionalmente e internacionalmente. O autor Marcelo D'Saete é uma referência em sua área e ganhou recentemente grande destaque pelas HQs *Cumbe* e *Angola Janga*. Já os assuntos trabalhados nas duas HQs são temáticas importantes, possuem dentro de suas narrativas conteúdos históricos sobre a escravidão e resistência negra, sendo que, estão em evidência e vêm sendo cada vez mais debatidas na sociedade. Vale destacar que D'Saete não é historiador, mas sim graduado em artes visuais e história da arte. Foram obras criadas e

¹ Neste trabalho utilizaremos a 2ª edição da HQ *Cumbe* de 2018. A 1ª edição foi publicada em 2014. Ambas pela editora Veneta.

ilustradas pelo artista, frutos de intensa pesquisa no assunto e que pelo seu formato em HQs rompem com uma narrativa mais técnica sobre determinados assuntos históricos.

Por que quadrinhos?

Comumente, a iniciação na leitura de quadrinhos se dá ainda na infância, pelas conhecidas e populares histórias em quadrinhos da Disney, da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, ou das histórias de super-heróis da Marvel e *DC Comics*. Minha introdução ao universo dos quadrinhos se deu exatamente dessa maneira. As primeiras HQs que li pertenciam a esse universo infanto-juvenil. Com o passar do tempo os títulos e os temas por elas abordados foram se ampliando. Já adulto e formado em História, retornando à exploração desse nicho de leitura, me dei conta de que as HQs não se resumiam aos super-heróis, mas, que davam conta de uma grande diversidade de temas e assuntos. Além disso, percebi que esse gênero discursivo podia empregar várias técnicas e estilos artísticos na comunicação com o público.

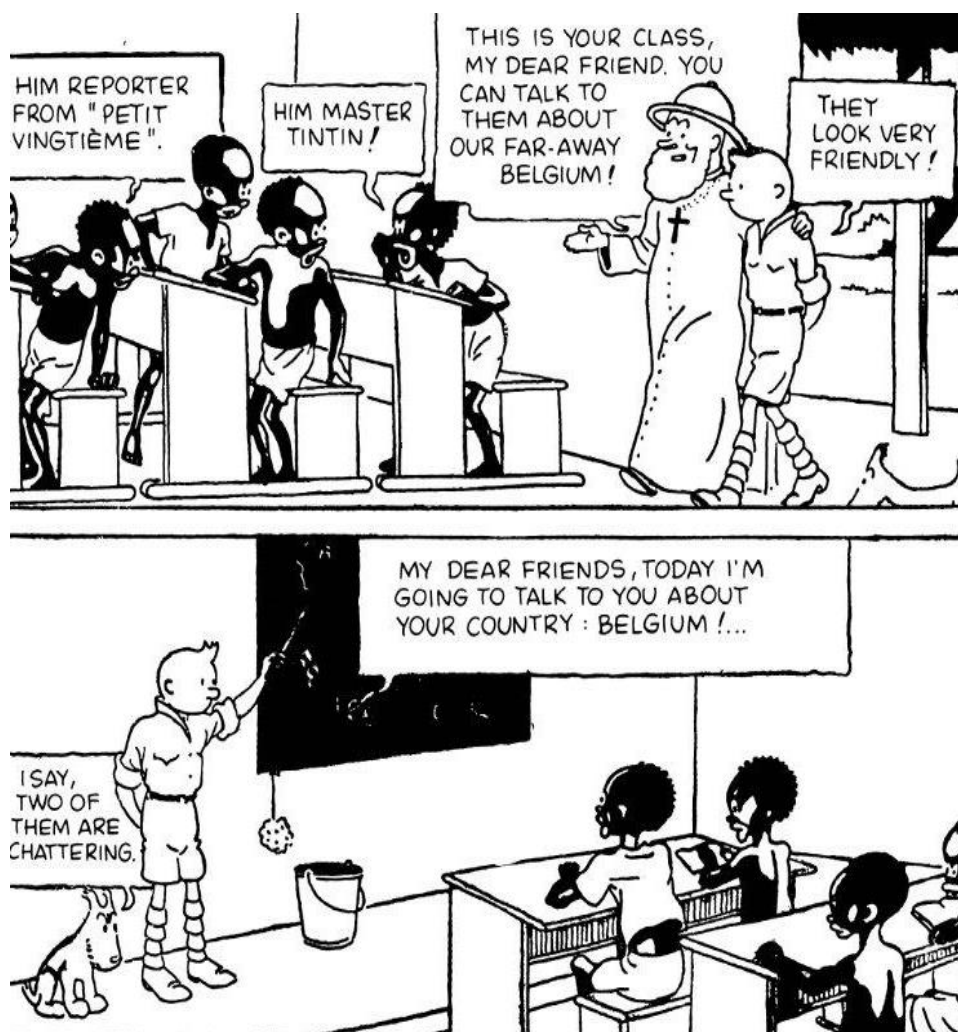
Ao considerar quadrinhos de conteúdos mais densos e temas históricos, surgiu a intenção de pesquisá-los enquanto importante fonte de divulgação e popularização da História para públicos não especializados. Essa decisão é produto ainda do meu envolvimento, cada vez maior, com a História Pública, sobretudo, de uma de suas dimensões, a dimensão da divulgação dos saberes históricos para amplas e diferentes audiências.

Aliado a isso, em minha prática como professor de História no ensino regular (Ensino Fundamental – anos finais e Ensino Médio), tenho adotado alguns quadrinhos em sala de aula. A prática tem sido recebida de forma positiva pelos alunos. Apesar de não ser o objetivo deste trabalho estudar o uso das HQs em sala de aula, isto é, no ensino de História, vale destacar que o gênero das histórias em quadrinhos, como tantos outros produtos de História Pública, pode ser aproveitado, pois tornam o ensino e o acesso ao conhecimento mais lúdico, dinâmico e prazeroso, motivando estudantes a se interessarem mais por conteúdos históricos, além de estimular neles a curiosidade e o senso crítico, uma vez que a arte sequencial apresenta-se cada vez mais sofisticada e com diversos tipos de abordagem.

A presença de personagens, acontecimentos e cenários históricos em histórias em quadrinhos têm uma longa e variada genealogia. Desde *As aventuras de Tintim*, por exemplo, escrita em 1929, em que os personagens passavam por diversas situações políticas e culturais, até ao contemporâneo *Persépolis* (2007), que traz em seu pano de

fundo a Revolução Iraniana, os quadrinhos vêm se apresentando como materiais ricos em informação e conteúdo, além de contribuírem para a conformação de imagens sobre o passado. São mais de 150 anos de histórias em quadrinhos, e como destacam Dan Mazur a Alexander Danner (2014), considerando o século XX – principalmente a partir da década de 1960 – cada vez mais os autores de quadrinhos passaram a apresentar em suas obras conteúdos que vão muito além do entretenimento infantil, movimento este que contribuiu para que as HQs ganhassem maior legitimação e reconhecimento enquanto arte. No Brasil, em que esse fenômeno também se manifesta, as HQs compõem uma das categorias do Prêmio Jabuti desde 2017, o mais importante prêmio literário do país.

Figura 1 – Tintim no Congo (*Les aventures de Tintin: Tintim au Congo*)



Fonte: HERGÉ, 1931.

Figura 2 – *Persépolis*

Fonte: SATRAPI, *Persépolis*, 2017.

Nos exemplos acima, destacamos a HQ de *Tintim*, de 1930, que traz nessa imagem a presença constante dos estereótipos. Pela época em que o quadrinho foi feito, é marcado a presença do eurocentrismo e do racismo, até mesmo, considerando que o Congo era colônia Belga, país de origem de Hergé. Já na HQ *Persépolis*, há uma discussão sobre as mudanças culturais na sociedade com a Revolução Iraniana, e são tratadas também as consequências da revolução no cenário geopolítico.

São exemplos, portanto, de obras que por mais que sejam carregadas de estereótipos, ou de uma visão autobiográfica, servem para o debate e estudo acerca do racismo presente na história, da visão colonialista vivenciada pelos dois países e questões macro políticas. São quadrinhos que vão além do entretenimento e oferecem possibilidades de discussões no âmbito histórico, político e cultural.

História Pública e novas formas de linguagem

Na busca de uma linguagem própria e que definisse e diferenciasse o ofício do historiador, Jurandir Malerba (2017) destaca um evento em que a historiadora colombiana Marixa Lasso debateu a respeito das formas de comunicação do historiador com seu público e um consequente distanciamento:

Desde sua institucionalização universitária com a inauguração da primeira cátedra por Leopold von Ranke em Berlim em 1825, mas principalmente ao longo do século XX, a profissionalização da história procurou identificar-se a um cânone científico, uma história próxima dos métodos de outras ciências sociais, menos anedótica e mais analítica, como a sociologia e a antropologia. Uma história que procurava evitar o anacronismo e utilizar de maneira séria e profunda o método crítico e os documentos dos arquivos. No esforço de se fazer da história uma ciência social, porém, perdemos muito da nossa ligação com a literatura, começamos a escrever numa linguagem técnica, para pares, e nos afastamos do grande público. (LASSO, apud MALERBA, 2017, p.136).

Diante desse afastamento das grandes audiências, devido a uma linguagem demasiadamente técnica como afirmou Lasso, podemos lançar a seguinte pergunta: “A quem o público recorre para obter informações e conhecimentos relacionados à História?” Entre os profissionais acadêmicos, populares influenciadores digitais ou escritores de *best-sellers*, a quem o público procura na busca por informações mais acessíveis? Com a difusão da internet nos anos 1990, o acesso às informações tornou-se muito mais fácil e prático na vida das pessoas. No que se refere aos conhecimentos sobre a História, cabe a pergunta de Malerba (2017): “Mas quem é o historiador, hoje?”.

Numa visão mais rígida da atual situação, podemos ponderar que o historiador profissional talvez tenha se afastado de projetos de divulgação histórica. A História Pública nos últimos anos tem tentado diminuir essa distância entre sociedade e academia. Os estudos da História Pública são relativamente novos no Brasil e, de modo geral, no mundo como um todo. Tomaram forma na década de 1970, nos Estados Unidos, mediante uma grande crise de empregabilidade naquele país, e mais recentemente vem ganhando espaço no Brasil e em diversos outros países. Segundo Juniele Rabêlo de Almeida e Sônia Meneses (2018), esses estudos começaram a ser sistematizados em três frentes: no fazer História Pública para amplas audiências; para pensar na História Pública em relação à prática e projetos; e na formação de um campo de atuação profissional.

Uma das possíveis explicações para o crescimento da História Pública no Brasil

relaciona-se com o momento político atual em que muitos debates sobre os usos políticos do passado têm ganhado repercussão, colocando em pauta conhecimentos científicos já consolidados e chamando a atenção para certos revisionismos, muitas vezes de cunho “negacionista”. Almeida e Meneses (2018) consideram a expansão da História Pública como um ato político, pois o historiador não abandona a seriedade para alcançar novos espaços na publicização dos conhecimentos históricos, aproximando os saberes para universidades e escolas no desafio de superar simplificações. Para as autoras, defender a História Pública é um trabalho de enfrentamento político, já que exige uma postura ética do profissional de história frente ao passado.

A comunicação dos historiadores esteve por muito tempo restrita aos seus pares, por meio de eventos científicos, como conferências, seminários, etc. Dessa forma, abriu-se um espaço para que outros profissionais tomassem a frente na divulgação para o grande público. Atrelado ao processo de institucionalização da História, havia uma incerteza por parte dos historiadores, de que quanto mais se divulgasse e alcançasse o público, mais se poderia perder o rigor científico (CARVALHO e TEIXEIRA, 2019). Então, cabe problematizar de que forma é possível apresentar problemas historiográficos para amplas audiências em suportes e linguagens pouco ou nada usuais para maior parte dos historiadores, como é o caso das HQs, sem abrir mão do rigor que caracteriza a escrita historiográfica.

Pensando nas histórias em quadrinhos como um caminho para a popularização e divulgação dos conteúdos históricos, Will Eisner (2015) aponta que a compreensão de uma imagem requer um compartilhamento de experiências, ou seja, para que a imagem seja entendida, o desenhista/quadrinista deve ter uma compreensão da experiência de vida de seu público. Nesse sentido, entende-se essa experiência de vida como experiência temporal de si e do mundo, como uma espécie de consciência histórica. Eisner reforça essa ideia destacando que “a ausência de diálogo no intuito de reforçar a ação serve para demonstrar a viabilidade de imagens extraídas da experiência comum” (EISNER, 2015, p.18). Mas, embora as imagens sem as palavras aparentemente pudessem representar uma forma mais simplória de narrativa, elas exigem certa sofisticação por parte do espectador, pois “a experiência comum e um histórico de observação são necessários para interpretar os sentimentos mais profundos do autor” (EISNER, 2015, p.20).

Considerando que estamos sempre formando nossa consciência histórica, Sara Albiéri faz uma analogia sobre a passagem do conhecimento acadêmico para o conhecimento público através do conceito filosófico de consciência histórica, sendo essa

expressão uma maneira de designar a forma como os seres humanos “interpretam a experiência da evolução temporal de si mesmos e do mundo em que vivem.” (ALBIERI, 2011, p.25). O conceito de consciência histórica, ou ainda, os elementos que envolvem a formação dessa consciência, é tributário dos estudos do trabalho do filósofo alemão Jörn Rüsen.

A consciência histórica para Rüsen é constituída pelas situações genéricas e elementares da vida prática dos homens, como as experiências e interpretações do tempo. São consideradas dessa forma, tanto o pensamento histórico no modo científico como o pensamento de forma geral (o que é operado por qualquer homem e gera resultados cognitivos). Rüsen considera que o pensamento é um processo genérico e habitual da vida humana. Aponta que o homem só faz ciência porque pensa, e não o contrário, sendo, então, a ciência um modo particular de realizar esse processo:

Se se puder estabelecer que esse modo particular, científico, do pensamento humano está enraizado no pensamento humano em geral, ter-se-á um ponto de partida para responder à pergunta: por que o pensamento se dá e se deve dar no modo científico? (RÜSEN, 2010, p.54-55).

É importante compreender que a consciência histórica não é somente uma consciência ligada ao passado, mas que ela tem relação estrutural com a interpretação do presente e com as nossas projeções. Uma vez que a narrativa é elemento organizador das três dimensões temporais, ela faz com que o homem não se perca no tempo e serve como um meio de constituição de identidade humana. Nesse contexto, o acesso aos conteúdos históricos pelas histórias em quadrinhos apresenta-se como um meio facilitador para a divulgação em história, tornando presente o passado por meio da narrativa.

De acordo com o pensamento de Rüsen de que o pensamento científico se dá primeiramente porque o homem possui a capacidade de pensar de forma genérica e de acordo com suas experiências, pode-se fazer uma analogia ao conteúdo histórico visto por meio dos quadrinhos. A aprendizagem e absorção de informações também se dá pelo social e pelas experiências. Se pensamos em popularizar os conhecimentos históricos, o uso da HQ é um caminho facilitador e mediador de transmissão de conteúdos, pois partimos de uma narrativa usual como Rüsen destaca, as situações elementares da vida prática alcançam objetivos muito maiores quando se tratam de HQs que têm em seu pano

de fundo um momento importante para os estudos historiográficos, como a escravidão, por exemplo.

A narrativa das HQs traz consigo uma sequência de fatos e acontecimentos que compõem sua história e personagens, por meio dela compreendemos que há um contexto em que tais fatos acontecem. Essas experiências vivenciadas pelos personagens tem o alcance de transmitir aos leitores tal experiência temporal. Dessa forma, não somente pelas formas tradicionais de leituras acadêmicas que se alcança o conhecimento histórico, mas também pela utilização de novos recursos, como os quadrinhos.

O uso dos quadrinhos e a divulgação histórica

Com o avanço do desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais nas últimas décadas do século XX, os quadrinhos passaram a ser cada vez mais valorizados e reconhecidos por suas características artísticas. Apesar de competirem com novas formas da mídia de entretenimento, como a televisão e os jogos em computador, afetando sua popularidade e venda, como aponta o historiador Kees Ribbens (2017), as HQs ainda sobrevivem e continuam sendo um fenômeno entre as novas gerações.

A História tem sido recorrente nas HQs, sendo possível observar diversos exemplos de quadrinhos voltados para o universo adulto ou infanto-juvenil, como *Maus: a história de um sobrevivente* (1980) de Art Spiegelman, *Persépolis* (2007), de Marjane Satrapi, *Cumbe* (2014) e *Angola Janga* (2017), de Marcelo D'Saete, *Palestina* (1993) e *Notas sobre Gaza* (2010) de Joe Sacco, sendo estes dois últimos considerados como quadrinhos jornalísticos. Essas obras trabalham diversos temas históricos, tais como nazismo, Revolução Iraniana, escravidão e os conflitos e cotidiano na Palestina, respectivamente, popularizando a história de forma crítica, lúdica e, via de regra, para um público bastante amplo.

No Brasil, quadrinhos sobre temas históricos vêm crescendo significativamente. No país, há diversos exemplos de obras históricas e também literárias que foram adaptadas em histórias em quadrinhos, como *As Barbas do Imperador* (2013), de Lilia Moritz Schwarcz, sendo esta uma releitura de um livro teórico da própria autora, e obras da literatura como *Grande Sertão Veredas* (2014), de Guimarães Rosa, e *Os Sertões* (2010), de Euclides da Cunha. Tais obras são releituras de livros clássicos, apresentando outra forma de linguagem e de compreensão dos conteúdos por meio da arte das HQs.

É importante salientar que a divulgação de História por diferentes mídias não significa uma ruptura com o meio acadêmico, mas uma forma de ampliar e democratizar

formas de divulgação dos conhecimentos históricos. Segundo Sara Albieri (2011), gêneros como “divulgação histórica”, “ficção histórica” e “história didática” são termos válidos, uma vez que produzir uma narrativa acessível para expressar conteúdos tão importantes é uma tarefa complexa e de responsabilidade. Podemos considerar essas formas de “tradução” para as grandes audiências como uma categoria de trabalho dos “Intelectuais Mediadores”, como destacam Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen. Esses mediadores, portanto, segundo as autoras, também devem ser reconhecidos como intelectuais plenos, pois também são criadores de conteúdos:

[...] numa acepção mais ampla e numerosa, estariam os intelectuais mediadores, cuja atenção primordial se volta para práticas culturais de difusão e transmissão, ou seja, práticas que fazem “circular” os produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados. Tais intelectuais seriam aqueles voltados para a construção de representações que têm grande impacto numa sociedade, sendo estratégicos para se entender como uma série de novos sentidos são gestados a partir da recepção dos bens culturais; de como tais bens transitam entre grupos sociais variados; de como a esfera da cultura se comunica, efetivamente, com a esfera social. (GOMES e HANSEN, 2016, p.26).

Os intelectuais mediadores, desta forma, assumem uma grande importância no mercado de bens culturais. Como destacam as autoras, não seriam eles meros repetidores, mas criadores de algo original, influenciando os debates na esfera pública, sendo um trabalho que está direta ou indiretamente ligado às dimensões políticas e pedagógicas. Considera-se a partir dessas ideias que a divulgação do conhecimento para as grandes audiências é tão importante quanto a sua produção. Como ressalta Angela Gomes, “fazer uma coisa simples é muito difícil. É muito complexo ser simples” (GOMES, 2020).

No que tange aos quadrinhos, se o uso de HQs como forma de divulgação de saberes das ciências da natureza somente agora começa a quebrar barreiras, no campo das humanidades, essas barreiras ainda são maiores, haja vista que, segundo Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares (2019), a História não costuma ser pensada dentro da perspectiva da divulgação científica, além de projetos de divulgação histórica nunca terem sido objeto de prática permanente no campo historiográfico. Conforme os autores apontam:

[...] são ainda pouco os historiadores que têm se dedicado a divulgar o resultado de seu próprio trabalho para o grande público. Mesmo aqueles que se interessam pela audiência ampliada, [...] estão longe de ser os mais influentes. São os jornalistas, os grandes veículos de mídia, e os

cada vez mais onipresentes criadores de conteúdo para a internet, em sua maioria independentes, que detêm os recursos e as habilidades para falar com o público leigo e o poder de determinar os temas e as discussões históricas circulantes no meio social. (CARVALHO e TEIXEIRA, 2019, p.10).

Diante do excesso de informações que vivenciamos nos dias atuais, é importante o debate acerca da velocidade com que as informações e análises históricas se propagam. Tais informações geram grande repercussão, ainda mais se propagadas pelas mídias como a internet e suas redes sociais. Considerando que, essas novas formas de mídias vêm surgindo e aumentando cada vez mais, os historiadores não podem se afastar desses novos meios de propagação da história e disseminação de conhecimentos.

[...] escrever história, pensar/produzir acontecimentos históricos e vender o passado tornaram-se ações a que muitos passaram a se dedicar em vários lugares, numa escrita que hoje denominamos ‘história pública’. A produção realizada pelos meios de comunicação se tornou um espaço extremamente importante, não apenas para a produção de acontecimentos, mas também de conhecimentos históricos. (MENESES, 2018, p.161).

As narrativas dentro da história são múltiplas, como afirma Marta Gouveia de Oliveira Rovai (2018), e utilizar-se de outros meios – como os quadrinhos – não torna a produção desse conhecimento mais raso. Pelo olhar da História Pública, a autora destaca que “não se trata de ‘traduzir’ de forma simplória o que se produziu cientificamente, mas de dar a conhecer os procedimentos e discuti-los coletivamente, inclusive questionando-os.” (ROVAI, 2018, p.188). A divulgação histórica já era uma preocupação de diversos profissionais e cientistas das mais diferentes áreas. Podemos considerar que um dos papéis da História Pública, na sua interlocução com outras áreas, é fazer essa mediação de maneira mais consciente e pragmática. Mais do que a aproximação entre público e pesquisadores (o que sempre deve ser uma premissa das ciências), talvez, seja a aproximação entre diferentes conhecimentos e profissionais (pesquisadores mais artistas/quadrinistas), no caso da pesquisa proposta neste estudo, do historiador acadêmico mais artista/quadrinista.

Fontes

Os artistas e as obras que estamos nos propondo a pesquisar neste trabalho resultaram de iniciativas pontuais e particulares, mas, ainda sim, de grande visibilidade.

A intenção é evidenciar como as histórias em quadrinhos são mídias de grande potencialidade para a divulgação de conhecimentos, a fim de popularizar a História.

As fontes selecionadas para o desenvolvimento da pesquisa concentraram-se no autor Marcelo D'Saete, sendo suas obras utilizadas como exemplos de divulgação de conteúdos históricos. Marcelo D'Saete é autor de histórias em quadrinhos, ilustrador e professor. É graduado em artes plásticas e mestre em história da arte. Sua obra *Cumbe* (2018) aborda o período colonial e a resistência negra contra a escravidão no Brasil. Tal obra foi aprovada no PNDL (Plano Nacional do Livro Didático Literário) de 2018, e selecionada pelo PNDL de 2019 para o ensino médio e premiada no *Eisner Awards* 2018 na categoria *Best U.S. Edition of International Material*. O quadrinho foi publicado em Portugal, França, Áustria, Itália, Espanha e Estados Unidos. A segunda obra do autor a ser utilizada na pesquisa é *Angola Janga – uma história de Palmares* (2017), que é resultado de mais de dez anos de pesquisa e revive a memória coletiva dos antigos mocambos da Serra da Barriga, mais conhecidos como Quilombo dos Palmares. Tal história se passa no período colonial, mostrando a vida no maior quilombo do Brasil e abordando a guerra dos Palmares. Esta obra foi aprovada no PNDL (Plano Nacional do Livro Didático Literário) de 2018. Também foi ganhadora do Prêmio Grampo Ouro 2018, Troféu HQMIX 2018, Jabuti 2018 e o *Rudolph Dirks Award* 2019 (Melhor Roteiro América do Sul). A obra foi selecionada pelo PNDL literário de 2019 para o Ensino Médio. O quadrinho foi publicado também na França, Portugal, Áustria, Espanha, Polônia e Estados Unidos.

As obras supracitadas referem-se a temas, períodos e acontecimentos que foram e são definidores da própria história do Brasil. Portanto, as referidas histórias em quadrinhos possuem apelo histórico e são utilizadas tanto como fontes didáticas para o ensino da História em sala de aula, quanto para a popularização do conhecimento histórico para o público de forma geral. Estas obras foram pensadas e feitas a partir de acurada pesquisa histórica. *Cumbe* e *Angola Janga* levam a rigor o contexto histórico em que a história é contada.

Essas premiações comprovam o quanto as HQs têm sua importância reconhecida nacional e internacionalmente, pois, tanto o *Jabuti* quanto o *Eisner Awards*, tratam-se de prêmios de enorme relevância. Vale considerar que o prêmio Jabuti é o mais importante da literatura nacional e já realizou 62 edições, sendo que a categoria de Histórias em Quadrinhos foi criada há quatro anos. Quanto ao prêmio internacional Eisner, este é considerado o “Oscar dos Quadrinhos” e já está em sua 32ª edição. A inclusão das duas

obras de Marcelo D'Saete no PNDL também destaca sua importância e viabilidade como recurso pedagógico de ensino.

Estrutura do trabalho

A dissertação foi organizada em três capítulos. No primeiro “Histórias em Quadrinhos e Divulgação Histórica”, é abordada uma breve história das histórias em quadrinhos. Considerando que os quadrinhos têm como principal característica a “arte sequencial”, e sabendo que tal técnica já era utilizada há muito tempo para contar histórias e registrar acontecimentos, o objetivo do capítulo visa analisar as possibilidades quadrinísticas para a divulgação de saberes históricos. Será discutido de que forma as HQs podem ser uma modalidade de prática da História Pública, e ainda problematizado a respeito dos quadrinistas enquanto Intelectuais Mediadores, discutindo o conceito de Intelectual Mediador e, por meio de exemplos de quadrinistas que se aproximam dessa categoria.

No segundo capítulo, intitulado “As obras selecionadas de Marcelo D'Saete: *Cumbe e Angola Janga*”, são abordadas as características dos dois quadrinhos, como editora, publicações, características mais formais, os prêmios conquistados e um breve resumo de cada HQ. Os elementos observados referem-se aos aspectos linguísticos; formas de narrativa; se a problematização do passado aparece e, em caso afirmativo, como aparece; se há predomínio de um tipo de história (social, política etc.); a construção dos personagens. As ilustrações também compõem uma característica indispensável das HQs e, no caso das obras analisadas, são observadas se elas, de fato, interagem com o texto e o complementam de forma a possibilitar novas maneiras de interpretação e reflexões. No caso das obras de D'Saete, que são conteúdos originalmente em quadrinhos, se é satisfatória a compreensão da dimensão histórica que ele aborda em sua narrativa. Sendo esses aspectos relacionados à prática da História Pública.

No capítulo 3, intitulado “Marcelo D'Saete: um Intelectual Mediador e sua História Pública” é abordado o conceito do Intelectual Mediador enquanto metodologia. Para isso, são levantadas diversas características de D'Saete enquanto artista, e são analisadas sua trajetória, formação e principais obras, mapeando os locais em que circulam suas obras, redes de sociabilidade e os espaços de fala do autor. Também são analisadas a articulação das obras com a historiografia e quais suas articulações no contexto social, político e acadêmico.

1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E DIVULGAÇÃO HISTÓRICA

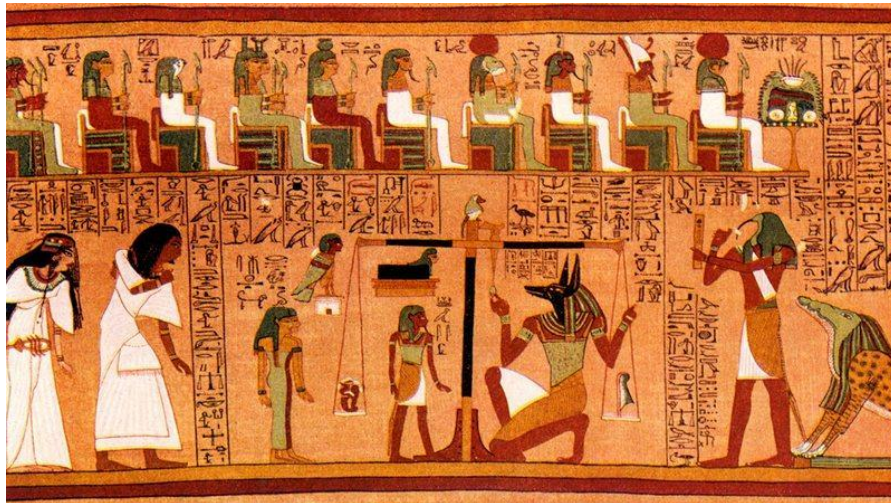
1.1 Uma breve história das histórias em quadrinhos

Fazendo uma breve retomada histórica, constata-se que a arte de utilizar os desenhos como forma de registro de um acontecimento, ou uma sequência de acontecimentos, aparece desde as pinturas rupestres do período Paleolítico. Segundo Waldomiro Vergueiro (2011), tais manifestações iconográficas estão presentes desde a pré-história, em que os homens primitivos utilizavam as paredes das cavernas ou rochas para registrar os acontecimentos e o seu cotidiano, transformando-as em grandes murais, riquíssimos em conhecimento, mas ainda não totalmente compreendidos. Levando-se em consideração que essas sociedades ainda eram nômades, a escrita simbólica, grafada em materiais mais leves, passaria a funcionar como elemento básico de comunicação.

Posteriormente, há as imagens narrativas consideradas como manifestações artísticas, tais como o *Livro dos Mortos* do Antigo Egito (3100 a.C. - 30 a.C.), escritos em rolos de papiro e colocados nos túmulos junto das múmias; a *Coluna de Trajano* em Roma, em que os relevos em espiral em volta da coluna narram a história das campanhas romanas contra os Dácios (101-106 d.C.) e a *Tapeçaria de Bayeux*, uma tira de aproximadamente 70 metros datada do século XI, considerada como importante fonte histórica para a compreensão da conquista da Inglaterra pelos normandos. (BURKE, 2017). Mesmo que associada a conteúdos mais simplórios, Will Eisner destaca que o uso dessas técnicas pela arte sequencial, como as exemplificadas acima, vem de tempos remotos:

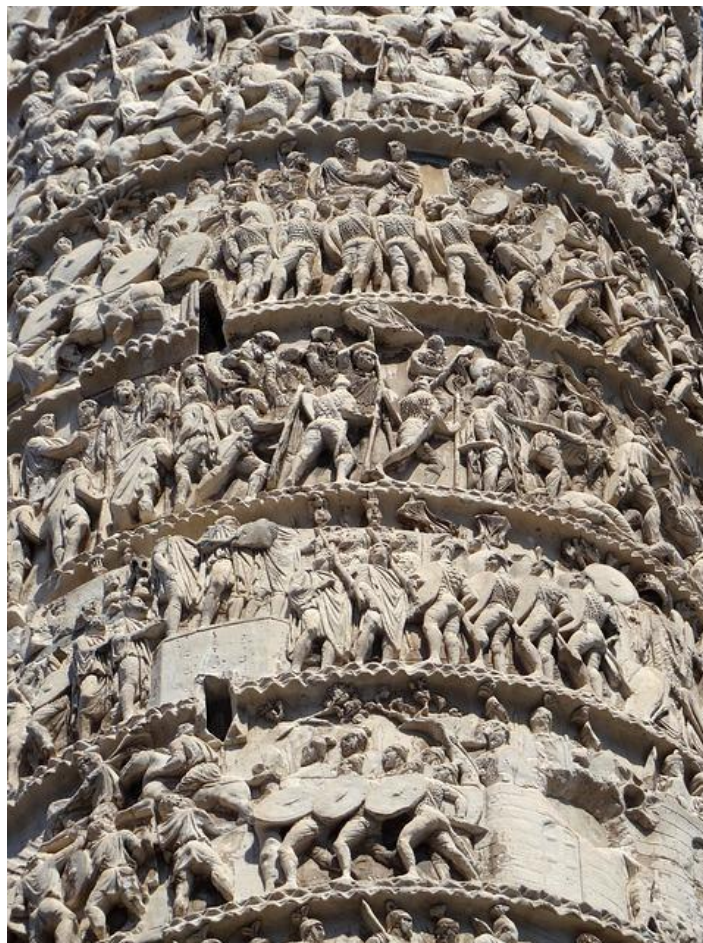
As tapeçarias antigas e as narrativas em frisos ou hieróglifos serviam para registrar eventos ou validar histórias mitológicas; elas falavam para um público bem amplo. Na Idade Média, quando a arte sequencial passou a se ocupar de contos edificantes ou histórias religiosas sem muita profundidade ou nuances, o público-alvo era aquele de pouca educação formal. Dessa forma, a arte sequencial se tornou uma espécie de taquígrafia, que se valia de estereótipos para abordar as questões humanas. Os leitores que buscavam temas mais sofisticados e uma narrativa mais sutil e complexa precisavam aprender a ler as palavras. (EISNER, 2010, p.149).

Figura 3 – Livro dos Mortos



Fonte: Aventuras na História, 2021.

Figura 4 – Detalhe da Coluna de Trajano



Fonte: IMBROISI, 2021.

Figura 5 – Tapeçaria de Bayeux



Fonte: STEIN e COSTA, 2021.

Já no século XVIII na Europa, com o desenvolvimento da impressão – iniciada por Johannes Gutenberg ainda no século XV – à medida que se tornavam cada vez mais comuns obras impressas, o uso de imagens nessas obras também crescia, principalmente as de conteúdo humorístico e moralista, fazendo com que tais escritores ganhassem certa fama. Nesse cenário, destaca-se Rodolphe Töpffer (1799-1846), autor de *Histoire de monsieur Jabot* (1833), considerado por muitos a primeira história em quadrinhos a ser impressa. Anos depois, o autor publicou *Histoire de monsieur Vieux Bois* (1837), logo traduzida para o inglês. Conforme afirma Kees Ribbens (2017), essa obra, que foi redesenhada por outro artista, apareceu em Londres e foi reimpressa em 1842 na cidade de Nova York, sendo chamada de *The Adventures of Mr. Obadiah Oldbuck*. Essas leituras traziam certa ironia: o personagem Sr. *Jabot* é um homem atrapalhado de classe média que busca um lugar na alta sociedade, por ser uma crítica à sociedade da época, era uma leitura que circulava entre jovens estudantes e o público adulto (CAMPOS, 2015). E assim, a ideia dos quadrinhos enraizada nas tradições europeias de escrita e desenho chegou e se estabeleceu nos Estados Unidos.

Figura 6 – Histoire de monsieur Jabot (1833)

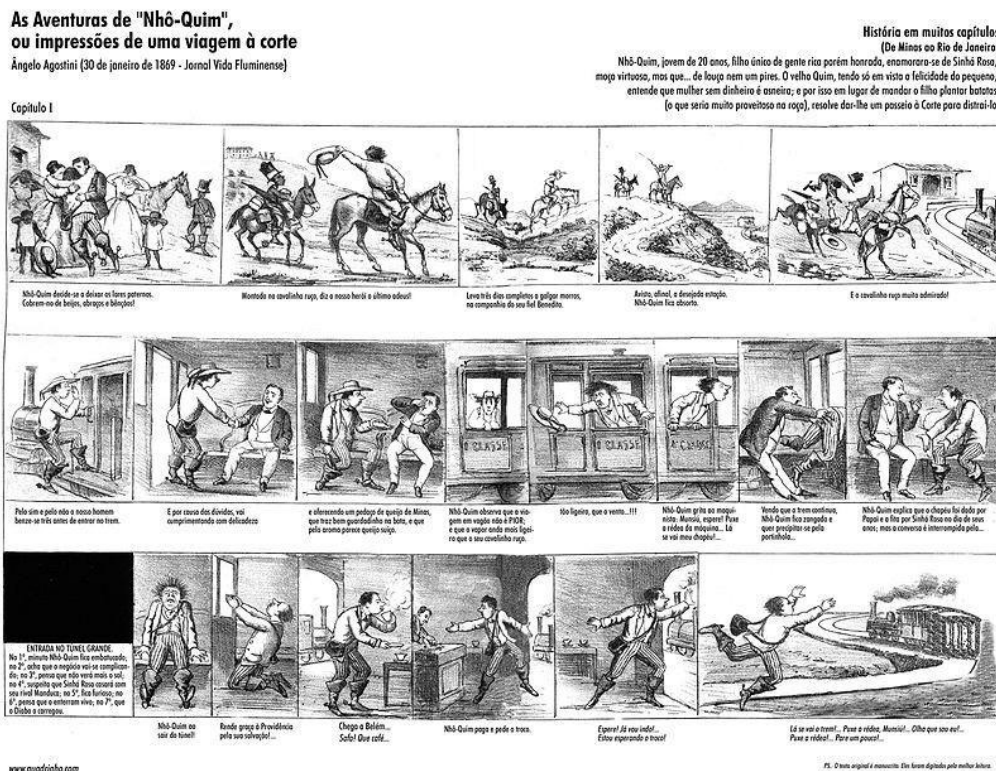


Fonte: TÖPFFER, 1833.

Portanto, os primeiros registros do que hoje chamamos de histórias em quadrinhos, no sentido mais moderno possível, surgiram em meados do século XIX. Nos Estados Unidos, costuma ser lembrado o pioneirismo de Richard F. Outcalt, que em 1895 criou o *Yellow Kid*, considerado por muitos o primeiro personagem das histórias em quadrinhos. No Brasil, são conhecidas *As aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de uma viagem à corte*, de Angelo Agostini, trabalho publicado pela primeira vez em 30 de janeiro de 1869, na revista *Vida Fluminense* do Rio de Janeiro. A revista era um periódico semanal publicado entre os anos 1868-1875, e pode ser considerada como um dos antecessores históricos do jornalismo brasileiro, que chamava atenção por seu material gráfico-visual. Era um periódico publicado na corte e que buscava alcançar todos os tipos de leitores. O próprio Angelo Agostini era um dos sócios da revista. (LUCAS, 2013).

Esse marco na narrativa gráfica brasileira teve sua importância reconhecida, tanto que o dia de aniversário do lançamento de *As aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de uma viagem à corte*, foi proclamado pela Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo, em 1984, como o Dia do Quadrinho Nacional. (VERGUEIRO, 2017).

Figura 7 – *As aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de uma viagem à corte*, de Ângelo Agostini, 1869.



Fonte: *As Aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte*, 2006.

Com o desenvolvimento da indústria tipográfica e de grandes cadeias jornalísticas embasadas na tradição iconográfica, consolidou-se uma produção massificada e padronizadora dos quadrinhos. Com a preferência do público pelos textos com imagens e a possibilidade do jornal colorido aos domingos, jornais como o *The World* de Joseph Pulitzer passaram a encomendar máquinas especiais para tal produção (MOYA, 1977).

Ainda que histórias ou narrativas gráficas contendo os principais elementos da linguagem dos quadrinhos possam ser encontradas, paralelamente, em várias regiões do mundo, é possível afirmar que o ambiente mais propício para seu florescimento localizou-se nos Estados Unidos do final do século XIX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados para que as histórias em quadrinhos se transformassem em um produto de consumo massivo, como de fato ocorreu. (VERGUEIRO, 2018, p. 10).

Barbara Postema (2018) destaca que o termo quadrinhos surge no início do século XX, quando as pessoas buscavam encontrar nos jornais semanais as “*Funny Pages*”, que remetiam a algo engraçado e cômico. Segundo Postema, o termo “quadrinhos” em inglês, *comics*, que remete ao cômico e à comédia, pode ser considerado como um termo de certa imprecisão, uma vez que nem todos os quadrinhos possuem conteúdos de humor. Há uma variedade de obras que abordam temas mais complexos e direcionados para o público adulto.

Já na década de 1930 surgem as histórias e personagens que ganhariam maior prestígio, como *Flash Gordon* (1934) de Alex Raymond e *Tarzan* (1937) de Burne Hogarth. Tais produções traziam não só o conceito do herói tão utilizado nas histórias em quadrinhos do tempo presente, como também uma boa produção artística em seus desenhos. Em 1938, mediante o sucesso do novo gênero, foi criada nos Estados Unidos a *Action Comics*, na qual temos a primeira aparição do *Superman*, inaugurando a “Era de Ouro” dos super-heróis que hoje fazem enorme sucesso na cultura pop. Já no final da década de 1940 e início da de 1950, no clima tenso da Guerra Fria, os quadrinhos passaram a ser vistos com uma crescente desconfiança por alguns setores conservadores da sociedade, que relacionavam algumas dessas revistas, sobretudo as de histórias de terror e quadrinhos mais violentos, a problemas que afligiam a sociedade.

Em 1954, a indústria norte americana de revista em quadrinhos instituiu seu organismo de autorregulação, o *Comics Code Authority*, como uma resposta ao “pânico” anti-quadrinhos provocado pelo autor de *Seduction*

of the Innocent [A sedução dos inocentes], dr. Fredric Wertham, e por audiências no Congresso sobre a delinquência juvenil. A autocensura restritiva do Código, juntamente com a crescente popularidade da televisão, levou a uma crise na indústria de quadrinhos norte-americana. (MAZUR e DANNER, 2014, p.14).

Como resposta às mudanças e como resultado de uma revolta cultural, houve um momento marcante para as histórias em quadrinhos a partir dos anos 1960. Era o surgimento do movimento *underground*, em que os criadores escreviam e ilustravam para expressar suas ideias, sem censura ou interferências editoriais. Eles apostavam nos prazeres da leitura das HQs, (antes consolidada apenas ao público infantil) para um público adulto. Esses quadrinhos rompiam com alguns tabus e traziam nudez, sexo, violência e o humor irreverente em suas páginas. São exemplos desse período a revista *Zap Comix*, do cartunista americano Robert Crumb, e a revista *Mad*, conhecida por seu humor satírico. Esse estilo de HQ fez com que a indústria de quadrinhos voltada para os super-heróis (os quadrinhos *mainstream*) da década de 1960 fosse perdendo força e entusiasmo entre seus leitores. (MAZUR e DANNER, 2014).

Em 1973, o *boom* dos quadrinhos *underground* chegou ao fim nos Estados Unidos. Isso se deu principalmente por uma decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos, que determinou que as comunidades locais passassem a ter o poder de estabelecer suas próprias regras em relação aos padrões de obscenidade. Dessa forma, as *head shops*², que outrora foram importantes pontos de comercialização, interromperam as vendas dos *comics*, pois estavam sofrendo constante pressão das forças antidrogas. Nos anos seguintes, os quadrinhos *underground* vão perdendo força e dando espaço para as obras com menos ênfase em quebrar tabus. As autobiografias e memórias em quadrinhos, por outro lado, vão ganhando destaque, caso de *American Splendor* de Harvey Pekar em 1976.

Por volta de 1978, quando Will Eisner lança a obra *A Contract with God and Other Tenement Stories* (*Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço*, tradução livre), a comercialização ocorreu em livrarias convencionais, e não massivamente em lojas especializadas em quadrinhos (*comics shop*), abrindo, dessa forma, uma maior visualização para as HQs e trouxe em sua capa o selo “Uma *graphic novel*”. O termo, no entanto, como afirmam Mazur e Danner (2014) já havia sido utilizado anteriormente em

² *Head Shops* eram lojas que vendiam acessórios para o uso de drogas e pôsteres de rock psicodélico. (MAZUR e DANNER, 2014).

outras obras como *Bloodstar (Estrela sangrenta)* de Richard Corben e *Beyond Time and Again (Além do tempo e novamente)* de George Metzger. Embora Eisner não seja o inventor do conceito *graphic novel*, ele contribuiu muito para sua popularização. Essas obras caracterizavam-se por serem maiores, em tamanhos semelhantes aos livros e pelos conteúdos mais sérios em formato de quadrinhos, elevando ainda mais as histórias em quadrinhos como forma de arte para um público adulto.

Will Eisner nasceu em 1917 nos Estados Unidos (1917-2005). Foi ele o criador de um dos mais famosos personagens dos quadrinhos – *Spirit* (1940) – e precursor da HQ moderna. Está entre os nomes mais relevantes das histórias em quadrinhos e responsável pela renovação das HQs. Tornou-se conhecido por suas tramas narrativas e inovações gráficas nas histórias. Com o maior reconhecimento e espaço no mercado editorial, houve uma tendência em se utilizar do termo *graphic novel*, já que ele abrangeria todas as formas do gênero quadrinho, fossem elas cômicas ou dramáticas, ficcionais ou históricas. Para Eisner, as *graphic novels* elevaram os níveis de estrutura das HQs, pois o vocabulário da arte sequencial nos Estados Unidos desenvolveu-se substancialmente e encontrou um grande público, iniciando muitos jovens na leitura.

Nesse sentido, podemos dizer que as *graphic novels* iniciadas por Eisner, abrem caminho não só para uma gama de quadrinhos com temas mais adultos, mas também para os quadrinhos com temas históricos, como as obras tratadas neste trabalho. É um novo perfil de HQs que permite essas novas narrativas. Eisner (2010) destaca que devido ao uso presumido de que as HQs fossem destinadas a um público infanto-juvenil, elas demoraram algumas décadas para se firmarem como propícias às discussões acadêmicas. Considerando-as como arte de comunicação, ampliamos seus estilos para diversos usos. Destaca-se nesta nova “onda” as HQs de Art Spiegelman *Maus – A história de um sobrevivente* de 1980 como uma obra referenciada enquanto HQ que debate uma temática densa e sobre a historiografia, no caso de *Maus*, evidenciando a história do holocausto, e consolidando as HQs como produto também destinado para o público adulto.

A primeira publicação de *Maus* surge na revista *Raw*, no contexto dos anos 1980, marcada por um movimento *underground* de cartunistas que buscavam novas formas de fazer quadrinhos, como “quadrinhos alternativos”, experimentando formas mais sofisticadas nas ilustrações e edições. Buscavam também uma forma de publicar narrativas em consonância com um movimento de anticensura. O próprio Art Spiegelman foi um dos fundadores da revista *Raw*, que contava com muitos criadores *undergrounds* e de vanguarda, que trabalhavam com uma linha de experimentação visual e estrutural.

Ainda nos anos de 1980, começou uma crescente popularização dos quadrinhos nos Estados Unidos graças a uma proliferação das *comics shops* com acervos abundantes no gênero. Empresas como a *DC Comics*, com artistas como Frank Miller e Alan Moore, estavam vivenciando uma significativa elevação nas vendas e um revigoramento da indústria. O mercado se abriu para obras que alcançaram grande popularidade. McCloud (2006) cita como expoentes desse momento *The Dark Knight Returns* (no Brasil, *O Cavaleiro das Trevas*) de Frank Miller; *Watchmen* de Alan Moore e Dave Gibbons e *Teenage Mutant Ninja Turtles (Tartarugas Ninja)* de Kevin Eastman e Peter Laird.

A *Marvel Comics* também se destacava com artistas inovadores como Todd McFarlane, Rob Liefeld e Jim Lee. Em meio a situações adversas, nas quais os artistas tinham o controle de suas próprias histórias, ocorreram polêmicas quanto a um tom mais pesado e algumas histórias com conteúdos considerados inadequados/impactantes. Diante disso, utilizavam-se diversas estratégias para a popularidade, como as capas em alto relevo, marketing pesado, divulgando-as como itens valiosos para colecionadores.

Dessa forma, entre 1994 a 1998 ocorreu uma queda no mercado americano e muitas *comics shops* fecharam as portas. Isso ocorreu devido a um efeito de “bolha especulativa”. As tiragens eram muito maiores do que o real número de leitores, e isso era resultado de uma empolgação, certo colecionismo e a especulação para a revenda. Talvez por conta das próprias limitações da época, demorou muito para que a indústria percebesse esse desequilíbrio entre oferta e procura. (McCLOUD, 2006).

Apesar dessas dificuldades, havia um interesse comum entre grande parte dos artistas de que os quadrinhos, como destaca McCloud (2006), poderiam constituir “um corpo de obras **digno de estudo**, representando significativamente a **vida**, os **tempos** e a **visão de mundo** do autor.” (McCLOUD, 2006, p.10). Considera-se a partir dessa visão que os quadrinhos poderiam abarcar a literatura, ser considerado como obra de arte, ter um melhor espaço dentro do mercado, envolver temas que incluíssem e representassem as minorias. Isso contribuiu para que entre 1984 e 1994 houvesse um progresso entre obras de significativa seriedade e profundidade, como *Do Inferno* de Alan Moore e Eddie Campbell, por exemplo.

Nesse sentido, outras obras foram além dos clássicos populares, alcançando leitores não só de quadrinhos e se destacaram por suas características mais independentes e com conteúdos mais complexos e voltados a um público mais maduro. Mais uma vez, destacamos *Maus* de Art Spiegelman; *Love and Rockets* dos Irmãos Hernandez; *Eightball* de Daniel Clowes, entre tantas outras. Essas obras abriram espaço para que até hoje os

gêneros mais alternativos dos quadrinhos tenham fôlego. São obras mais densas, com conteúdos e questões que vão além do entretenimento. Diferente das editoras *mainstream*, não buscavam tiragens grandiosas, focando em um público específico e fiel. Destacam-se inclusive os quadrinhos jornalísticos na década de 1990, como os de Joe Sacco por seu trabalho publicado como série em *Palestina* (1993-1995).

Postema (2018) também menciona a década de 1990 na Europa como uma virada no comportamento dos artistas e no *marketing* dos quadrinhos. Essa tendência seguiu também pela América do Norte. Nessa época, os autores adotaram uma arte mais “erudita” dotada de sensibilidade, mesmo que isso significasse perder um pouco da atratividade que caracterizou os quadrinhos nos anos 1940 e 1950, quando as histórias se baseavam em roteiros mais simples e as tiragens eram na casa dos milhares.

O panorama atual dos quadrinhos é promissor. As traduções e distribuição das HQs vêm obtendo uma boa saída no mercado, e o conceito dos quadrinhos enquanto arte tem sido aceito e cada vez mais consolidado. As *graphic novels* estão chegando a um público mais amplo, sobretudo se comparado aos quadrinhos de super-heróis. (MAZUR e DANNER, 2014). Cabe destacar que chegar a esse patamar foi um caminho longo e árduo, considerando toda trajetória da história dos quadrinhos e os preconceitos que foram e ainda vem sendo superados.

Por volta dos anos 1970, nos Estados Unidos, a idade média dos leitores de quadrinhos foi crescendo significativamente, indicando uma forte influência cultural que os quadrinhos poderiam exercer na sociedade. Segundo os autores:

A qualidade do trabalho destinado a jovens leitores é possivelmente a maior da história dos quadrinhos norte-americanos. Adotada por educadores e documentaristas, a *graphic novel* para jovens adultos está entre os fatores mais importantes para a aceitação cultural mais ampla dos quadrinhos. Assim, testemunhamos um irônico círculo completo: a histeria anti-quadrinhos dos anos 1950, liderada principalmente por educadores e psicólogos infantis, como o dr. Fredric Wertham, primeiro prejudicou a indústria, em seguida, alimentou a revolta *underground* e o começo dos quadrinhos adultos. Agora, parece que a convicção de muitos educadores de que os quadrinhos são bons para crianças e adolescentes é um dos patrimônios mais valiosos do meio. (MAZUR e DANNER, 2014, p.306).

Quadrinhos chamados de “*floppy*”, termo designado às revistas de papel fino, foram sendo substituídos por volumes maiores e únicos em meados do final da década de 2000. Foi uma transição para obras como *From Hell (Do Inferno)* 1999, de Alan Moore

e Eddie Campbell; *Black Hole*, de Charles Burns (2005). Esses novos formatos foram inseridos em um amplo rótulo das “*graphic novelist*”:

O que é exatamente, uma *graphic novel*? Apesar do sucesso da forma nas últimas décadas, o debate continua: coletâneas de obras originalmente publicadas como séries deveriam ser chamadas *graphic novels*? Coletâneas de “trades” de títulos tradicionais em curso contam? As *graphic novels* precisam ser ficcionais, ou obras de não ficção também valem? Trabalhos tão diversos como *Desvendando os quadrinhos* (um longo ensaio), *Watchmen* (quadrinhos de super-heróis em séries), *Persépolis* (um livro de memórias, não ficção) e *Um Contrato com Deus* (uma coletânea de contos) são comumente aceitos como *graphic novels*; claramente o termo abarca um leque mais diversificado de obras do que uma interpretação literal poderia sugerir. (MAZUR e DANNER, 2014, p.295).

Temos, portanto, uma mudança importante no mercado dos quadrinhos, a ideia de que uma obra possa ser lançada em um único volume, completa e autossuficiente, não necessariamente no formato de séries como eram popularmente conhecidas.

As obras de ficção literária em quadrinhos foram diminuindo no final da década de 2000. No entanto, as autobiografias e memórias, como vimos, passaram a dominar as críticas e vendas no mercado editorial, consolidando-se como importante gênero das *graphic novels* nos Estados Unidos, grandes exemplos são as obras *Retalhos* (2003), de Craig Thompson e *Persépolis* (2000), de Marjane Satrapi. As formas jornalísticas de não-ficção também se tornaram um campo atrativo para os artistas das *graphic novels*:

[...] O jornalismo em quadrinhos é um campo emergente, liderado por Joe Sacco, que continuou a documentar personagens e eventos em áreas do mundo devastadas pela guerra, de *Palestina* (1996) ao conflito na Bósnia em *Safe Area Gorazde [Área de segurança Gorazde]* (2000) e *The Fixer* (2003), antes de retornar à Gaza ocupada, para a sua mais ambiciosa e importante obra de investigação histórica, *Footnotes in Gaza [Notas sobre Gaza]* (2009), que apresentava o ponto de vista palestino em dois supostos massacres pelas tropas israelenses durante os anos 1950. (MAZUR e DANNER, 2014, p.300).

Essa breve retomada da história dos quadrinhos não tem a pretensão de abarcar tudo que já foi publicado, pois estamos diante de um campo muito amplo, e ela teve suas particularidades em cada país. A intenção é de justificar as principais trajetórias do mercado editorial de HQs e as mudanças que foram ocorrendo de acordo com a época. Isso nos dá uma melhor compreensão do momento em que as obras de Marcelo de D’Salete foram publicadas, com abertura para abordar temas históricos.

1.2 A linguagem das histórias em quadrinhos

Os quadrinhos podem parecer numa primeira impressão superficial, uma forma simples de junção entre texto e imagem, ou por muitas vezes não apresentarem nem mesmo a narrativa escrita, passando, então, para os mais desatentos a impressão de uma leitura mais simplista. No entanto, essa narrativa tão própria dos quadrinhos é algo único, sobretudo se comparado a outras formas narrativas contemporâneas como cinema, videogame, etc. Will Eisner usa o termo “Arte Sequencial” para descrever as histórias em quadrinhos. McCloud (2005) aprofunda tal explicação afirmando que uma mera figura tomada individualmente não alcança o objetivo de passar o sentido de uma história, “no entanto, quando são partes de uma **sequência**, mesmo uma sequência só de **duas**, a arte da **imagem** é transformada em algo mais: **a arte das histórias em quadrinhos!**” (McCLOUD, 2006, p.5).

As histórias em quadrinhos têm como uma de suas características serem uma forma de comunicação baseada na fragmentação da linearidade narrativa por parte do autor, sendo que essa linearidade deve ser refeita pelo leitor no momento da produção de sentido, ou seja, é um tipo de leitura que exige do leitor sua ativa participação para a reelaboração desses fragmentos postos nas páginas das HQs. Ainda descrevendo sua caracterização, aspectos comuns a outras artes e pontos peculiares aos quadrinhos, Postema afirma:

Os quadrinhos compartilham características com uma série de formas de arte diferentes. Como a literatura escrita, os quadrinhos contam histórias e utilizam palavras. Além do texto, e diferentemente (a maioria) da literatura, os quadrinhos também usam imagens, frequentemente na forma de quadros nas páginas. Como o cinema, os quadrinhos contam histórias e usam imagens, mas, em contraste ao filme, as imagens nos quadrinhos existem simultaneamente, separadas apenas pelo espaço, enquanto as imagens no filme estão todas no mesmo espaço (a tela) e vão sendo substituídas ao longo do tempo. Ainda, o aspecto formal dos quadrinhos que mais o distancia claramente desses dois gêneros narrativos é a maneira como a forma é construída com sequências de imagens que trabalham juntas para compor a narrativa. A sequência – e a sua dupla estrutural, o layout da página – está onde a função de significação da ausência, o gap, é mais prontamente visível nos quadrinhos. No layout e na sequência, o gap, ou lacuna, está literalmente presente e pede para ser lido. [...]. (POSTEMA, 2018, p.22).

McCloud (2005) também destaca essas características que diferenciam os quadrinhos de outras formas de arte. O autor define as HQs da mesma forma como Will

Eisner, isto é, como “Arte sequencial”. No entanto, ele contribuiu com tal conceito fazendo um contraponto a outras formas de arte, como o cinema e as formas de animação, já que nos quadrinhos, a arte sequencial é justaposta, cada quadro ocupando um espaço diferente, e não sequencial no tempo, como nos filmes e animações. Ou seja, se o quadro do filme é projetado no mesmo espaço, nos quadrinhos as imagens são colocadas justapostas, sendo o espaço nos quadrinhos o que o tempo é para os filmes.

Para McCloud, pela definição de arte sequencial, pode-se considerar desde os vitrais em cenas bíblicas, manuais de instrução ilustrados, fotonovelas, e as pinturas em série de *Monet* como exemplos de histórias em quadrinhos. Porém, especificando-se mais, a definição de histórias em quadrinhos segundo o autor seria: “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador.” (McCLOUD, 2005, p.20). O autor ainda afirma que definir quadrinhos não é tarefa fácil, pois as HQs abrangem inúmeros mundos possíveis, e que as definições de quadrinhos são um processo contínuo que não estão por fim.

Considerando que a leitura funciona como um processo de construção de significados, os quadrinhos se utilizam de códigos para essa construção, sendo que o mais comum encontrado nos quadrinhos é o código linguístico e visual. Os quadrinhos trazem diversos elementos a serem analisados. São elementos pictóricos, textuais e na sua maioria híbridos. As molduras ou quadros também são importantes e podem transmitir uma mensagem/intenção na forma em que são postas (como a localização, fonte etc.).

Os quadrinhos criam o “inteiro” a partir de “buracos”. Ao conectar esses fragmentos, preencher as lacunas envolve diversos e diferentes tipos de leitura, em que apenas uma é a leitura de palavras. A estrutura fragmentada dos quadrinhos envolve muitos códigos e signos variados em cada nível de significação (desenhos, layout, sequência, narrativa) e, conseqüentemente, exigem diferentes formas de decodificação em cada nível. (POSTEMA, 2018, p.24).

A leitura das imagens não é algo simples, pois em geral, não somos treinados para esse tipo de leitura. O próprio Will Eisner levanta essa temática citando como exemplo a fala em um artigo de 1977 na *Harvard Education Review* de Tom Wolf:

Durante os últimos cem anos, o tema da leitura tem sido diretamente vinculado ao conceito de alfabetização; (...) aprender a ler (...) tem significado aprender a ler palavras (...) Mas (...) gradualmente a leitura foi se tornando objeto de exame mais detalhado. Pesquisas recentes mostram que a leitura de palavras é apenas um subconjunto de uma atividade humana mais ampla, que inclui a decodificação de símbolos,

a integração e a organização de informações (...). Na verdade, pode-se pensar na leitura – no sentido mais genérico – como uma forma de atividade de percepção. A leitura de palavras é uma manifestação dessa atividade; mas existem muitas outras leituras – de figuras, mapas, diagramas, circuitos, notas musicais (...). (Apud EISNER, 2015, p.2).

As imagens exigem um processo de significação dentro de cada quadrinho, ainda mais quando são postas com ausência de detalhes. A lacuna é vista como parte inerente da abstração, algo típico das HQs. Pela semiótica do quadro, vários códigos são mencionados, como o pictórico, códigos de expressão humana e gestual, códigos espaciais e temporais dentro uma imagem única e estática. (POSTEMA, 2018).

Tanto o quadro como a moldura da página precisam ser analisados à parte. A imagem é o que compõe o conteúdo do quadro. Já o *layout* da página é criado por molduras e sarjetas, sendo essas as que “separam os quadros individuais, criando estrutura e ordem. As lacunas entre os quadros são, em última instância, o que cria sequência e continuidade de uma série fragmentada de quadros separados.” (POSTEMA, 2018, p.22).

Figura 8 – *Maus* – A história de um sobrevivente, 1980.



Fonte: SPIEGELMAN, 2009, p.14.

Figura 9 – Maus – A história de um sobrevivente, 1980



Fonte: SPIEGELMAN, 2009, p.232.

Os espaços entre os quadros das HQs são chamados de sarjetas, sendo que estas podem ser consideradas como lacunas no tempo, responsáveis por criar uma atmosfera de mistério, além de colaborar para a essência dos quadrinhos. No exemplo acima, na figura 10, temos um trecho de *Maus*, em que a sarjeta separa um breve momento, fora e dentro do quarto. Já na figura 11, ela separa um período de tempo maior, distanciando o relato do pai de Art com as imagens de suas lembranças. Dessa forma, é exigido do leitor uma leitura ativa e criativa, visto que é necessário decodificar o *layout* e a sequência, de forma que as sequências precisam ser preenchidas e exigem uma conclusão.

Juntos, os quadros, as molduras, e as sarjetas significam que os quadros precisam ser considerados um em relação aos outros, e não apenas por si mesmos. A forma como essas conexões precisam ser feitas é regida pela maneira como os quadros são dispostos na página, pela forma dos quadros e das molduras, e pela aparência das sarjetas. Todos esses elementos juntos criam o *layout* da página dos quadrinhos, em outras palavras o *layout* institui as condições para a leitura. (POSTEMA, 2018, p. 58).

Na estrutura dos quadrinhos, um fenômeno importante é a observação das partes, mas com a percepção do todo, que seria chamado de “conclusão”. Isso se dá por nossa experiência comum de vida, e podem assumir formas simples ou mais complexas. McCloud (2005) ressalta o quanto os quadrinhos se utilizam da conclusão, em que o público colabora de forma consciente e voluntária, sendo um agente de mudança, tempo e movimento.

A participação do público na leitura dos quadrinhos é considerada por McCloud como uma “força poderosa”, não só nas HQs, mas em qualquer mídia. Quando o público passa a usar a imaginação para tirar suas próprias conclusões, ele simula tempo, movimento e tornam a leitura do quadrinho mais dinâmica. Para o autor, “nas histórias em quadrinhos, a conclusão cria uma intimidade que só é superada pela palavra escrita, um pacto secreto entre o criador e o público.” (McCLOUD, 2005, p.69).

1.3 Histórias em quadrinhos e divulgação do conhecimento

Por meio de tantos exemplos percebe-se uma mudança ocorrendo no cenário das histórias em quadrinhos. Elas foram se desenvolvendo não somente nos seus aspectos gráficos e estéticos, mas também sofisticando seus conteúdos. No campo científico não foi diferente. Cada vez mais podemos encontrar quadrinhos que são frutos de pesquisas de diversas áreas do conhecimento. Podemos dizer que o campo acadêmico percebeu que para alcançar novos públicos era necessário diversificar as formas de comunicação, e com toda a expansão no mercado dos quadrinhos e sua crescente popularização, este tem sido um dos meios para se divulgar conhecimento. Os quadrinhos podem oferecer novas formas de compreensão do mundo, e por meio das ilustrações nos fornecer mais dados, e ainda utilizar a ficção como forma de ensino. O que antes estava apenas em produções formais, pode ser divulgado de forma mais acessível, sem perder seu rigor teórico.

Importantes avanços na área da divulgação científica por meio das HQs (principalmente pela via digital³) já vêm acontecendo em diversos lugares da Europa, Estados Unidos e, mais discretamente, no Brasil. No entanto, de uma forma geral, trata-se de uma linguagem ainda pouco explorada pelos historiadores. Tomemos como exemplo estudos nas áreas das ciências biológicas, em que o uso das tirinhas ajuda na audiência para que maiores públicos possam compreender o assunto. É o caso da

³ Para saber mais dessa “virada digital” e da história digital, ver NOIRET, S. História Pública Digital. In: **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015.

ilustradora norte-americana Karen Romano Young, que produziu histórias em quadrinhos referentes a uma pesquisa de expedição científica realizada por pesquisadores do Laboratório Oceanográfico Bigelow, nos Estados Unidos (Pierro, 2018). Segundo Karen, “a linguagem das histórias em quadrinhos [HQs] permite a compreensão mais rápida de temas científicos ao explorar recursos visuais e não apenas de texto, deixando o conteúdo mais atraente” (PIERRO, 2018, p.33).

Um grande financiador de trabalhos envolvendo histórias em quadrinhos é o Conselho Europeu de Pesquisa (ERC), que tem uma linha específica para apoiar a produção de HQs científicas. Tal programa é o *ERCcOMICS*, que financia quadrinhos on-line (*webcomics*) inspirados em projetos realizados no âmbito do ERC (Conselho Europeu de Pesquisa). Graças a iniciativas como esta, há uma profícua aproximação entre artistas (quadrinistas) e cientistas, algo que no Brasil ainda parece ser pouco explorado e novo. Apesar disso, começam a surgir no Brasil iniciativas semelhantes, a exemplo do Centro de Pesquisa, Inovação e Disseminação em Neuromatemática (NeuroMat), um dos Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepid) apoiados pela FAPESP. Foi lançada pela instituição *Os Braços de Nildo e Rony*, uma HQ que orienta pacientes com lesão traumática do plexo braquial. (PIERRO, 2018).

Matteo Farinella, da *Universidade Columbia*, nos Estados Unidos, criou o *Cartoon Science*, que é uma espécie de repositório que reúne cerca de 85 quadrinhos de ciência. Farinella aponta que o preconceito com o humor dentro da comunidade científica ainda é um entrave para o surgimento de novas HQs de ciência. “Os quadrinhos ainda são vistos como uma ferramenta apenas para tornar a ciência mais divertida e acessível às crianças” (PIERRO, 2018, p. 37). No entanto, para o autor, a linguagem pode ser empregada para falar de assuntos complexos sem promover simplificações rasteiras.

Mazur e Danner (2014) apontam também alguns exemplos de quadrinhos que vêm ganhando espaço inclusive nas áreas de ciências educacionais e como resultado de pesquisas científicas, citando exemplos internacionalmente conhecidos, como os trabalhos em *graphic novels* do cartunista-entomologista Jay Hosler *Clan Apis* (2000), que discorre sobre a vida de uma abelha melífera, e sobre a evolução em *The Sandwalk Adventures* (2003).

No Brasil, não podemos deixar de destacar o Observatório de Histórias em Quadrinhos em São Paulo, ligado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). O Observatório existe desde 1990 e atualmente é coordenado pelo professor Waldomiro Vergueiro, contando com a contribuição de outros diversos

pesquisadores da área. É um espaço de discussão permanente sobre os quadrinhos e tem como principal objetivo formar pesquisadores e trabalhar os quadrinhos no contexto das pesquisas acadêmicas, ministrar disciplinas e incentivar atividades de extensão sobre o tema.

As HQs têm, dessa forma, a possibilidade de atingir maiores públicos, inclusive para aqueles que não tenham acesso pelo meio acadêmico, e como já destacado, os quadrinhos podem ser um meio facilitador, tanto para adultos, como para crianças no processo de ensino-aprendizagem.

1.4. A história que aparece nas histórias em quadrinhos

No início do século XX surgem revistas em quadrinhos com algum teor histórico. A exemplo temos *Tintim* (1929) e *Spirou* (1938) na Bélgica, e a revista *True Comics*, nos Estados Unidos, iniciada em 1941, apresentando em sua narrativa eventos históricos e de sua época. As histórias de *Tintim* produzidas por Hergé, apresentam seu personagem em vários contextos históricos, desde *Tintim* na União Soviética mostrando uma tendência do autor em criticar a experiência política da URSS, ou a ida do personagem ao Congo, sendo uma HQ polêmica devido a uma narrativa considerada por muitos racista. Dessa forma, Hergé retratava acontecimentos históricos a partir de sua visão eurocêntrica. Já nos quadrinhos *Spirou* de Schwartz & Yann o personagem se aventurava no contexto da Segunda Guerra Mundial e da ocupação da Bélgica por tropas alemãs.

Nos pós-guerra, em meados da década de 1950, houve uma queda significativa da venda dos quadrinhos de super-heróis (era do ouro dos quadrinhos norte-americanos), abrindo espaço para novos gêneros como o faroeste, romance, crime, entre outros. E nos anos 1960 os quadrinhos foram respondendo a uma mudança que estava ocorrendo na sociedade, com o surgimento dos quadrinhos mais voltados para o público adulto. Essas mudanças foram vistas não só no contexto dos Estados Unidos, mas nos *mangás* japoneses no pós-guerra, que também se voltaram para um estilo mais adulto, como o estilo *gekiga*, que significava uma “imagem dramática”, com histórias de suspense e mistério. (MAZUR e DANNER 2014).

Os quadrinhos foram ganhando um novo fôlego e passaram a receber maior notoriedade em meados da década de 1970/80 com o movimento *urderground*, foram se tornando capazes de atingir um público mais amplo e maduro. O crescimento das HQs entre o público adulto foi consolidado com a publicação de *Maus – A história de um sobrevivente* de Art Spiegelman. Essa obra foi ganhadora do Prêmio Pulitzer e é

considerada um ponto de referência no mundo dos quadrinhos e desde seu aparecimento tem contribuído para popularizar certos aspectos da História do Holocausto.

Art Spiegelman começou a publicar *Maus* em 1980, sendo uma das obras mais relevantes em HQs até hoje produzidas. A HQ contava a história dos pais de Spiegelman em meio ao Holocausto. O autor retratou tal episódio ilustrando os nazistas como gatos, os judeus como ratos, os poloneses como porcos e os americanos como cães. Spiegelman utilizou uma metáfora visual de animais antropomorfizados, e o que tornou *Maus* uma obra tão importante no universo das histórias em quadrinhos foi tratar um tema histórico sensível por uma mídia considerada até então muito infantil.

Spiegelman nasceu na Suécia em 1948. Ele é ilustrador, cartunista e autor de histórias em quadrinhos. Na década de 1990 trabalhou na revista norte americana *The New Yorker*, sendo que seus trabalhos mais reconhecidos foram *Maus* e *In the Shadows of No Towers* (À sombra das torres ausentes, em tradução livre) de 2004, em que relata experiências relacionadas ao ataque às Torres Gêmeas em 2001 em Nova Iorque. *Maus* lhe rendeu um prêmio *Pulitzer*, uma bolsa *Guggenheim* e indicações para o Prêmio do *National Book Critics Circle*. O quadrinista americano e importante defensor dos quadrinhos como uma forma literária e de arte autônoma, Scott McCloud (2006) aponta que a obra chegou à lista dos mais vendidos do *The New York Times*, sendo classificada por engano como “ficção”. *Maus* foi publicada como série limitada, entre 1980 e 1991 na *Raw*.

Nesta obra, Art Spiegelman traz memórias pessoais, em que entrevista seu pai Vladek Spiegelman, um sobrevivente judeu dos campos de concentração em Auschwitz. Além das narrações de fatos históricos contadas por Vladek, a HQ aborda a relação delicada entre o autor e o pai como uma forma de reconciliação entre os dois. São as memórias do pai do autor que nos transportam para a realidade vivida no Holocausto e seu confinamento em Auschwitz. A arte utilizada nesta obra é toda em preto e branco. Trata-se de uma arte “crua”, que não romantiza a situação vivida pelos personagens.

Obras como essa de Spiegelman são exemplos de como as histórias em quadrinhos podem abranger temas importantes da História e o quanto o estudo da História tem a ganhar utilizando-se das HQs para a popularização de seus conteúdos, sejam os quadrinhos autobiográficos como em *Maus*, entre outros. *Maus* é um exemplo de HQ que rompe com paradigmas sobre os conteúdos dos quadrinhos. É uma leitura capaz de demonstrar o quanto os quadrinhos contribuem para o conhecimento histórico, e de como é possível usar esse tipo de mídia para abordar temas complexos de forma sensível. Art

Spiegelman não é historiador profissional, mas um artista, ilustrador e cartunista. A fidedignidade de sua obra vem de experiências vivenciadas por sua família.

Obras como *Maus*, e em grande medida graças a ela, são cada vez mais comuns no campo das HQs. Os quadrinhos vêm sendo utilizados com mais frequência por autores que querem narrar conteúdos dos mais diversos tipos, como conteúdos científicos, históricos, jornalísticos, literários, entre outros gêneros. O mercado editorial dos quadrinhos se abriu para esses novos campos e percebeu que era possível alcançar novos públicos.

Maus é exemplo de uma obra marcante, que significa uma virada na história das HQs modernas. Mas essa obra não é a primeira experiência de quadrinhos históricos. Alguns anos antes, em 1973, no Japão, Keiji Nakazawa lançava *Hadashi no Gen* (Gen Pés descalços), obra que também tinha como pano de fundo a Segunda Guerra Mundial, mas retratando, por sua vez, o bombardeamento em Hiroshima. É outro exemplo de como é possível usar uma narrativa de HQ para contar um episódio histórico sensível, mas de forma lúdica e envolvente. A história é uma semiautobiografia. Conta a história de um menino que tenta ajudar o que sobrou de sua família após o bombardeio, bem como o sofrimento causado pela explosão da bomba atômica e a radiação por ela liberada, abordando, inclusive, questões políticas e sociais.

Spiegelman misturou elementos infantis com um tema extremamente relevante. Não exagerou no uso de ironias, com um traço preto e branco e mais sério, o que fez com que esse formato pegasse de surpresa os leitores com essa justaposição de elementos. Essa obra abriu caminho para que as HQs entrassem no campo de discussão de uma literatura mais densa e de estudos acadêmicos, sendo um marco na história dos quadrinhos modernos.

Para Luciano Thomé (2016) a relação entre História e histórias em quadrinhos parece ter uma afinidade natural, embora ainda haja tensão diante da responsabilidade ética e epistemológica em relação ao desprendimento criativo que os quadrinhos possuem. O autor considera este um subgênero dos quadrinhos, classificando-os como “quadrinhos históricos”.

No Brasil, temos um pioneirismo em relação aos quadrinhos e conteúdos historiográficos. Produzidas no final dos anos 1980, a série *Redescobrimo o Brasil*, que possuía dois volumes: *Da Colônia ao Império: Um Brasil para inglês ver e latifundiário nenhum botar defeito*, que era ilustrado pelo cartunista Miguel Paiva; e o *Cai o Império: República vou ver!* ilustrado pelo cartunista Angeli. Os dois volumes foram escritos por

Lilia Moritz Schwarcz e apesar de algumas interpretações que foram superadas anos depois pela historiografia, essas HQs foram um marco em mesclar a linguagem dos quadrinhos com a difusão do conhecimento histórico no Brasil.

Essa mudança no cenário dos quadrinhos vem possibilitando a divulgação da História em HQs. Thomé (2016) ressalta um importante exemplo de elaboração de documentos primários nas histórias em quadrinhos, o historiador e quadrinista André Toral publicou sua obra *Adeus, Chamigo Brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai* em 1999, junto com sua tese de doutorado sobre a iconografia da Guerra do Paraguai. Nessa obra, o autor descreve como este evento mudou a vida de muitas pessoas de forma drástica, criando várias tramas paralelas e mostrando toda a sordidez da guerra em detalhes.

Importante problematizar que existem obras pretensamente históricas, como destaca Thomé (2016), mas que acabam sendo artificialmente transplantadas para quaisquer períodos históricos sem fidelidade à realidade histórica. Observa, entretanto, que há muitos quadrinhos históricos de qualidade que se aproximam do romance histórico na literatura, em que uma narrativa ficcional por meio dos quadrinhos é orientada pelo conhecimento histórico e para a consciência histórica, aos quais ele denomina de “romance gráfico histórico”.

Nesse sentido, os quadrinhos de Marcelo D’Saete reforçam e renovam a tendência de quadrinhos brasileiros que falem sobre episódios de nossa história. Tanto *Cumbe*, quanto *Angola Janga* já se tornaram uma referência na atualidade sobre quadrinhos históricos no Brasil, pois debatem assuntos urgentes e atuais por meio do resgate histórico dos negros que viveram em Palmares e de tantos outros negros que foram traficados para o Brasil entre os séculos XVI e XIX. Essas obras legitimam a potencialidade das HQs de narrarem assuntos históricos, uma vez que, no contexto em que as duas HQs ocorrem, estas foram detalhadamente pesquisadas por D’Saete com todo rigor científico que uma pesquisa de História deve ter, mas, nesse caso, no formato dos quadrinhos.

O fato de as HQs serem expressões artísticas nos possibilita conhecer e compreender mais profundamente a História. O que fez com que *Maus* e *Gen* se tornassem quadrinhos tão importantes para a história é a humanização que os autores trazem em meio a um contexto que poderia ser explicado de forma meramente descritiva. A arte humaniza, sensibiliza e, nesse sentido, nos conecta com os personagens e com as tramas que vivenciam. Há diversos livros e documentários sobre o holocausto ou sobre o

ataque nuclear em Hiroshima, mas que em muitas vezes são narrados de forma “fria” e objetiva. Nos exemplos das HQs, temos o olhar sensível do autor e a partir disso uma nova experiência de aprendizagem e leitura. Dessa forma, o que propomos neste trabalho é compreender o quanto as narrativas de D’Saete, por sua via artística, proporcionam uma nova experiência de aprendizagem histórica. Ela torna-se importante para um público amplo, desde aquele que não tem um conhecimento prévio sobre o tema, quanto acrescenta ainda mais para aquele que já conhece, pois oferece uma perspectiva artística e humanizada do tema.

1.5 As histórias em quadrinhos e a História Pública

Pensando as práticas públicas da História e a profissionalização da História, Cauvin (2019) destaca que os historiadores já estudavam assuntos de interesse público há muito tempo. Muito antes da institucionalização da História Pública, ou mesmo antes do surgimento do termo *Public History*, já havia acadêmicos engajados e interagindo com audiências mais amplas, fora da academia, utilizando estratégias e lançando mão de práticas que hoje considerariamos como de História Pública. Com a profissionalização da história, tornando-se uma disciplina científica e profissional no século XIX, a relação entre o historiador com o público foi afetada. Conforme aponta Thomas Cauvin:

Os historiadores profissionais passaram a se dirigir a audiências cada vez mais específicas – seus pares acadêmicos –, no intuito de se afastarem de um estilo de escrita popular. Essa especialização estava na origem da torre de marfim a ser combatida pelos fundadores do movimento da História Pública nos anos 70. No entanto, a profissionalização da história no fim do século XIX e começo do XX afetou mormente os historiadores acadêmicos empregados em universidades, enquanto que muitos outros historiadores ainda atuavam nas práticas públicas. (CAUVIN, 2019, p.11).

Muitos historiadores já trabalhavam em arquivos, sociedades históricas, parques nacionais, museus, órgãos federais e também no mundo corporativo, como aponta Cauvin (2019), mas não tinham o devido reconhecimento. Os historiadores profissionais dirigindo-se a audiências cada vez mais específicas estavam isolados das audiências populares, assim como também estavam distantes desses outros historiadores que exerciam funções em instituições locais, culturais e políticas. A própria história oral já tinha uma premissa de aproximação com o público, visto que os interesses destes

historiadores nas comunidades tiveram sua ascensão na historiografia nos anos 1960, com enfoque para as pessoas comuns e minorias étnicas.

Conforme destaca Robert Kelley (1978), o meio acadêmico funcionava como um “habitat” do historiador ao invés dos espaços públicos em contato com a sociedade. No entanto, as raízes da História Pública são mais profundas, pois os historiadores já se dedicavam aos estudos de assuntos públicos muito antes da institucionalização da História Pública.

A História Pública é um campo relativamente novo da história, mas em plena expansão. Sua institucionalização se dá na década de 1970, nos Estados Unidos, sendo o termo *Public History* firmado por Robert Kelley, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara. O próprio termo “público” para Liddington (2011) tem significados especiais, pois os norte-americanos relacionam tal termo a um ideal de cidadania incorporado na Constituição e em sua Carta de Direitos. O conceito de público vai muito além. Hannah Arendt (apud SCHITTINO, 2016) destaca alguns sentidos para o “público”. Sendo primeiramente aquilo que pode ser visto e ouvido por todos. Ainda destaca a condição de aparência como elemento fundamental da existência humana. Ou seja, nosso senso de realidade depende do fato de aparecer, a presença do outro que vê o que vemos nos dá essa dimensão. Nesse sentido, o papel do historiador público cabe como aquele que realiza a mediação para tornar “visível” e acessível o conhecimento histórico, ampliando a consciência histórica por meio da divulgação do conhecimento.

É válido destacar que em meio ao contexto de institucionalização da História Pública, entre as décadas de 1970 e 1980, estavam ocorrendo às produções e a comercialização de quadrinhos já consolidados como *graphic novels*, como os já mencionados anteriormente *Maus e Gen*, por exemplo. Tanto a urgência da História Pública como os temas dos quadrinhos abordando assuntos históricos seriam um sintoma do crescente interesse de maiores audiências pela História?

A História Pública ganhou força para sua institucionalização e legitimação, principalmente por meio dos cursos de formação. O primeiro programa de pós-graduação em História Pública foi aberto na Universidade da Califórnia (Santa Bárbara) em 1976. Foi criada também nesta época a revista *The Public Historian* e diversas conferências também foram ocorrendo por meio de incentivos financeiros, surgindo em 1979 o Conselho Nacional de História Pública (NCPH).

O nascimento do movimento da História Pública nos Estados Unidos se deu como parte de um contexto mais amplo, de reavaliação do papel dos historiadores. A especificidade do movimento naquele país foi a sua capacidade de desenvolver uma rápida institucionalização da História Pública por meio de programas universitários, uma revista e uma instituição que davam credibilidade ao movimento e criava uma identidade para os novos historiadores (públicos). (CAUVIN, 2019, p.15-16).

Havia um desejo por parte dos historiadores estadunidenses envolvidos com a ascensão da História Pública, de que ela se expandisse internacionalmente, o que era um dos objetivos do Conselho Nacional de História Pública (NCPH). Cauvin (2019) destaca as nuances a respeito da internacionalização da História Pública, ou seja, havia movimentos em outros países no desenvolvimento de suas práticas de forma simultânea, e não somente a partir do modelo norte-americano.

Na Inglaterra, por exemplo, entre as décadas de 1960 e 1970, alguns historiadores marxistas desenvolveram novas práticas voltadas para o público. Foi criado o Workshop de História no *Ruskin College* (Oxford, Inglaterra) pelo historiador Raphael Samuel, com o intuito de diminuir a autoridade da história acadêmica, e dar voz aos grupos sociais sub-representados. Em 1976, foi criada a revista *History Workshop Journal* como resultado de tais oficinas. Em decorrência desse movimento expansivo da democratização da história, posteriormente em 1996, seria criado no *Ruskin College* um Mestrado em História Pública. O movimento da História Pública também teve fortes repercussões na França. O historiador Henry Rousso, em 1984, publicou artigo em que destacava a importância da História Pública, que já apontava algo que os historiadores franceses já vinham tratando, como demandas sociais de sindicatos, partidos políticos e associações civis. (CAUVIN, 2019).

Já nos Estados Unidos, Cauvin (2019) destaca suas diferenças em relação ao movimento da Inglaterra pela abordagem proposta por Samuel (“história vista de baixo”). Robert Kelley, nos Estados Unidos, destacava a intenção de redefinir a profissão do historiador para a inclusão de sua aplicação prática. Autores como Kelley, Wesley Johnson, Joel Tarr, por exemplo, ocupavam posições dentro das universidades, evidenciando a complexidade de uma mudança radical. A princípio, a História Pública era simplesmente definida como aquela produzida fora da sala de aula e tinha como intenção a formação de estudantes para atuarem também fora da área da educação.

Contribuindo com essa ideia, Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Gouveia de Oliveira Rovai (2011) apontam as diferenças em relação à mentalidade inglesa, já que, os

estudos nos Estados Unidos passaram a ser sobre o uso público da história, e não exatamente sobre a história pública ligada às políticas públicas. Já as reflexões propostas por Samuel incluíam no debate os trabalhadores, família, estudantes e o movimento feminista.

Na década de 1990, como afirma Knevel (2009, apud Cauvin, 2019), as definições de História Pública foram sendo diversificadas como uma “história para o público, sobre o público e feita pelo público”. (p.21). As novas formas de mídia como filmes, *podcasts* e as instituições culturais como museus, arquivos etc., foram se tornando mais presentes nos debates em História Pública, de forma a comunicar o passado para as grandes audiências. Almeida e Rovai (2011) também destacam essa importância, pois além do contato direto com o público, o ambiente virtual passou a ser indispensável nos debates sobre história pública por meio da televisão, do cinema e da internet, esses recursos tornaram-se grandes aliados à popularização dos conhecimentos históricos.

No decorrer da expansão da História Pública, nos últimos anos, com o objetivo de democratizar conteúdos e alcançar novos públicos, o mercado dos quadrinhos também teve seu crescimento atestado não só em vendas, mas em prestígio e legitimidade. O mercado editorial, principalmente norte americano, teve grande expansão entre os anos de 1980 e 1990. Se tratamos nesse trabalho do uso de HQs históricas como instrumento da História Pública, é possível perceber que tais áreas se aproximam à medida que os quadrinhos também buscavam novos públicos e a História Pública vinha abarcando novas mídias como instrumentos de divulgação.

No Brasil, o espaço da História Pública é recente e vem ganhando maiores alcances. Destaca-se o curso de Introdução à História Pública em 2011 em São Paulo, e em 2012 a criação da Rede Brasileira de História Pública (RBHP) que é composta por diversos pesquisadores da área, de variadas instituições. É importante destacar também, o primeiro mestrado em História Pública do Brasil ofertado pela Universidade Estadual do Paraná em 2019, do qual essa pesquisa faz parte.

Em paralelo, nesse mesmo período, o mercado editorial das histórias em quadrinhos estava em crescimento com o movimento das já mencionadas *graphic novels*. Para além dos exemplos já aludidos anteriormente como *Maus* e *Gen pés descalços*, acompanhando a internacionalização da História Pública, temos, como exemplo, *From Hell (Do Inferno)* 1999 de Alan Moore e Eddie Campbell e *Black Hole* de Charles Burns de 2005, entre tantas outras, num movimento que vem se mostrando constante e contínuo, por isso a emergência dessa pesquisa em analisar as frutíferas possibilidades entre HQs e

a História Pública. Embora as mídias digitais venham ganhando espaço, as *graphic novels* se tornaram e continuam como uma forma para atingir maiores públicos pelo meio impresso. Os temas abordados pelas *graphic novels* mantêm-se num caminho cada vez mais sofisticado e diversificado. As memórias e autobiografias vêm ganhando espaço. Em 2003, por exemplo, nos Estados Unidos, a obra *Persépolis*, de Marjane Satrapi, foi sucesso de vendas e crítica. É um tipo de HQ que traz as memórias da autora, mas carrega também uma riqueza de detalhes históricos que podem ser utilizados para o alcance de públicos diferentes (MAZUR e DANNER, 2014).

A História Pública deve estar atenta não só na divulgação, mas também na construção e transformação do conhecimento em consonância aos processos sociais. Se no decorrer de toda a trajetória das HQs foi possível perceber suas mudanças em acordo com o contexto histórico, podemos perceber que os quadrinhos alcançaram um patamar de maior legitimidade conforme foram abordando temas diversos e relevantes para a sociedade. Dessa forma, é possível associar o uso dos quadrinhos para a educação e cultura. Os quadrinhos de conteúdos históricos foram ganhando destaque na medida que havia uma demanda para tais leituras. A História Pública está, dessa forma, atenta a essas demandas, possibilitando que quadrinhos como *Cumbe* e *Angola Janga* sejam recursos para a divulgação histórica, como também produtoras de conhecimento histórico.

Portanto, a História Pública pode englobar em seu conceito uma gama de atividades e práticas. No entanto, há que se ter certo cuidado para não nos perdermos nas definições. Diante disso, poderíamos imaginar, então, que todos os historiadores que trabalham com o público são historiadores públicos? O que especificaria essa especialidade do historiador? E se, seria essa prática específica do historiador? Para Jill Liddington, a prática do historiador público pode ser considerada como “a apresentação popular do passado para um leque de audiências – por meio de museus e patrimônios históricos, filme e ficção histórica.” (LIDDINGTON, 2011, p.34). Ainda assim, é um campo desafiador, visto que, na história oral ou na história comunitária, por exemplo, tais estudos e práticas se aproximam.

Para Ricardo Santhiago (2016) o pensar história pública está bastante consolidado, ainda mais se considerarmos a expressão como:

uma espécie de guarda-chuva conceitual capaz de abrigar tudo aquilo que tem sido pensado e escrito em chaves como: usos da memória; usos do passado; demanda social; percepção pública da história; divulgação científica da história; interpretação e curadoria; empoderamento e

pesquisa-ação; apropriações midiáticas, literárias e artísticas da história – e assim por diante. (SANTHIAGO, 2016, p. 26)

Dessa forma, por meio da divulgação histórica, da utilização de mídias (como a dos quadrinhos), de uma apresentação mais popular do passado, podemos relacionar a História Pública aos quadrinhos, especialmente quando estes trazem em seus conteúdos aspectos que vão além do entretenimento, e que trazem novos debates e reflexões em diversas áreas do conhecimento. Há, atualmente, uma ampla variedade de temáticas que são debatidas nas HQs, como o racismo, questões de gênero e biografias de personalidades importantes da história. Todos esses exemplos poderiam estar relacionados a um fazer história pública na medida que proporcionam essas informações e reflexões para um público cada vez mais amplo e mais diversificado, e na medida também que circulam por mais espaços, como debates dessas HQs em escolas, universidades, rádios e revistas, por exemplo.

Em tempos tão imersos e influenciados pelas mais variadas mídias e de amplo acesso às pesquisas, blogs e textos, a divulgação histórica em sua interlocução com a História Pública se faz de extrema importância como mediadora dos conhecimentos científicos para as grandes audiências, mantendo seu rigor teórico e ao mesmo tempo esclarecedor. Os historiadores públicos precisam, como aponta Liddington (2011), de incentivos em nível de governo para que adentrem nos espaços comuns, não incentivando somente os acadêmicos a escreverem para revistas “referência”, mas que possam colaborar ativamente, por exemplo, com bibliotecas locais, lugares de patrimônio, emissoras de TV e rádio, de forma a proporcionar uma escrita colaborativa. A História Pública nos remete a novos saberes e novas linguagens dentro do campo tradicional da história. São novos públicos e novas parcerias com outros saberes, utilizando-se da interdisciplinaridade para compreender as novas demandas sociais e culturais de nossa época.

1.6. Quadrinistas de história como intelectuais mediadores?

Considerando que as HQs, nas últimas décadas, vêm abordando assuntos de importante relevância histórica, social e cultural, é válido destacar que os quadrinhos se tornaram instrumentos no campo da educação formal, informal e na formação de novos leitores. Aliado a isso, possibilitaram maior visibilidade para diversos temas, ampliando seu alcance e atingindo novas audiências.

Os quadrinhos sobre História podem ganhar amplo destaque, como os renomados *Maus* e *Gen*. Essas obras possibilitam que um público maior, inclusive os leigos, tenham novas informações e compreendam melhor esse momento de nossa história. Pela arte dos quadrinhos temos novas formas e novos olhares diante destes episódios históricos. No entanto, para que os quadrinistas de histórias em quadrinhos sobre História sejam considerados como mediadores culturais, precisamos discutir novos arranjos do conceito.

Para Angela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen (2016), é importante destacar a falsa dicotomia geralmente estabelecida entre o intelectual, como criador de bens culturais e produtores originais da obra e, por outro lado, o mediador cultural, ou divulgador/vulgarizador, sendo o que estaria relacionado aos processos de acesso e recepção dos bens culturais, passando pelo impresso, como os quadrinhos, ao audiovisual, por exemplo. No entanto, essa segunda categoria, a do mediador, acaba sendo erroneamente vista como algo menor se comparada à figura do intelectual. Segundo as autoras, é preciso questionar essa tradicional hierarquização entre “criadores” e “divulgadores”. O intelectual mediador, segundo Gomes e Hansen, não seria simplesmente aquele que conduz uma mensagem de um lugar ao outro, ou de um código cultural para outro; ele pode agregar valor ao produto cultural, entendendo ainda que o público não é mero receptor passivo de informações, mas que interage com suas demandas e suas novas significações de determinado produto.

No caso das HQs, temos diversos exemplos de obras que podem circular em variados espaços e debates e estarem engajadas em projetos político-culturais. Porém, é necessário compreender os objetivos de cada autor e em que contexto eles se inserem, para que tais obras sejam caracterizadas como a de um Intelectual Mediador. Usaremos como exemplo a HQ do historiador, antropólogo, quadrinista e ilustrador brasileiro André Toral. Sua obra mais conhecida é *Adeus, Chamigo Brasileiro – Uma história da Guerra do Paraguai* (1999) que integrou a tese de doutorado e foi republicada pela Companhia das Letras em 2008. Dessa forma, o autor faz claramente uma transposição de sua pesquisa enquanto acadêmico para uma nova forma de linguagem que é o quadrinho, conseguindo expor e compactar as complexidades que envolvem o conflito da Guerra do Paraguai. Ele expõe as dualidades dessa guerra, em que ambos os lados possuíam pessoas com sonhos, famílias, e que todos saíram perdendo, ambos por um ideal alheio. É uma HQ que tem valor didático sobre a guerra do Paraguai, e que traz reflexões sobre os impactos dessa Guerra até os dias de hoje.

Outro exemplo, são as HQs *Palestina* (1993) e *Notas sobre Gaza* (2010) do jornalista maltês Joe Sacco. Nessas obras caracterizadas como quadrinho jornalístico, ele viajou pela Cisjordânia e pela Faixa de Gaza entre dezembro de 1991 a janeiro de 1992, onde cobriu o conflito entre Israel e Palestina na perspectiva civil, e retorna para a Faixa de Gaza anos depois, lançando a HQ *Notas sobre Gaza*. Sacco é um jornalista que vem debatendo a respeito dos conflitos no Oriente Médio, e que também faz reflexões dos impactos em todo o mundo, como as influências dos Estados Unidos, e a questão da remoção e extermínio das populações originais.

O que propomos aqui enquanto debate é que as HQs, em especial, as que trazem e debatem aspectos historiográficos têm potencialidades para irem muito além de fontes informativas, pois elas têm relação direta com o contexto atual, com os impactos causados tanto pela Guerra do Paraguai até hoje, como também pelo conflito Israel x Palestina que vem se agravando ao longo do tempo. Assim, há possibilidade destas HQs circularem por diversas mídias e espaços proporcionando essa visão mais crítica dos assuntos históricos, em seus aspectos políticos e sociais. O engajamento dos autores também é algo importante, pois por meio deles é que se divulgam o processo de construção e pesquisa das obras, quais as suas intencionalidades, entre outras características. O contexto em que as obras são criadas também precisa ser considerado, como destaca Túlio Vilela (2018), que as obras de ficção histórica nos fornecem mais informações da época em que foram criadas do que da época em que é ambientada. Ou seja, percebemos pela posição dos autores o que se quer destacar. Quando D'Saete nos mostra as experiências e detalhes na vida dos escravizados e quilombolas, essa é uma demanda atual de se debater esse lado da história, e não uma preocupação da época em se retratar o ponto de vista dos negros.

Portanto, a análise das duas obras de Marcelo D'Saete, nos levam para esse caminho, de compreendê-lo enquanto intelectual mediador, pois temos um autor que é um pesquisador da área, tanto na área das artes plásticas/gráficas, como historiador da arte. Ele faz uma transposição historiográfica sobre o período de ascensão e queda do quilombo de Palmares, e de outros episódios do período escravocrata, que nos permitem debater as questões raciais e culturais para além daquela época, e relacioná-las ao momento atual, em que as questões colonialistas, lugares de fala, e debates acerca do racismo estrutural estão tomando mais força e precisam de maior divulgação. Um autor negro, que tem esse engajamento político-social, como D'Saete, nos oferece todos os instrumentos para analisarmos suas obras enquanto um projeto que se enquadra na História Pública e que o coloca enquanto um Intelectual Mediador.

2. AS OBRAS SELECIONADAS DE MARCELO D'SALETE: CUMBE E ANGOLA JANGA

2.1 Cumbe

A HQ *Cumbe*, de Marcelo D'Salete, foi publicada em 2014 pela editora Veneta de São Paulo. No entanto, o autor afirma em entrevistas que iniciou a elaboração de *Cumbe* e *Angola Janga* por volta de 2004, indicando que foram anos de pesquisa até sua primeira publicação. Em 2018⁴, pela mesma editora Veneta, D'Salete lança a 2ª edição de *Cumbe*, que de 176 páginas passa para 192 páginas nessa edição, ganhando um posfácio escrito pelo próprio autor, estudo dos esboços realizados por D'Salete e as ilustrações das capas das edições estrangeiras.

É válido pontuar que a editora Veneta na qual D'Salete vem publicando suas últimas HQs é uma editora que tem por característica a publicação de obras que têm algum tipo de engajamento político. Isso fica claro ao se observar o catálogo da editora, que lançou livros e quadrinhos abordando os mais diferentes temas, sempre com um viés crítico no âmbito social e político. Como exemplo, a editora lançou uma das versões em quadrinhos do *Manifesto Comunista*, de Karl Marx, traduzida, inclusive, pelo próprio diretor e criador da Veneta, Rogério de Campos, que é um importante editor no universo dos quadrinhos no Brasil, inclusive autor de uma obra que analisa a história dos quadrinhos: *Imageria – o nascimento das história dos quadrinhos* (2015). Há dentro do site da editora categorias intituladas “Biblioteca antifascista”; “Baderna” e “Biblioteca antirracista”, em que são encontradas as HQs de D'Salete *Cumbe* e *Angola Janga*, e também os quadrinhos *Discurso sobre o colonialismo* (2020) de Aimé Césaire (ilustrado por D'Salete); *Carolina* (2017) de Sirlene Barbosa e João Pinheiro.

A HQ *Cumbe*, em sua 2ª edição de 2018, apresenta-se com 192 páginas, é toda em traço preto e branco, tem a capa, texto, desenhos e projeto gráfico feitos por Marcelo D'Salete. A revisão da HQ foi feita por Bruno Prisco, e o Glossário realizado por Allan da Rosa, Marcelo D'Salete e Rogério de Campos. D'Salete explica que após os esboços dos desenhos, a finalização de cada página, em geral, foi realizada com nanquim e acrílica sobre papel, sendo que os balões e textos foram inseridos posteriormente por programas digitais. (D'SALETE, 2018).

⁴ A 2ª edição de *Cumbe* de 2018 foi a utilizada nesta pesquisa.

As capas das edições estrangeiras são apresentadas nesta 2ª edição, sendo elas a da Áustria (2017) pela editora *Bahoe Books*; da França (2016) pela editora *Çà et Là*; em Portugal (2015) pela editora *Polvo*, e nos Estados Unidos (2017), pela editora *Fantagraphics*, em que teve seu título modificado para *Run For It – Stories of slaves who fought for their freedom*. É importante destacar que da primeira para a segunda edição *Cumbe* ganhou destaque e prêmios internacionais, sendo compreensível esse destaque na 2ª edição, o que evidencia a importância e relevância da obra e toda sua repercussão para fora do Brasil, não só pela história e pesquisa, como também pela sua qualidade narrativa. *Cumbe* foi indicada ao prêmio HQ MIX (Brasil, 2015), ao *Rudolph Dirks Awards* (Alemanha, 2017) e premiado no *Eisner Awards*, 2018 na categoria *Best U.S. Edition of International Material*. Em Portugal, o livro foi selecionado pelo programa *Ler+* como sugestão de leitura para a rede escolar. No Brasil foi uma das obras em HQs selecionadas para o PNLD Literário de 2018. De acordo com o Portal do MEC, o PNLD é o Programa Nacional do Livro e do Material Didático que disponibiliza obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa de forma regular e gratuita às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. Dessa forma, é possível trabalhar temas transversais em variados campos do conhecimento, como no ensino da História e da cultura afro-brasileira e africana.

Allan da Rosa escreve o prefácio da HQ. Rosa é escritor angoleiro e pedagogo. Também é um autor que vem se destacando na atualidade e vem debatendo em suas obras a questão racial e a cultura afro-brasileira. Allan é historiador e mestre em Cultura e Educação/USP. Foi indicado ao prêmio Jabuti pelo livro infanto-juvenil *Zumbi assombra quem?* (2017), é autor de *Da Cabula* (2006) *Reza de mãe: e outros contos* (2016); e o mais recente *Águas de homens pretos* (2021), fruto de sua tese de doutorado pela USP. Participou de debates sobre a cultura afro nos quadrinhos junto com D'Saete. Em março de 2018, os dois participaram de um debate no Centro de Culturas Negras do Jabaquara (CCJB) de São Paulo, como uma das atividades da exposição “Quadro Negro” de Marcelo D'Saete, em que foram expostos os originais dos quadrinhos de *Angola Janga*, *Cumbe*, *Encruzilhada* e *Noite Luz*, que duraram de março até maio de 2018. Allan da Rosa e D'Saete também tiveram parceria no livro infanto-juvenil de Allan da Rosa, que traz a temática do negro na periferia paulistana intitulado *Zagaia* (2007), em que D'Saete é o ilustrador.

Cumbe significa quilombo em alguns países africanos. Segundo Allan da Rosa, o termo também tem o sentido de “sol, luz, fogo e força trançada ao poder dos reis e à forma de elaborar e compreender a vida e história.” É destacado já no início deste prefácio o quanto a cultura banto, como toda a cultura africana, tem influência até hoje em nossas vidas, tanto em aspectos da religiosidade, como o musical, das artes cênicas, e no cotidiano dos sentidos, gestos e valores morais e éticos. D’Saete pesquisou a língua banto e suas influências até hoje em nossa língua, e ele destaca todos os termos utilizados na HQ no glossário. Reforçando essa ideia, segundo Marcos Bagno, o banto é um tronco linguístico, ou seja, deu origem a diversas outras línguas, originárias da região central e sul da África e que influenciaram muitas palavras na língua portuguesa, conforme apontado no estudo sobre a influência da língua banto no Brasil por Bagno:

A maioria dos escravos vindos para o Brasil falavam línguas do grupo banto, principalmente o quimbundo, o umbundo e o quicongo, muito aparentadas entre si e que até hoje são amplamente utilizadas em Angola e em outros países vizinhos. A contribuição lexical dessas línguas ao português brasileiro é notável: utilizamos diariamente uma grande quantidade de palavras de origem banta sem nos darmos conta disso. (BAGNO, 2016, p.25).

O posfácio apresentado nessa edição por D’Saete esclarece sobre vários aspectos da HQ e sobre seu processo de pesquisa. Destaca que os estudos para a realização da obra foram feitos sobre os temas da escravidão no Brasil colonial e da resistência negra nesse período, sendo que os estudos foram se direcionando para casos específicos que envolviam senhores e escravizados. Autores como Robert Slenes, José Redinha, Nei Lopes, Aires da Mata Machado e Clóvis Moura são citados como referência para a construção de *Cumbe*, em seus aspectos linguísticos e culturais.

Os termos e símbolos apresentados na HQ são originários dos povos e reinos antigos de Angola, de onde vieram a maior parte dos negros escravizados entre os séculos XV e XVII. O autor ainda esclarece que o termo “Mocambo”, que antes indicava apenas uma habitação simples, passou a ser designado no Brasil colonial do século XVII como sinônimo de negros alevantados na mata. Da mesma forma que o termo Quilombo teve sua origem nos antigos acampamentos militares dos imbangalas⁵, no interior de Angola, e passou a significar comunidades formadas por negros fugidos dos engenhos, que se

⁵ Mercenários que atuavam na captura de escravos, como guerreiros subordinados à Rainha Ginga em sua luta contra a invasão portuguesa. (Fonseca, 2011).

instalaram em locais de difícil localização, formados muitas vezes por diversos mocambos.

D'Saete destaca suas inspirações para a elaboração dos desenhos de *Cumbe*. Afirma ter visitado algumas regiões do nordeste brasileiro como Pernambuco, Alagoas e Maranhão e que também pesquisou obras de artistas holandeses atuantes em Recife, no século XVII. Ele ainda informa os leitores sobre a possibilidade da leitura de *Cumbe* ser feita em conjunto com *Angola Janga*, uma vez que as duas HQs foram produzidas em paralelo, e que falam sobre o Brasil colonial e os conflitos de resistência negra.

Esta *graphic novel* de Marcelo D'Saete aborda um período delicado de nossa história. O autor nos transporta para a época da escravidão no Brasil colonial, entre os anos finais do século XVI e o final do século XVII, e retrata em contos independentes a saga do povo negro na luta e resistência, seja nas fugas para quilombos ou por meio de seus desejos e pensamentos para a liberdade. Toda as histórias narradas em *Cumbe* são apresentadas por D'Saete pela perspectiva do negro e contada por detalhes, em pequenas histórias e seus conflitos em meio ao contexto da escravidão.

Cumbe está dividido em quatro contos independentes: *Calunga*, *Sumidouro*, *Cumbe* e *Malungo*. A HQ tem poucos diálogos e D'Saete ilustra as histórias com momentos que se aproximam de um realismo fantástico e carregados de uma linguagem poética, sendo muito mais visual e exigindo uma leitura atenta da narrativa gráfica. Destaca-se que o autor domina esta arte, o que faz desse quadrinho um ótimo exemplo desse tipo de mídia. As histórias se passam possivelmente na região de Palmares ou de outras fazendas na região nordeste, no período do Brasil colonial, em que predominava o regime escravista. Isso é possível de observar no conto *Calunga*, por exemplo, em que é ilustrado o personagem Valu em meio ao trabalho nos engenhos de açúcar, retratando a sociedade açucareira do nordeste brasileiro da época.

Em *Calunga*, primeiro conto da HQ, temos, de início, a imagem de um símbolo em uma árvore, um rabisco tribal, que no glossário é explicado como “Ideograma proverbial quioco”, que segundo José Redinha (1974, apud D'SALETE, 2018) é um símbolo que representa um ninho e dois pássaros, tendo o sentido de espera resguardada e de liberdade, utilizado em contações de histórias na República do Congo e Luanda. A história é em torno do romance de dois escravos, Valu e Nana, sendo que Nana é uma escrava doméstica, representada na ilustração com uma cruz em seu pescoço, o que significava a diferença entre escravos das fazendas e os domésticos. Valu tem o desejo de atravessar o Calunga, “o mar que não acaba”, e que no glossário é explicado por meio da

referência de Nei Lopes como um termo multilinguístico banto que tem também a ideia de “ grandeza, imensidão”, designado ‘Deus, o mar, a morte’ (LOPES, 2006, apud D’SALETE, 2018, p. 169).

Figura 10 – Conto Calunga em Cumbe, 2018.



Fonte: D’SALETE. Cumbe, 2018, p.10.

Em *Calunga* pode-se observar que D’Salete usa uma linguagem coloquial e própria da cultura africana. O termo *Calunga* e *Nsanga*, por exemplo, são termos da cultura banto e são explicados ao final da HQ, no glossário, que teve novamente a contribuição do autor e pesquisador Allan da Rosa, é apresentado para a compreensão de diversos termos associados às imagens que aparecem na HQ, e é importante para o

acompanhamento de toda a narrativa. Como destacado por Bagno (2016), é uma língua que teve influência no português brasileiro, e a apresentação do glossário além de nos ajudar na compreensão do que os personagens falam, também nos aproximam dessa língua e suas relações com nossa língua atual com todas as suas derivações que são amplamente usadas, mas que pouco se sabe sobre o significado original da palavra. Dessa forma, D'Salete nos aproxima da cultura afro/afro-brasileira e, mais uma vez, evidencia o quanto ela é importante em nosso cotidiano. Ele faz com que aumente nossa compreensão do quanto nossa língua tem influência das línguas africanas, como o banto.

No final de *Calunga*, Valu é movido por seu desejo de liberdade, e ao não conseguir convencer Nana, que afirma ser bem tratada na casa grande, ele a mata em uma cena intensa em que o leitor acompanha o movimento e os detalhes. Valu vai, então, em direção ao mar, caminho por onde os negros vieram, representando a diáspora africana. Ele carrega o crucifixo que representa Nana, e entra no mar fugindo de um capataz. Em uma imagem fantástica/alucinatória, o personagem vai ao encontro de Nana, que o encontra no fundo do oceano. É importante destacar: o autor tem o intuito de não mostrar o negro de forma idealizada, mas de forma humanizada, com seus conflitos e falhas. Nesse conto, estamos diante de uma situação de violência contra a mulher, em que Valu está perturbado pela sua condição de vida, desejo de liberdade e controle sobre os desejos de Nana, o que leva ao assassinato da companheira.

Figura 11 – Conto *Calunga* em *Cumbe* (2018)



Fonte: D'SALETE. *Cumbe*, 2018, p.42.

No segundo conto, *Sumidouro*, o autor nos mostra já de início as imagens e diálogos do senhor Tomé, pensativo quanto ao que irá fazer com a escrava doméstica Calu. O próprio título já remete à prática nas fazendas de punir os escravos que se rebelavam, jogando-os nos poços. A história gira em torno da escrava Calu, que está grávida, provavelmente do senhor da casa, Tomé. Ao saber da notícia, a senhora da casa, mulher branca, leva o bebê para o “sumidouro”. D’Salete retrata de forma muito expressiva todo o sofrimento que Calu passa, que beira a cenas alucinatórias, misturadas às lembranças de seu filho morto. Nesse conto, o autor também nos mostra a situação de fragilidade em que Calu se envolve, ao pedir ajuda ao padre da vila falando sobre o que ocorrera com seu filho recém-nascido. Ela é punida por esse ato e o conto termina com uma reviravolta em que Calu mata Tomé, embora continue atormentada pela perda da criança.

Nesse conto, mais uma vez, é retratada a situação violenta vivida pelas escravas domésticas e a referência ao cristianismo. Ou seja, esses escravos eram catequizados pelos brancos, mas ao mesmo tempo mantinham suas referências culturais e religiosas africanas, como exemplo, na cena em que canta uma música para o filho com clara referência à sua cultura, evidenciando o sincretismo que está presente até os dias atuais no Brasil. No glossário D’Salete coloca o significado de *Vissungo*, utilizando como suporte às referências de Clovis Moura e Aires Machado Filho, sendo:

[...] um canto de trabalho em versos metafóricos, segundo o *Dicionário da escravidão negra no Brasil* (2004), de Clóvis Moura. Muito usado pelos negros de Minas Gerais para se comunicarem sem serem compreendidos pelos brancos. O verso “Ei, oia lá/ô, minino Mané no Uandá...” foi coletado por Aires Machado Filho, e era cantado para embalar crianças nos braços. (D’SALETE, 2018, p. 172.).

D’Salete esclarece um pouco mais sobre essas referências no conto *Sumidouro* em entrevista ao site *Omenelick2ato*. Ele relata que o termo sumidouro aparece no livro de Aires Machado, *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*, e foi cantada pelo artista Geraldo Filme no álbum *Canto dos Escravos*. O autor afirma ter ouvido muito esse álbum na produção de *Cumbe*. Destaca ainda uma referência do teatro para esse conto que é peça *O Anjo Negro* de Nelson Rodrigues. A peça mostra um casal, no caso, um homem negro e uma mulher branca, e seus filhos mestiços. De modo trágico, os meninos são mortos pela mulher e as meninas cegadas por ácido. Por meio dessas referências, D’Salete foi

construindo sua narrativa neste conto que aborda as relações raciais no Brasil de forma perturbadora.

Figura 12 – Conto *Sumidouro* em *Cumbe* (2018)



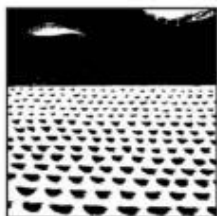
Fonte: D'SALETE. *Cumbe*, 2018, p.82.

No terceiro conto que leva o nome da HQ, *Cumbe*, D'Salete representa logo no início o símbolo de *cabinda* em uma porta, onde o personagem Ganzo adentra. No glossário, ela é explicada como cágado, uma figura ancestral que é símbolo de resistência, por sua carapaça, simbolizando também independência, capacidade de adaptação e a ideia de levar consigo o lar (REDINHA, 1974, Apud D'SALETE, 2018). Esse símbolo

representa muito o que o conto irá mostrar. A história fala sobre escravos que planejam uma rebelião. Essa tentativa é frustrada por conta de um possível traidor e da descoberta dos encontros dos rebeldes por parte dos capatazes, gerando um grande conflito que resulta na morte de alguns personagens, inclusive de Ganzo. Outro símbolo que aparece representando as raízes e saberes é a figura de *Chibinda Ilunga*, ao lado de uma velha senhora, que destaca ao final a força de Cumbe: “Cumbe é força...Ele sempre retorna” (D’SALETE, 2018, p.128).

Figura 13 – Glossário de Cumbe (2018)

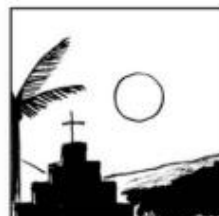
GLOSSÁRIO



Calunga. “Calungar” é falar banto. Nei Lopes, em seu *Novo dicionário banto do Brasil* (2006), lista vários dos significados: “boneco pequeno”, “camundongo”, “figuras humanas em desenhos infantis”, “as bonecas dos cortejos do maracatu”, “céu”, “morte”, “o próprio homem negro” e muitos outros sentidos. “O termo multilinguístico banto kalunga encerra a ideia de ‘grandeza, imensidão’, designando ‘Deus, o mar, a morte’”, diz Lopes. Maria Helena Figueiredo Lima, em seu *Nação Ovambo*, escreve: “O vocábulo *kalunga* (‘Deus’), do verbo *oku-lunga* (‘ser esperto, inteligente’), encontra-se no dialeto dos Ambós e em outros grupos vizinhos. O prefixo *ka* aparece aqui sem a função diminutiva usual, sua característica. Antes, pelo contrário, impõe-se como uma afirmação de coisa importante, grande, valiosa”.



Chibinda Ilunga. A escultura que acompanha a anciã em Cumbe representa Chibinda Ilunga, um mítico rei-herói africano. Conta uma das lendas que Chibinda (“Caçador”) foi capturado pelos guerreiros do reino de Lunda quando caçava no território deles. Ainda que os membros da corte do reino votassem pela morte do intruso, a bela rainha Lueji (“Lua”) se encantou com a beleza do rapaz e pediu que ele fosse colocado no quintal dela, como escravo. Passado algum tempo, Lueji surpreendeu a corte anunciando seu casamento com Ilunga. Foi a quebra do tabu que impedia vassallos de se casarem com os nobres. Deu-se origem a uma revolta da família real contra a rainha, mas também marcou o início da expansão do reino Lunda, que se transformou em um grande império, estendendo-se por terras hoje pertencentes à Angola, Zâmbia e Congo (ver o catálogo *Arte da África* (2003), de Peter Junge).



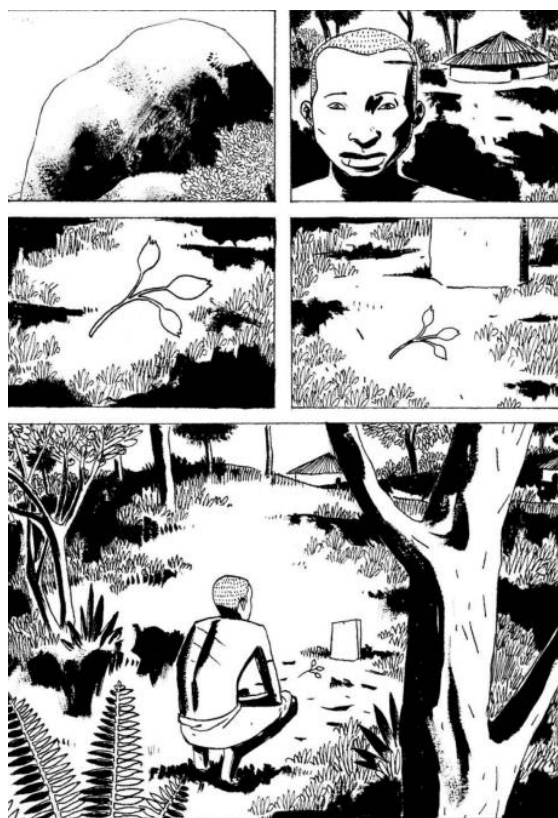
Cumbe. A palavra ‘cumbe’ é sinônimo de quilombo em alguns países americanos. Nas línguas congo/angola, tem também os sentidos de “sol, dia, luz, fogo e força trançada ao poder dos reis e à forma de elaborar e compreender a vida e a história” (ver *Malungu, ngoma vem!*: *África coberta e descoberta do Brasil* (1991), de Robert Slenes). Para Nei Lopes (2006), sua origem é o quimbundo ‘kumbi’, correspondente ao umbundo ‘ekumbi’, “sol”.



Desenho cabinda. O cágado é um tema frequente da arte cabinda, sendo os padrões dos desenhos de sua carapaça reproduzidos no trançado de esteiras, por exemplo. O povo cabinda o vê como símbolo ancestral. Ele é evocado como

No quarto e último conto intitulado *Malungo*, D'Salete já ilustra na primeira imagem a Serra da Barriga, região onde surgiram os quilombos e principalmente o de Palmares. Inicia com uma reunião entre os negros que falam sobre uma possível guerra contra os portugueses, que mataram seus *malungos* e atacaram seus *mocambos*. Um jovem personagem se destaca, Damião, que se junta aos rebeldes para libertar os escravos da fazenda onde estava. Nesse conto é mostrada uma primeira revolta dos quilombolas bem sucedida. Damião volta à fazenda onde deixou sua irmã, e em cenas que voltam no tempo, D'Salete mostra a violência contra as jovens meninas escravas, como no caso de Ciça, que é estuprada e morta por um homem branco. D'Salete utiliza mais um símbolo, uma flor silvestre que representa a fragilidade, afeto e aparece com a personagem Ciça. Outra figura importante nesse conto é a de *Quibungo*, que segundo o glossário, na língua quimbundo, significa 'lobo'. No Brasil, nomeia o ser que é meio bicho e meio gente, com um buraco no meio das costas, no qual joga suas presas." (D'SALETE, 2018, p. 171). Neste conto, aparece como uma figura fantástica que se confunde com o homem branco quando ele ataca Ciça, e depois reaparece ao final da história com a revolta, aparentemente simbolizando a reviravolta dos escravos contra a vila.

Figura 14 – Conto *Malungo* em *Cumbe*, 2018.



Fonte: D'SALETE. *Cumbe*, p.158.

É importante destacar como Marcelo D'Saete utiliza do silêncio em sua narrativa. De forma geral, em todos os contos o autor utiliza de poucos diálogos, em que as ilustrações vêm em um primeiro plano. Neste conto, por exemplo, como na figura acima, o autor segue em mais de duas páginas em sequência sem nenhuma fala. Podemos relacionar isso ao clima de tensão e planejamento da fuga e de maneira simbólica ao próprio silenciamento dos negros, que vivenciavam inúmeras formas de violência e eram silenciados em suas dores. Mas isso não significa dizer passividade. As histórias de D'Saete mostram que os negros escravizados no Brasil lutaram por sua liberdade. D'Saete nos mostra personagens humanizados, que conquistam, perdem, sentem medo, esperança e tantos outros sentimentos que os atravessavam em meio ao caos da escravidão.

Em relação às referências utilizadas por D'Saete para a pesquisa desta HQ, percebe-se claramente a intencionalidade desses autores em pesquisarem aspectos da escravidão e da pessoa negra por perspectivas mais amplas, não apenas relatando o período escravocrata no Brasil, ou somente referindo-se ao negro como o escravizado. Slenes, por exemplo, tem diversas obras em que destaca o modo de vida das famílias negras, escravizadas e libertas, e seus aspectos culturais, como na obra mais conhecida *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava* (1999)⁶. Outro autor de grande relevância é Clóvis Moura (1925-2003), cientista social e militante do movimento negro nos anos 1970, que escreveu diversas obras sobre a questão racial brasileira. Destaca-se a obra *Rebeliões na Senzala* (1988)⁷ e *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* (1977) que teve, inclusive, uma nova edição em 2021 com a ilustração de D'Saete.

Os quadrinhos tem o potencial de dialogar com diferentes públicos, e da mesma forma que a História Pública tem a divulgação histórica como um de seus preceitos, falar sobre a escravidão no Brasil é suscitar em nossa atualidade debates acerca do racismo e todos os impactos causados pelo período colonial, como também legitimar a história negra como parte da história do Brasil. Debater sobre o racismo, sobre cotas étnico-raciais, por exemplo, ainda é necessário, visto as inúmeras notícias que temos diariamente sobre assassinatos e violências contra os negros. Como destaca Samantha Viz Quadrat (2018)

⁶ Publicado pela Editora Unicamp em 2012.

⁷ Publicado pela Editora Anita Garibaldi em 2020.

[...] a recuperação dos lugares de memória e consciência, como espaços de educação não formal, tem um papel ímpar na construção de uma sociedade democrática que respeite e promova os direitos humanos. Esses lugares denunciam a violência e o horror, mas também promovem a resistência em suas múltiplas versões. (QUADRAT, 2018, p. 220).

Falar da escravidão negra no Brasil é uma temática complexa, e como destacam Hebe Mattos, Keila Grinberg e Martha Abreu (2018) esses debates podem gerar tensões entre os conhecimentos gerados na universidade, o conhecimento construído pelas comunidades tradicionais e pelos artistas e demais profissionais na cultura.

Mesmo que entrelaçados em um espaço público comum, no qual são construídas diferentes visões sobre o passado escravista, estes campos trabalham com distintas formas de validação do conhecimento, e é preciso reconhecer a tensão entre eles: de um lado, as reivindicações de autenticidade, objetividade e compromisso com os vestígios materiais do passado, do conhecimento histórico tido como científico; de outro, a consciência histórica de comunidades e movimentos sociais, que elabora acontecimentos traumáticos do passado criando narrativas memoriais comunitárias, orais e performáticas, mas também as memórias produzidas pela dramatização, pelas narrativas ficcionais, pelas representações artísticas. (MATTOS, GRINBERG, ABREU, 2018, p. 232).

Portanto, o tema é atual e ainda exige inúmeros desafios. Histórias em quadrinhos como as que D'Saete nos apresenta podem contribuir para esse debate e para a legitimação de mais espaços de memória, por meio da divulgação em história e de reflexões sobre nosso passado, que sem dúvida, interferem em nosso tempo presente. Pela perspectiva da História Pública, os desafios que aparecem estão relacionados a construir uma visão historicamente correta da escravidão, mas que seja sensível e que englobe as ambiguidades comuns aos seres humanos, ela também deve ser ética e respeitosa, pois trata-se de um tema sensível de nossa história. Em meio a isso, ainda é necessário refletir sobre as formas de divulgação e visibilidade do tema. O que as HQs de D'Saete nos apontam é que esse caminho da popularização da história é possível e pode ser feita de forma ética e com rigor histórico.

2.2 Angola Janga

Cumbe e *Angola Janga* foram elaboradas em paralelo. Segundo D'Saete (2018), as histórias de *Cumbe* faziam parte do projeto da HQ de *Angola Janga*, mas foram

separadas devido à extensão da obra. Pela própria orientação do autor elas podem ser lidas em conjunto. Foram as HQs de maior sucesso do autor; juntas venderam mais de 200 mil cópias no Brasil (HAMA, 2021).

Angola Janga – Uma história de Palmares foi publicada em 2017 pela editora Veneta. Tem capa, texto e desenho elaborados por D’Salete. A revisão da HQ foi realizada por Lilian Aquino e Guilherme Mazzafera. Já o glossário foi elaborado por D’Salete em parceria novamente com Allan da Rosa e Rogério de Campos. É uma HQ extensa com 432 páginas. Foi resultado de um projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura e ProAc (Programa de Ação Cultural de São Paulo)⁸ 2016. A obra foi contemplada pelo Edital Proac nº 35/2016 – “CONCURSO DE APOIO A PROJETOS DE CRIAÇÃO E PUBLICAÇÃO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ESTADO DE SÃO PAULO”, recebendo 40.000 reais de incentivo.

Em *Angola Janga*, D’Salete traz a história do Quilombo dos Palmares, comunidade formada no fim do século XVI em Pernambuco pelos mocambos criados por fugitivos da escravidão. Angola Janga (ou pequena Angola) resistiu aos ataques militares dos holandeses e das forças coloniais portuguesas. Tornou-se um símbolo de liberdade para os escravizados e teve como seu maior líder Zumbi.

Com a grande repercussão da HQ anterior, *Cumbe, Angola Janga* também ganhou destaque e premiações, recebendo o prêmio “Grampo Ouro” em 2018, e o troféu “HQ MIX” em 2018, vencendo em quatro categorias como: “Desenhista nacional”, “Roteirista nacional”, “Destaque internacional” e “Edição especial nacional”. O material ainda ganhou o 60º Prêmio Jabuti na categoria quadrinhos e o *Rudolph Dirks Awards* em 2019 por “Melhor Roteiro América do Sul”. Obteve destaque internacional e foi publicada em diversos países como França (editora *Çá et Là*), Portugal (Editora *Polvo*), Estados Unidos (*Fantagraphics*), Espanha (*Flow Press*), Polônia (*Timof*) e Áustria (*Bahoe Books*).

Marcelo D’Salete segue com uma obra que além da potencialidade estética, apresenta uma linguagem muito própria, repleta de simbologias, narrativas com poucos diálogos e ilustrações detalhadas fazendo com que o leitor tenha a experiência de acompanhar os movimentos dos personagens. O quadrinho é todo em preto e branco, e com ilustrações que detalham todo o cenário e transportam o leitor para a região de

⁸ O programa foi instituído pela Lei Estadual nº 12.268/2006. Sua criação teve como objetivo principal regulamentar a oferta de patrocínios culturais no estado de São Paulo.

Palmares do século XVI e XVII. Essa *graphic novel* mergulha diretamente nas histórias de cada personagem, sob a perspectiva, mais uma vez, do africano escravizado.

Durante o texto dessa HQ, é possível observar, como em *Cumbe*, que D'Salete nos apresenta muitas influências da cultura e língua banto. São diversas palavras que tiveram sua origem com os povos africanos. De acordo com Marcos Bagno (2016), 51% da população do Brasil é formada por negros e mestiços, ou seja, no Brasil temos o 2º país com maior população de origem africana do mundo. Diante de um momento em que ainda enfrentamos o racismo estrutural em nosso país, é de enorme relevância que D'Salete mostre esses termos em sua narrativa, mesmo que sejam necessárias explicações pelo glossário. Isso nos aproxima da obra, sua temática e toda a influência em nossa atualidade.

O quadrinho ainda conta com um prefácio escrito pelo próprio D'Salete, no qual explica o período histórico das narrativas. *Angola Janga – Uma história de Palmares* que retrata as últimas décadas do século XVII, época em que os mocambos tomaram força, sendo um dos principais o de Angola Janga, ou “pequena Angola”. Na segunda metade deste século, eram trazidas cerca de 8.000 pessoas por ano, sendo trazidas principalmente dos antigos reinos de Angola, Congo e proximidades. (D'SALETE, 2017)

A diferença para *Cumbe*, é que nessa HQ o autor nos apresenta uma trama unificada, em que as histórias se entrecruzam de forma não linear. *Angola Janga* também se caracteriza por trazer um período específico em sua cronologia: as últimas décadas de existência do quilombo de Palmares. A região da Serra da Barriga, retratada nesta HQ, pertence hoje à região de Alagoas. Ali foi o princípio de Palmares, chamado pela língua banto quimbundo de Angola Janga. Era formada por diversos mocambos, sendo os mais conhecidos o Macaco, Subupira, Acotirene, Amaro, Osenga e Zumbi.

Importante também destacar que as figuras de liderança como Zumbi, Ganga Zumba e Acotirene aparecem sem romantizações, como figuras realmente humanas, na busca pela liberdade (entre conquistas e derrotas). Como o próprio D'Salete destaca em entrevista concedida ao historiador Ivan Lima Gomes em 2019, “tornar esses personagens humanos é imprescindível. Pois o racismo opera num viés de negação total da humanidade do outro, diz que o outro merece ser abatido, destruído, queimado e esquartejado, justamente por ele não ser humano.” (D'SALETE, 2019)

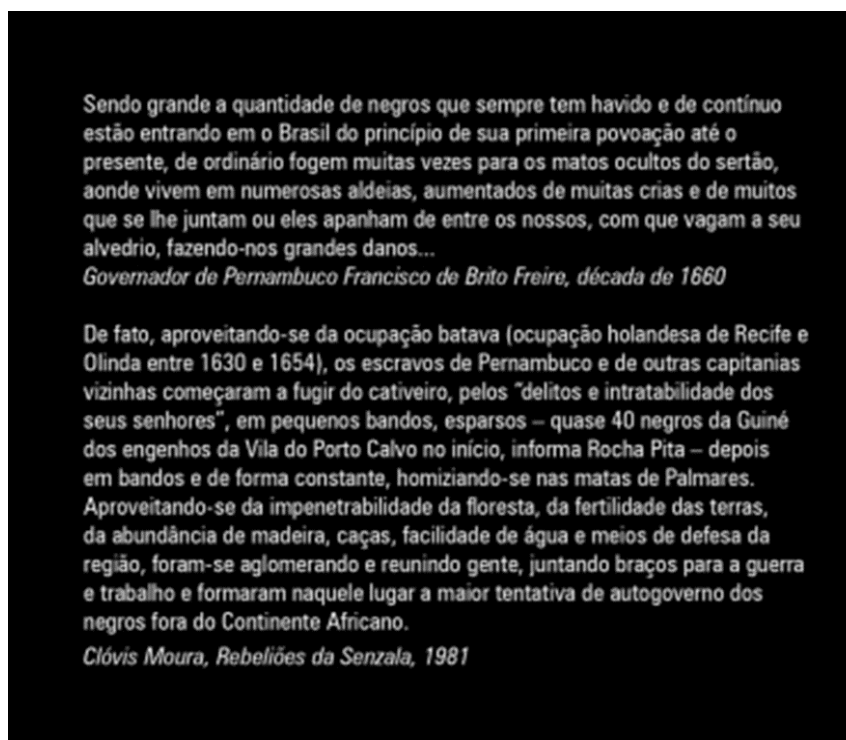
D'Salete utiliza um outro elemento diferente de *Cumbe* nessa HQ: ele apresenta no início de cada capítulo epígrafes que têm contribuição de documentos históricos sobre a época, ou trechos de livros sobre o tema. Como o autor destaca em diversas entrevistas,

ele teve como referência historiográfica documentos da época que em sua maioria apresentava a perspectiva do homem branco diante do quilombo de Palmares e todas as situações que estavam ocorrendo naquele período. No primeiro conto *O Caminho de Angola Janga*, D'Salete destaca o escrito do governador de Pernambuco na década de 1660, com uma visão do negro como fugitivo e como causador de prejuízos à Coroa. Nessa fala, o governador relata que estavam prosperando “aumentados de muitas crias e de muitos que se lhe juntam ou eles apanham de entre os nossos” (D'SALETE, 2017, p. 12), mas referindo de forma a tratar o negro de forma objetificada.

Na sequência, o autor apresenta um contraponto com um trecho do renomado autor Clóvis Moura, *Rebeliões da Senzala* (1981), que já destaca Palmares como uma tentativa de autogoverno, enfatizando a potencialidade daquela comunidade que nascera em meio à violência da escravidão e que prosperava ao ponto de se tornar uma ameaça à ótica dominadora colonialista.

D'Salete utiliza esses recursos para realizar algumas explicações, da mesma forma que insere nas folhas de guarda a ilustração dos principais personagens que irão aparecer ao longo da trama, como forma de apresentá-los e localizar o leitor para a compreensão das histórias, e também o prefácio, posfácio, glossário e outras informações ao final.

Figura 15 – Introdução do capítulo O Caminho de Angola Janga



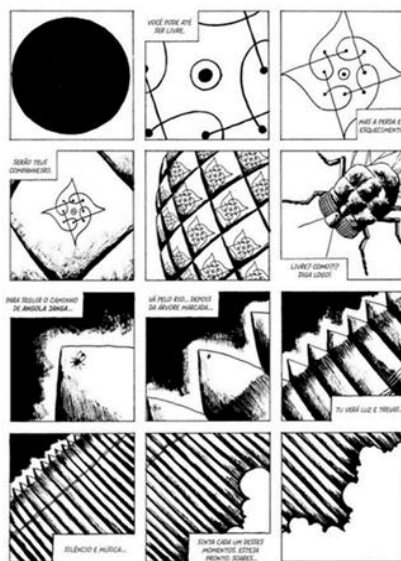
Fonte: (D'SALETE. Angola Janga, p.12).

Nesse primeiro capítulo, *O Caminho para Angola Janga*, D’Salete nos apresenta dois personagens negros, Soares e Osenga, que estão em fuga, a caminho de Angola Janga. O autor evidencia o quanto era complexa essa articulação de fuga e que havia outros negros que participavam da captura de escravos fugitivos, como os “Terço dos Henriques”, que como aponta o autor no prefácio, refere-se a “grupo de soldados negros, atuou na batalha contra os holandeses e fez parte de incursões contra o palmaristas.” (D’SALETE, 2017).

Ao final de *Angola Janga*, D’Salete apresenta uma esquematização parecida com a que aparece em *Cumbe*. Há um glossário com os termos específicos da cultura africana que aparecem ao longo do texto. No exemplo da figura a seguir, há um símbolo utilizado nesse primeiro conto da HQ, em que a personagem Cuca instrui Soares para chegar no quilombo de *Angola Janga*, de forma muito poética e cheia de metáforas, ela diz que eles devem passar pela árvore marcada. Esse símbolo é chamado de *Sona* e segundo a pesquisa do autor apresentada no glossário significa:

Um conjunto de símbolos de origem *tchokwe*, povo que habita o nordeste de Angola e as regiões próximas da República Democrática do Congo e Zâmbia. Esses desenhos são formados por pontos e linhas sinuosas realizadas na areia e acompanhadas por narrativas orais. Fazem parte dos rituais de iniciação dos rapazes. Este desenho representa um local na floresta onde abundam frutos e animais. O contador, ao desenhar, diz: do mato sai a perdiz, perseguida pelo *mukhondo*, sai a palanca perseguida pelo leão e sai a mulher perseguida pelo homem. (D’SALETE, 2017, p. 418).

Figura 16 – Capítulo 1 – *O caminho para Angola Janga*



Fonte: (D’SALETE. *Angola Janga*, 2017, p. 33).

Muitos outros símbolos como esse fazem parte desse quadrinho. D'Salete os utiliza num sentido muito simbólico, como trechos da trama em que é passado a sabedoria dos povos africanos, ou em momentos importantes de tomada de decisão e reviravoltas na narrativa. O autor opta por preservar diversos termos da cultura africana e “traduzi-los” pelas leituras complementares e pelo glossário. É um convite ao leitor para que conheça mais os aspectos culturais desses povos. A linguagem do quadrinho de forma geral mantém um estilo coloquial que proporciona uma leitura acessível para uma audiência não especializada, ou seja, D'Salete nos conta uma trama riquíssima no âmbito historiográfico por meio de uma linguagem acessível e muito dinâmica pelos quadrinhos.

No segundo capítulo, *Nascimento*, o autor nos conta o surgimento de Zumbi. Na epígrafe há um trecho de autoria presumida de João Fernandes Vieira de 1677, em que descreve o quilombo que estava se formando na Serra da Barriga, com fortificações e grande população. É uma visão do homem branco, que evidencia novamente os prejuízos que os negros estavam causando.

Ao lado de Palmares correm fertilíssimos campos que vão beber ao rio de São Francisco, abundantes de gados e lavouras, e cheios de currais, que todo se hão hoje despovoado pelas repetidas invasões dos negros que sem oposição militar assaltam, roubam e destroem todo aquele país, que é a melhor coisa do Brasil. (D'SALETE, 2017, p. 56).

Nessa história, os pais de Zumbi morrem em meio a uma fuga para o mocambo de Ganga-Zumba, em Macaco, e a criança é capturada pelos brancos e levada de volta à vila. É possível ver a mistura que o autor faz com dados da historiografia e a ficção a partir das lacunas e mitos sobre a história de Zumbi. Ele já destaca no início do capítulo que estamos em 1655, ano que é conhecido pelo seu nascimento. Há uma divergência na trama em que o padre Antônio Melo deseja a captura dos negros fugidos para sua catequização, enquanto para os senhores e capatazes essa captura é marcada pela violência e assassinato dos fugitivos, restando apenas a criança, que possivelmente é Zumbi, sendo entregue no final da história aos cuidados de padre Antônio Melo.

D'Salete esclarece no posfácio da HQ, que a história de Zumbi tem uma origem incerta, devido à falta de registros. O autor opta pela versão do pesquisador Décio Freitas, de que Zumbi havia sido capturado criança e educado em Porto Calvo, mas problematiza essa versão, reconhecendo que há divergências por parte de outros historiadores, pois não se encontraram documentos para comprovar essa versão. No entanto, D'Salete utiliza esse

mito em torno de Zumbi por meio da ficção. Ou seja, há uma liberdade proporcionada pela arte dos quadrinhos para que D'Salete conte essa história, sem prejudicá-la, o que também é justificado pela HQ não ser centrada na figura de Zumbi, mas sim em Palmares.

Figura 17 – Capítulo 2 - *Nascimento em Angola Janga*



Fonte: D'SALETE, *Angola Janga*, 2017, p. 77.

No capítulo 3, *Aqualtune*, D'Salete inicia com um trecho de uma Crônica de 18 de junho de 1678, sem autoria. Nesse trecho, é destacado a tentativa de paz em Palmares, em que houve uma ruptura entre os quilombolas.

Notável foi o alvoroço que causou a vista daqueles bárbaros. Porque entraram com seus arcos e flechas, e uma arma de fogo, cobertas as partes naturais uns com panos, outros com peles, com as barbas uns trançadas, outros corridas, outros raspadas, corpulentos e valorosos todos (...) Todos se foram prostrar aos pés de Dom Pedro de Almeida, e lhe bateram palmassem sinal de seu rendimento, e em protestaçoão da sua vitória. Aí lhe pediram paz com os brancos. (D'SALETE, 2017, p. 82).

O trecho apresentado tem total relação com o capítulo que irá narrar o início dos conflitos entre os palmaristas na tentativa de um acordo de paz. Observa-se que D'Salete utiliza nesse momento um documento com relatos da época, a partir da visão do branco, mas que contribui na elucidação e no entendimento de quão complexo eram as relações entre os palmaristas e a sociedade colonial. Nessa história são mostrados os conflitos entre os próprios quilombolas e até mesmo traições diante do acordo proposto pela colônia. Estava em jogo um acordo de paz em que os negros nascidos no quilombo de Palmares estariam livres e ganhariam terras em Cucaú, mas os demais deveriam voltar à condição de escravos, o que ocasionou uma ruptura e conflitos entre os quilombolas.

No capítulo seguinte, chamado *Cicatrizes*, a história se passa na Serra da Barriga em 1679. Nessa história, D'Salete apresenta o personagem Zumbi, já adulto. Embora, ele ilustre lembranças da criança que foi deixada ao cuidado do padre e que cresceu livre na vila com o nome de Francisco, mas que em determinado momento é instruído a procurar pela Serra da Barriga. D'Salete ilustra nesse capítulo lembranças de Zumbi, com páginas sem nenhuma fala, mas destacando o navio negreiro em seu interior, por exemplo. Podemos inferir que, mais uma vez, o autor simboliza a falta das falas em momentos em que o silenciamento era a única forma de sobrevivência desses negros, e ainda por meio da ficção, nos mostra Zumbi livre, mas em meio a uma sociedade que não o aceitava entre os brancos. Na figura a seguir, por exemplo, temos uma página inteira sem falas, mas que passam muitas informações, é o rompimento de Zumbi com o cristianismo e sua busca pelo quilombo de Palmares.

Figura 18 – Capítulo *Cicatrizas em Angola Janga*



Fonte: (D'SALETE, 2017, p.130).

No quinto capítulo, chamado *Cucaú*, é narrado em mais detalhes os conflitos entre o quilombo de Angola Janga e de Cucaú, pois este último já estava em acordo com a coroa portuguesa. Na epígrafe deste capítulo, D'Salete traz a contribuição de Décio Freitas, com um trecho do livro *Palmares – A guerra dos escravos* (1982) em que destaca o contexto histórico desse acordo que ocorreu entre alguns quilombos e a colônia. “A

simples razão indica que o pacto (de Cucaú) deve ter suscitado múltiplas e obstinadas resistências, principalmente devido à cláusula cruel que imolava ao cativo todos os nascidos fora de Palmares.” (D’SALETE, 2017, p.150). Na obra de Freitas, este afirma ter encontrado registros de que Zumbi fora criado pelo padre Antônio Melo durante sua infância. Dessa forma, D’Salete se utiliza dessas informações para incrementar sua narrativa, mesmo destacando em entrevistas de que há pouquíssimos registros de Palmares, sendo difícil ter dados historiográficos que relatem com mais detalhes a vida de personagens importantes como Zumbi, sendo esse um dos motivadores para que a ficção adentrasse nessa narrativa como via principal.

No capítulo 6, *Encontros*, temos Zumbi indo até essa vila em que supostamente foi criado, e que na trama tem vínculo com a escrava Madalena e com o padre, mostrando inclusive a relação de Zumbi com o cristianismo e mostrando em determinada cena que ele era inclusive alfabetizado. Nessa história é evidenciado a articulação que estava acontecendo entre os quilombolas liderados por Zumbi e o anúncio de que havia uma grande expedição dos bandeirantes comandados pelo paulista Domingos Jorge Velho para entrar em Angola Janga.

O capítulo seguinte, chamado *Selvagens*, traz na epígrafe um pouco mais sobre os bandeirantes, no trecho de Décio Freitas (1982) “Os bandeirantes foram, pois, uma tropa de choque a serviço do colonialismo português, e não era outra coisa (...) Os paulistas eram civilizados ou selvagens? [...]” (D’Salete, 2017, p.216). Há novos personagens nesse momento da trama, quando D’Salete ilustra a tribo dos *Oruazes*, na Capitania do Rio Grande do Norte, em 1690, em que há a tentativa de convocar os índios a lutar junto com os paulistas contra os palmaristas. Segundo o glossário

Este grupo indígena, apresado pelos paulistas, acompanhava Domingos Jorge Velho em suas incursões pelo interior do Brasil. Os paulistas usavam diversos grupos indígenas em suas investidas contra outros povos indígenas ou mesmo quilombolas. (D’SALETE, 2017, p.417).

Neste capítulo D’Salete nos apresenta melhor o personagem Domingos Jorge Velho, mostrando sua infância e relação com os indígenas desde essa época. Ao tornar-se adulto, torna-se um grande líder nas expedições e entradas contra mocambos e índios.

No capítulo 8, *Guerra no Mato*, D’Salete inicia com a epígrafe de autoria presumida de João Fernandes Vieira em carta enviada ao Conselho Ultramarino em 1677, que destaca a dificuldade de adentrar nos mocambos levantados pelos escravos fugidos.

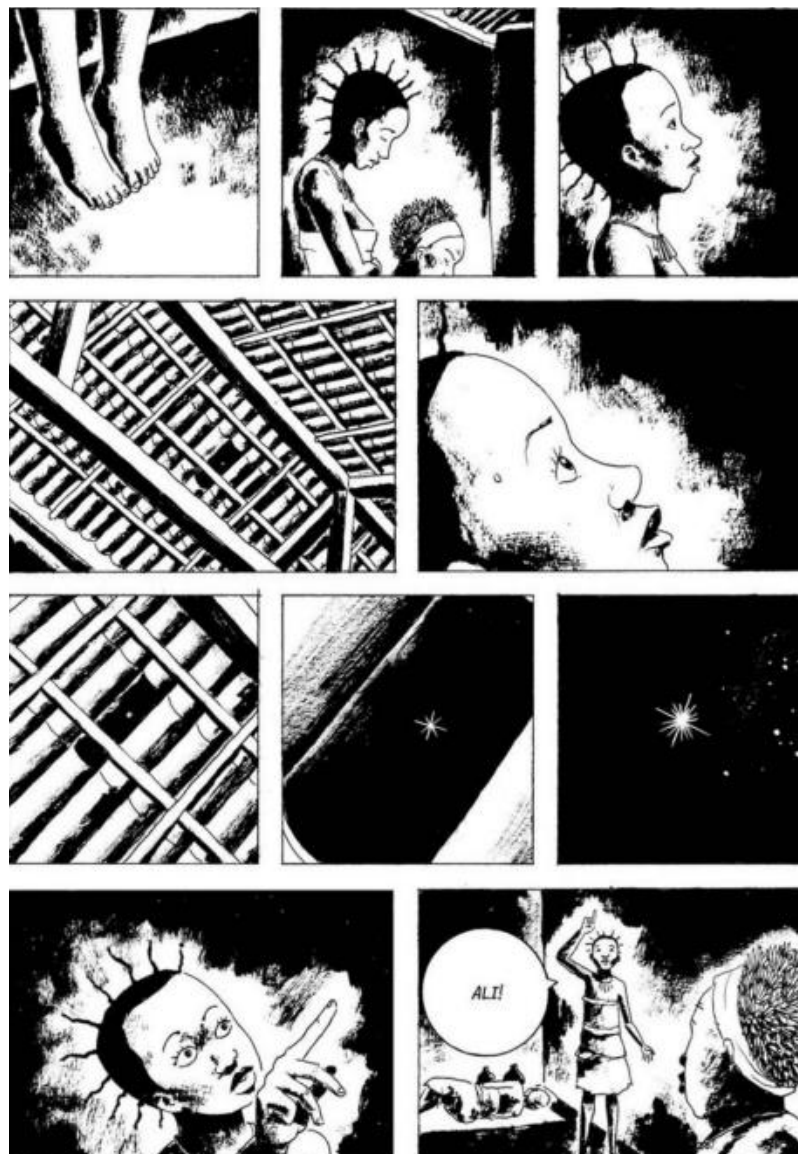
“Os negros como conhecedores dos intrincados caminhos e escondidos lugares lhe armam ciladas, matando a muitos que marcham carregados do sustento que levam e alguns largam por fugir mais desembaraçados, dilatando a vida, mas não evitando a morte [...]” (D’SALETE, 2017, p. 246). Nessa história ambientada em parte no mocambo Macaco em 1691 e nas vilas, é evidenciado a dificuldade em planejar um ataque contra o quilombo de Palmares. Há uma cena em que homens brancos conversam sobre o conflito de Cucaú, que havia sido destruída e seu líder Ganga-Zumba assassinado. Dessa forma, somente os bandeirantes poderiam ser força contra os negros que estavam no quilombo, embora fossem vistos como homens que estavam à margem da sociedade, conhecidos por serem “selvagens”. Nesse capítulo ainda são ilustrados os quilombolas liderados por Zumbi atacando o arraial que estava sendo construído pelos soldados para atacar os mocambos da serra. Esse seria apenas o começo de um conflito ainda maior, pois os bandeirantes ainda teriam forças para contra atacar os palmaristas.

No capítulo 9 intitulado de *Doce Inferno*, D’Salete destaca em uma fala de Padre Antônio Vieira de 1691 endereçada ao Rei de Portugal, que somente concedendo-lhes a liberdade que teriam maior controle sobre os negros, sendo uma saída que os párocos os doutrinassem, assim como fizeram com os índios. Essa história se passa no mocambo de Macaco, em 1694, e vai ilustrar uma sangrenta batalha entre a expedição de Domingos Jorge Velho e o mocambo de Macaco que é totalmente destruído, levando ainda muitos negros capturados, e a dispersão dos sobreviventes, formando novos quilombos menores na região.

No capítulo 10, *O abraço*, é ambientado em 1695 na Capitania Geral de Pernambuco – Serra Dois Irmãos. Nesse momento da narrativa temos Andala e Soares (braço direito de Zumbi) capturados pelos bandeirantes. Após torturado e com a promessa de liberdade caso entregasse Zumbi, Soares os leva até seu líder, que é morto e decapitado por Furtado e seus homens com o objetivo de levar até o governador a prova de que Zumbi estava morto. D’Salete encerra a HQ com o capítulo *Passos na Noite*, mostrando a personagem Dara na senzala da Capitania de Pernambuco em 1702. De forma simbólica, o autor ilustra o símbolo de *Ananse Ntontan*, que no glossário é apontado como sinônimo de sabedoria, esperteza e criatividade. E com um final que representa a esperança e a continuidade da luta pela liberdade, Dara é resgatada por Andala e foge com outros negros que estavam dispersos após o massacre de Macaco e morte de Zumbi. Importante destacar a epígrafe no início deste último capítulo sendo uma fala de Domingos Jorge Velho, de

1698, que fala justamente dos pequenos mocambos que tentariam se fortalecer e prosperar novamente.

Figura 19 – Capítulo *Passos na noite em Angola Janga*

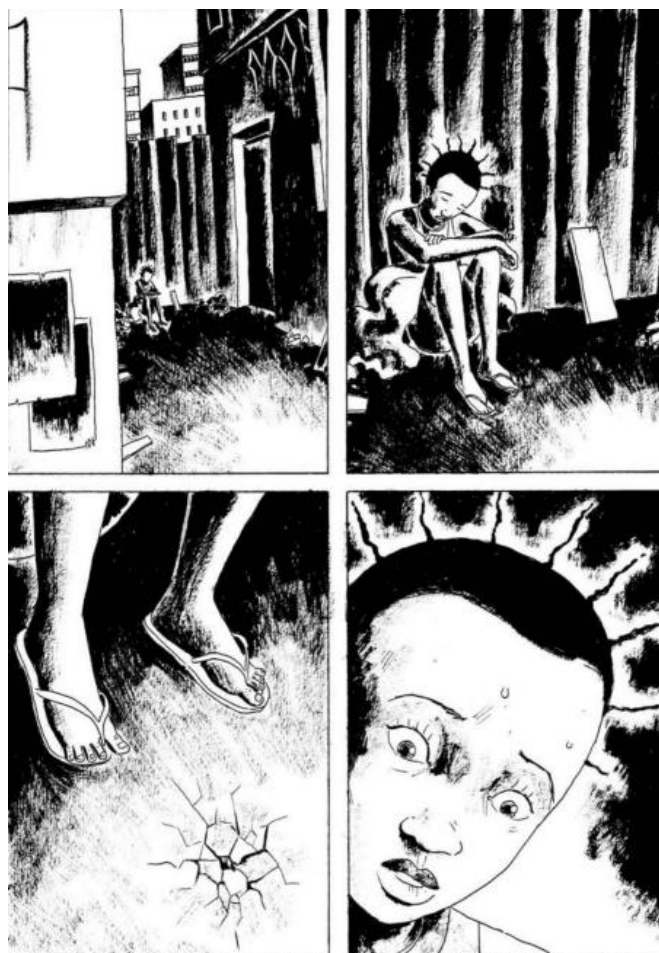


Fonte: (D'SALETE, Angola Janga, 2017, p.400).

Há um momento nesse último capítulo que ganha destaque na narrativa. O leitor que vem acompanhando as últimas décadas do quilombo dos Palmares é surpreendido por um momento em que D'Salete nos transporta para o século XXI, numa cena de uma grande cidade tomada por muitos prédios. Percebe-se a mesma personagem Dara, mas agora num grande centro urbano, à margem, em um beco, como se fosse apenas mais uma criança de rua. A seguir, volta-se para a trama em 1702, em que a personagem é repreendida por uma escrava mais velha para que volte a dormir. Como destacam Hebe

Mattos, Keila Grinberg e Martha Abreu (2018), o combate ao racismo é também um combate pela História. Temos nesse momento da história uma clara relação de tudo que foi ilustrado no quadrinho por meio dos conflitos existentes em Palmares com a contemporaneidade em que o negro ainda é vítima da invisibilidade e inferioridade. Toda história e memória da escravidão negra vai além do ensino da História na academia e nas escolas, pois há um legado que ainda perpetua em nossa atualidade em forma de racismo. É uma história que não pertence aos especialistas, pois também é presente nas comunidades, na tradição oral e nos sujeitos descendentes dos africanos escravizados no Brasil, formando inclusive nossa consciência histórica. (MATTOS, GRINBERG, ABREU, 2018).

Figura 20 – Capítulo *Passos na noite em Angola Janga*



Fonte: (D'SALETE, Angola Janga, 2017, p.392).

Após o glossário, há um texto explicativo sobre a obra intitulado *Picadas e Sonhos* em que o autor conta sobre o processo de escrita da HQ, suas pesquisas e inspirações e

aborda do ponto de vista histórico sobre o Quilombo dos Palmares. Na sequência é apresentada ao leitor uma cronologia da guerra de Palmares, destacando eventos desde 1597 até meados de 1736. Apresenta também mapas da região ilustrando os principais mocambos de Palmares do século XVII, e mapas explicativos das rotas de embarque e desembarque dos escravizados africanos. Na figura a seguir é possível observar que o quilombo de Palmares era um dos principais e dos mais populosos da época. O que D'Salete apresenta nesses mapas é algo dificilmente encontrado nos livros didáticos, pois pouco se estuda no ensino regular sobre os quilombos no Brasil no período colonial e seus conflitos. O autor evidencia a dimensão e força dos quilombos, em destaque o Quilombo de Palmares, que chegou a ter mais de 20 mil habitantes. Quanto às rotas de embarque e desembarque entre 1501 a 1900 é significativamente maior o número de negros que embarcaram na África centro-ocidental, Costa do Benin e Golfo de Biafra, e quanto às rotas de desembarque o número de negros que desembarcaram no Brasil é muito expressivo, em torno de 5.532 milhões. (D'SALETE, 2017) Considerando que somos um país com mais da metade da população negra, em torno de 54% em 2020. (Prudente, 2020), estes são dados importantes para pensarmos no quanto temos de influência do povo africano em nossa cultura. São estimativas que nos dão a dimensão da importância da escravidão africana para a formação social, econômica e cultural da América portuguesa. Corroborando com estes dados, Quadrat (2018) destaca que:

Estima-se que cerca de 10 milhões de africanos escravizados chegaram vivos aos portos das Américas. O Brasil recebeu cerca de 4 milhões desse total, sendo o Rio de Janeiro o maior porto de chegada dos africanos escravizados, em todo mundo. A escravidão perdurou no País cerca de 350 anos e deixou uma marca indelével em nossa sociedade, o que faz com que seja considerada um tema sensível da nossa história. As suas consequências são visíveis no País, materializadas no racismo que tem sido combatido por políticas de ações afirmativas e através da condenação judicial de sua prática, estabelecida desde 1988, quando a Abolição da Escravidão completava 100 anos. (QUADRAT, 2018, p.215-216).

Figura 21 – Mapa dos principais quilombos e regiões quilombolas no território brasileiro (século XVII ao XIX)

Mapa dos principais quilombos e regiões quilombolas no território brasileiro (século XVII ao XIX)



Obs.: Mapa realizado com base na obra de Rafael Sanzio A. Anjos em *Coleção África-Brasil / Cartografia para o Ensino-Aprendizagem*, 2005.

Fonte: (D'SALETE. *Angola Janga*, p.426).

Ao final, na quarta capa de *Angola Janga*, há alguns comentários que destacam a repercussão na obra dentro e fora do Brasil. O *The Huffington Post* dos Estados Unidos elogia a obra enquanto expressão artística. O autor Mário Medeiros que é uma referência para a literatura afro no Brasil, autor de *A descoberta do insólito*, faz um comentário

evidenciando Palmares como memória coletiva negra e sua importância para a nova geração de leitores. Ressalta-se que este autor vem pesquisando a temática da literatura afro-brasileira durante no século XX, e seus desafios enquanto produções que ficam à margem do mercado editorial predominante. Ainda discorre sobre as influências dos movimentos negros e das ciências sociais nas obras destes autores negros. Este comentário, portanto, destaca que o quadrinho *Angola Janga* alcançou importância não só por qualidade estética, mas por debater as questões raciais e seus espaços de memória.

A História Pública nesse sentido engloba os debates que envolvem temas sensíveis como a escravidão negra no Brasil, considerando que esta história traz implicações para os dias atuais. Como destaca Quadrat (2018) trata-se de um passado que não passa, pois deixa marcas do racismo e de assassinatos sem resposta. E ainda, sobre tais temas sensíveis, a obrigação do *dever de memória*, seja pelo meio acadêmico, do Estado e pela comunidade, que é saber sobre a importância da preservação e reconhecimento dessas memórias.

Ainda em relação à quarta capa de *Angola Janga*, há o comentário do historiador, antropólogo e autor de quadrinhos André Toral, que é um ótimo exemplo de um autor que faz transposição historiográfica para o formato dos quadrinhos, pois é autor das conhecidas obras *Adeus, Chamigo Brasileiro* (1999) e *Holandeses* (2017). Ele destaca a importância na obra para o tempo presente, tirando Palmares do silêncio e da distância do tempo. Como nos seus quadrinhos, são temáticas importantes que podem ser discutidas na atualidade, e no caso de D'Saete que não só nos relembra e traz elementos novos para a história de Palmares, mas traz questões sociais que são urgentes e necessárias.

Toda a riqueza de detalhes historiográficos ao final de *Angola Janga* revela o quanto o tema foi pesquisado, para que a partir dessas pesquisas fosse realizado o processo de criação da história. Além disso, D'Saete faz questão de evidenciar o processo de tráfico dos negros e sua ascensão nos quilombos como algo necessário para informar os leitores. Apesar de ser apenas mais uma das histórias de Palmares, como o próprio autor destaca, o tema é complexo e esse fechamento mais informativo na HQ pode ter uma função mais didática, que permite que até os leitores mais leigos conheçam essa parte da história do Brasil, passando para os leitores que procuram além do entretenimento, maior credibilidade sobre o assunto.

Durante toda a HQ, o autor utiliza recursos que são de valiosa importância para a compreensão da história, não só em seus aspectos gráficos, mas para a compreensão histórica do contexto em que as tramas acontecem. Desde a apresentação dos

personagens evidenciando cada traço para que o leitor os conheça e os identifique ao longo dos contos, pelos trechos históricos apresentados no início de cada história, que possibilitam ao leitor localizar-se historicamente e acompanhar a narrativa. De maneira geral, a experiência da leitura torna-se muito dinâmica com as utilizações de texto, ilustrações e todas as esquematizações apresentadas que ampliam o conhecimento sobre o assunto tratado, sem perder de vista a ficção, que é o ponto central desta HQ.

No Jornal *Folha de S.Paulo*, Lilia Moritz Schwarcz faz uma análise da obra *Angola Janga* que foi discutida no Clube de Leitura Folha em 28 de agosto de 2018. A autora destaca o equilíbrio entre a ficção e não ficção, e da contribuição que essa obra traz para a historiografia brasileira.

“Angola Janga” devolve aos brasileiros novos heróis e modelos de história. Palmares não vira apenas símbolo da luta das populações negras – representa uma nova interpretação do Brasil, que mostra a agência dos africanos e africanas, libertos e libertas, escravizados e escravizadas, suas conquistas e como jamais se acomodaram ao regime de privações que foram obrigados a enfrentar. (SCHWARCZ, 2018).

Somando-se às informações obtidas pela HQ e as diversas entrevistas concedidas por D’Salete, é possível destacar que o autor tem a intenção de debater a questão racial ao longo do período escravista, mas também as suas consequências que persistem em nossa atualidade. Importante ressaltar que D’Salete procura evidenciar não somente o negro enquanto força de trabalho, mas com toda sua contribuição intelectual, cultural, linguística e religiosa, se libertando da historiografia eurocêntrica. Conhecemos essa parte da história de forma generalista, apenas como os “escravos”, não sabemos a fundo suas vivências, modos de vida, cultura e afins. Ou seja, não os compreendemos em sua complexidade, foram incorporados em uma “grande história” contada, em suma, por homens brancos. O que D’Salete nos apresenta é uma grande reflexão sobre essas lacunas. E como aponta Quadrat (2018) são temas sensíveis que a História Pública pode se apropriar enquanto importante espaço de preservação da memória. E não apenas à legitimação das memórias, como também a sua divulgação histórica para amplas audiências.

3. MARCELO D'SALETE: UM INTELLECTUAL MEDIADOR E SUA HISTÓRIA PÚBLICA

3.1. Os intelectuais-mediadores como conceito e metodologia

O que este capítulo propõe apresentar são os aspectos que caracterizam Marcelo D'Salete enquanto intelectual mediador, e para esse fim trabalharemos este conceito e a metodologia que dele podemos extrair. Dessa forma, serão abordados diversos aspectos que compõem essa caracterização, como a trajetória do autor, suas principais influências e objetivos. Faz-se importante, neste sentido, debater a circulação das HQs *Cumbe* e *Angola Janga* e sua recepção em diferentes mídias. Aliado a isso, a importância historiográfica das obras também é ponto central desse debate, pois defende-se a ideia de que além de intelectual mediador, D'Salete também faz história pública por meio de seus quadrinhos e da forma como os divulga e debate a temática das HQs em diversos espaços.

Vimos que a publicização da História é um princípio importante dentro da prática da história pública. Muitos sujeitos que produzem história pública também podem ser considerados como intelectuais mediadores. Para Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016), a ideia do intelectual na sociedade está ligada comumente àquele produtor de uma “cultura original”. O intelectual, dentro desta chave, é o indivíduo que produz livros, álbuns, que interpreta o mundo por meio de uma produção autoral e intelectual. Em contraponto, haveria a figura do mediador cultural, que é um divulgador de conhecimento, aquele que faria uma ponte ou uma “tradução” entre o bem cultural produzido pelo intelectual e o público, podendo esta figura ser um tradutor, tradicionalmente visto como um profissional menor, menos valorizado, que não produziria nada original. Para Hansen, contudo, essa polarização é falsa. As duas autoras entendem que o mediador cultural é também, ele, produtor de um produto original, seria ele também um intelectual, um “intelectual mediador”, sendo capaz de influenciar os debates na esfera pública. (GOMES, 2020).

O historiador Jean François Sirinelli (2003) colabora com esta ideia destacando a figura do intelectual frente à historiografia, e seu conseqüente distanciamento da sociedade.

Além do mais, a historiografia recente experimentou um entusiasmo pelas "massas", às quais os intelectuais não podiam pretender pertencer devido a seu número reduzido, mas também pelo fato de pertencerem

às "elites", por muito tempo confinadas, em reação contra a história "positivista", ao purgatório dos subobjetos da história. (SIRINELLI, 2003, p. 235).

Conforme as contribuições da historiadora Claudia Alves (2019), Sirinelli classifica os intelectuais em duas categorias, sendo a primeira relacionada às atividades laborais ligadas ao escrito, como criadores e mediadores. É um conceito pensado de forma ampla, em que criadores e mediadores fornecem um papel importante na cultura. A segunda categoria descrita pelo autor refere-se aos intelectuais envolvidos com certo engajamento político-social, envolvido com a participação na coletividade. São duas propostas de caracterização do intelectual que se complementam na visão do autor.

Em relação ao engajamento na obra de Sirinelli, este é pensado como um fenômeno histórico que surge no contexto de criação e mediação cultural. O engajamento não fica limitado à intervenção direta no debate e na ação política, sendo descrito pelo autor sob duas formas de manifestação, podendo ser um engajamento direto ou indireto. No engajamento direto os intelectuais são os próprios autores ou testemunhos dos acontecimentos. Já no engajamento indireto, pode haver uma postura passiva frente à ação política, mas o trabalho do intelectual pode refletir nas linhas de força que orientam a reflexão geral. (ALVES, 2019).

Sirinelli (2003) aponta três chaves para a análise do intelectual. São elas os "Itinerários Intelectuais", as "Redes de sociabilidade" e a "Geração". Os itinerários intelectuais são referentes ao caminho formativo desse intelectual, suas influências e trajetórias. Já as redes de sociabilidade têm relação com o primeiro ponto e referem-se às escolhas desse intelectual, como participações ativas em revistas e associações, por exemplo. Quanto à geração, esta trabalha com a ideia de pertencimento do autor em seu contexto histórico, e quanto aos impactos sociais e culturais que influenciaram em suas obras e seus posicionamentos político-culturais. Todas essas chaves serão mais bem debatidas ao longo deste capítulo fazendo conexão com características de D'Salete enquanto produtor e intelectual mediador cultural.

Gomes e Hansen (2016) destacam o papel do intelectual mediador, sendo esta figura não apenas um simplificador de conteúdos, mas aquele que alcança novos públicos por meio de um novo bem cultural. Esse mediador é o que coloca esse bem cultural em contato com os grupos sociais e amplas audiências, formando público e criando produtos culturais e novas formas de comunicação. Os atributos para ser um "intelectual mediador"

estariam relacionados às práticas culturais existentes, a ação política que está envolvida nesse bem cultural e na criação de projetos político-culturais.

Podemos observar na circulação dos quadrinhos *Cumbe e Angola Janga* o que Gomes e Hansen (2016) apontam como fator de práticas político-culturais necessárias para ser um intelectual mediador. São obras que alcançam diversos públicos, inclusive os mais jovens, contribuindo com a educação formal e não formal, discutindo temas de grande relevância para a sociedade.

Um segundo aspecto é que essa “transmissão cultural”, envolve, por excelência, intenções e projetos políticos de intelectuais que objetivam o espraiamento das ideias e valores que defendem, pela sociedade mais ampla. [...] Daí o particular interesse de muitos mediadores na elaboração de produtos culturais que atinjam públicos mais jovens – os “cidadãos do futuro” -, por via da instituição escolar ou não, e que reforcem narrativas identitárias, as quais contribuem para a formação de culturas políticas que defendam valores por eles acreditados. (GOMES e HANSEN, 2016, p.28).

Para Gomes (2020), a divulgação do conhecimento para um público amplo é tão importante quanto sua produção, e estes intelectuais mediadores são os que se dedicam à divulgação de conhecimentos e seus valores. “É algo que está sempre ligado, direta ou indiretamente, a uma dimensão pedagógica e política em sentido largo” (Gomes, 2020). Essa função social e engajada politicamente faz de Marcelo D’Salete um intelectual mediador pelo conjunto de seu trabalho. D’Salete afirma que as HQs de autorias negras não chegavam ao grande público, e que hoje se aproximam cada vez mais dos grandes eventos e espaços da literatura. As temáticas trazidas por *Cumbe e Angola Janga* funcionam não só como aprendizado histórico e resgate das memórias quanto à cultura do povo africano, como também tem potencialidade para questionarmos nossa realidade brasileira e questionarmos todos os retrocessos políticos e culturais de nosso tempo.

Um aspecto importante da divulgação dos quadrinhos de D’Salete refere-se ao autor participar de diversos debates a respeito de temas que envolvem o espaço do negro nos quadrinhos, sobre o racismo e quanto ao lugar e desafios do negro na sociedade. Esses debates são proporcionados devido às narrativas do autor, que discutem esses assuntos nos quadrinhos *Cumbe e Angola Janga*, como em outros trabalhos já publicados. D’Salete vem incluindo em suas histórias os atravessamentos que o negro enfrenta em nossa sociedade. Dessa forma, a divulgação desses quadrinhos é o que a história pública

preconiza, conforme Santhiago (2016) destaca, pois ela colabora para a própria compreensão do tema.

À ação de ‘traduzir’ para o grande público corresponderia um desejável efeito colateral: refletir seriamente sobre o que manter ou excluir, sobre o quanto de background acrescentar, sobre a explicitação dos pressupostos que dentro de uma comunidade científica são dados por certo – não se traduz apenas linguagem mas todo um quadro de referências. (SANTHIAGO, 2016, p. 30).

Embora *Cumbe* e *Angola Janga* sejam frutos de pesquisas históricas, o que D’Salete produz pode ser considerado um novo bem cultural, pois são novas narrativas criadas a partir da historiografia. Além da narrativa, há sua criação artística pelas ilustrações, que dão novos sentidos ao tema produzido. Quando D’Salete utiliza sua narrativa por meio das HQs envolvendo conteúdos históricos, ele já está realizando um trabalho de mediação cultural – e de forma criativa, nova.

Gomes e Hansen (2016) trazem a questão de uma dicotomia que precisa ser rompida, pois trata-se de uma hierarquização em relação aos processos culturais. O primeiro estaria relacionado ao processo de criação do bem cultural, sendo o intelectual ligado à figura do produtor original, como autores, inventores e cientistas. Já numa segunda categoria estariam os processos de acesso e recepção dos bens culturais, e seus públicos seriam alcançados pela categoria do divulgador/vulgarizador, entendida muitas vezes como algo não original e erudito. No entanto, podemos considerar que Marcelo de D’Salete ocupa um duplo espaço enquanto produtor intelectual e mediador/divulgador e rompe com essa dicotomia apontada pelas autoras. D’Salete, afinal, tem formação acadêmica na área, dominando a linguagem historiográfica, e produz obras para amplas audiências por meio de revistas em quadrinhos, linguagem esta que também domina.

Por meio de alguns exemplos debatidos ao longo deste trabalho, é possível verificar que o autor participa desde aulas em universidades e no ensino regular, como também participa de entrevistas e exposições que atingem um público mais amplo e popularizam seus trabalhos e os temas envolvidos. D’Salete realiza um trabalho de mediação de suas obras e consegue por esses meios se comunicar diretamente com o público. Esse duplo espaço enquanto mediador e intelectual mediador é ocupado pelo autor, pois ele é também o próprio autor e ilustrador dos quadrinhos. *Cumbe* e *Angola Janga* são produtos originais, não se caracterizando nem mesmo como adaptação de alguma outra obra, além do mais, o autor conta com uma vasta pesquisa e bibliografia

sobre o período histórico em que as histórias se passam. Essas referências, portanto, nos dão mais embasamento para compreender as obras com ainda mais credibilidade e rigor historiográfico, mesmo se tratando de uma obra que tem a ficção como ponto central.

O mesmo intelectual pode ser dessa forma, o criador e mediador. E como apontam Gomes e Hansen (2016), o intelectual poderia ser somente o criador, ou somente o mediador, ou até mediador em mais de um tipo de atividade de mediação cultural. Essas considerações colaboram com a ideia de que essas posições não são fixas, pois as identidades profissionais também não são. D'Saete, nesse contexto, vem trilhando um caminho que o caracteriza como intelectual mediador que ocupa posições e funções de criador e de intelectual concomitantemente. O autor conversa com diferentes públicos, sem perder a seriedade do tema que é abordado, desde conversas mais formalizadas diante de um público acadêmico, ou as diversas entrevistas que foram concedidas às mídias digitais que alcançam um público amplo e variado, ou às participações em TV aberta, em que é necessária uma linguagem mais popular, sem simplificar a complexidade de seu conteúdo narrado nas HQs. Parafraseando a autora Marta Rovai (2018) em um de seus textos que intitula como “publicizar sem simplificar”, esse seria um aspecto que além de caracterizar D'Saete como intelectual mediador, ainda dá indícios de sua prática em história pública.

Outra comparação interessante para evidenciarmos as obras de D'Saete como produtos de um intelectual mediador é a sua sistematização entre o saber popular da cultura africana e sua incorporação numa narrativa junto aos fatores históricos mais conhecidos sobre a chegada do povo negro ao Brasil e a escravidão. Sua contribuição é ainda maior, pois o autor traz aspectos da cultura africana muito pouco explorados e estudados no Brasil, de difícil acesso aos leigos em história ou aos estudantes do ensino regular. O objetivo de salvar um patrimônio cultural “popular” e transmiti-los por suas histórias é um dos pontos principais das HQs de D'Saete. São narrativas contadas pelo ponto de vista dos escravizados e quilombolas, inseridos em sua cultura e seus valores, e a partir dessa visão que é incorporado os aspectos mais historiográficos sobre o tema da escravidão e da resistência dos povos negros no Brasil.

Nos quadrinhos de D'Saete, quando se coloca em debate uma HQ fora dos estereótipos, estas proporcionam um novo olhar para essa temática. Não é meramente didática, não possui uma tradicional visão “eurocêntrica” da história do Brasil, e proporciona, dessa forma, a história por uma nova perspectiva. Se os negros não eram retratados de forma alguma, e posteriormente passam pelos papéis da subalternidade nas

narrativas, eles ganham em D'Salete total protagonismo. Essa seria uma das mais importantes contribuições de *Cumbe e Angola Janga*. O autor consegue conciliar um pano de fundo histórico com a ficção e novos olhares a partir do protagonismo negro.

Considerando então, a trajetória de D'Salete e as obras estudadas neste trabalho, trilha-se um caminho para considerá-lo como um potente intelectual mediador na atualidade. Como o próprio autor destacou em entrevistas, um dos principais objetivos destas HQs é a transmissão dessa parte da história pouco conhecida e retratada. Além disso, elas possibilitam para as novas gerações um espaço para as narrativas dentro dessa temática que vão muito além da dor. Quando seus personagens são apresentados em toda sua humanidade, sem transformá-los em heróis, é possível avançar nessa temática e contribuir na formação dos leitores, em seus aspectos historiográficos, sociais e de cidadania.

3.2. Trajetória, formação e obras de Marcelo D'Salete

Na caracterização de um intelectual mediador é importante a análise do perfil dessa pessoa, e como aponta Angela de Castro Gomes (2020) as suas propostas, projetos e suas articulações com determinado grupo ou rede são pontos essenciais para essa caracterização, sendo uma conceituação complexa e fluida.

Autor das obras selecionadas neste trabalho, Marcelo D'Salete, nascido em São Paulo em 1979, faz parte de uma nova geração de artistas que utilizam os quadrinhos como recurso expressivo. Ele cresceu em São Paulo e teve sua formação básica em escolas públicas em São Mateus e Artur Alvim. Em seguida realizou o ensino médio em um colégio técnico no Brás. É ilustrador, autor de histórias em quadrinhos e desde 2011 é professor de artes na educação básica, atuando na Escola de Aplicação da FEUSP⁹. D'Salete é mestre em História da Arte pelo Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte (2009, MAC- USP)¹⁰, além de licenciado em Artes Plásticas pela ECA – USP¹¹ (2006).

Anterior ao sucesso das HQs *Cumbe e Angola Janga*, Marcelo D'Salete participou junto com outros autores de algumas revistas de quadrinhos como *Front* (n.10 e n.11 de 2002 pela Via Lettera); *Contos Bizarros* (2003 pela editora Abril); *Graffiti 76% Quadrinhos* (n. 17 lançada de forma independente em 2008); a antologia *O Fabuloso*

⁹ Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

¹⁰ Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

¹¹ Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Quadrinho Brasileiro de 2015 publicado em 2015 pela Narval Comix, em que trouxe o conto *Calunga*, publicado originalmente em *Cumbe* (2014); revista *Expressa* (n.8 de 2020 pela Revistas de Cultura) em que contém capítulos de *Encruzilhada* (2011), *Cumbe* (2014) e *Angola Janga* (2017). Essas primeiras publicações influenciaram de certa forma a trajetória que D'Saete faria enquanto autor de quadrinhos que debatem temas sociais e raciais.

Como exemplo, a revista *Front* que era voltada para o público adulto entre 2001 e 2007 – e com algumas edições especiais realizadas posteriormente – realizava publicações feitas por uma cooperativa de autores que em cada edição trabalhavam com uma linha temática específica. O próprio D'Saete em entrevista ao *Portal Geledés*, afirma que o início de suas publicações na *Front* foram cruciais para os seus desenhos sobre as questões sociais, pois tinha influência de outros quadrinistas do período como Miguelanxo Prado, Peter Kuper, Lourenço Mutarelli e Laerte. (D'Saete, 2015).

De todas as publicações, destaca-se também as obras em que D'Saete é o autor (artista e roteirista). Sua primeira *graphic novel* foi *Noite Luz* (2008), seguida de *Encruzilhada* (2011); *Cumbe* (2014); *Risco* (2014) e *Angola Janga* (2017). *Cumbe* e *Angola Janga* foram produzidas concomitantemente e foram as HQs mais premiadas. *Cumbe* (2014) foi publicado pela editora Veneta e trouxe a temática da resistência negra, destacando as relações de violência da sociedade, e a resistência dos escravizados, seja pela criação dos mocambos, como também em pequenas ações de rebeldia no cotidiano das vilas e fazendas. A HQ foi indicada ao prêmio HQ MIX (Brasil, 2015), ao *Rudolph Dirks Awards* (Alemanha, 2017) e premiada no *Eisner Awards 2018* na categoria *Best U.S. Edition of International Material*. D' Saete foi reconhecido internacionalmente, sendo publicado em Portugal, Itália, França, Estados Unidos e Turquia. Em Portugal, o livro foi selecionado pelo programa *Ler+* como sugestão de leitura para a rede escolar. Em 2018 foi lançada pela mesma editora Veneta, a 2ª edição de *Cumbe*, trazendo novo posfácio do autor detalhando o processo de criação e pesquisa e sua relação com a obra de 2017 – *Angola Janga*, além de desenhos inéditos.

O quadrinho *Angola Janga* de 2017, também alcançou grande público, sendo premiado no “Grampo Ouro” em 2018, troféu “HQ MIX” e vencendo na categoria “quadrinhos” o 60º Prêmio Jabuti. Internacionalmente ganhou o *Rudolph Dirks Awards* em 2019 por “Melhor Roteiro América do Sul”. Ganhou ainda edições estrangeiras em países como França, Portugal, Estados Unidos, Espanha, Polônia e Áustria. No Brasil,

Cumbe e Angola Janga foram algumas das obras em HQs selecionadas para o PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) Literário de 2018.

3.3. Principais influências estéticas e artísticas

Um das chaves utilizadas para a análise dos intelectuais proposta por Sirinelli (2003) são os itinerários intelectuais, que se trata de forma geral da caminhada individual ou de trajetórias de grupos que partilham uma matriz comum. Refere-se a toda a formação do intelectual, seus encontros, leituras e posições institucionais. Nesse sentido, D'Salete afirma ter como inspirações para sua carreira enquanto quadrinista os *mangás*, que fizeram parte de sua infância. Teve como principais referências, nesse âmbito, artistas como Katsuhiko Otomo; Taiyo Matsumoto e Hideo Yamamoto.

D'Salete afirma em entrevista ao *Ecoa Uol* que os quadrinhos com poucas palavras e muitas imagens já lhe chamavam a atenção. A característica dos *mangás*, como *Akira* de Katsuhiko Otomo, são inspirações para as ilustrações do autor, pois são conhecidos por serem quadrinhos com imagens muito dinâmicas, sequências de ilustrações sem falas, em que o leitor consegue acompanhar as ações dos personagens de forma mais detalhada. (HAMA, 2021). Otomo é um dos mais famosos *mangakás* de todos os tempos e inspirou-se no Japão da década de 1960 para criar a trama futurista *Akira*. Otomo também se inspirou no cinema norte-americano, como D'Salete também menciona ter se inspirado, principalmente para as sequências sem falas e focadas principalmente nas ilustrações, para que as histórias fossem contadas a partir das imagens. Sobre a obra de Taiyo Matsumoto, D'Salete também afirma ter se inspirado em questões mais técnicas, como uso do preto e branco, e as formas como cria as cenas, escolha dos ângulos etc., como afirma para o jornalista Ramon Vitral em seu blog *Vritalizado*:

O trabalho do Taiyo talvez tenha me influenciado porque eu o visitava bastante por causa do traço, então a escolha por trabalhar com caneta nanquim, 0.2 e 0.3, provavelmente veio muito por causa de artistas como ele. Foi algo que eu acabei desenvolvendo mais e incorporando no Encruzilhada e depois seguiu no Cumbe e no Angola Janga [...] Além disso a forma como ele pensa e estrutura as cenas de ação, também foi algo que chamou muito a minha atenção. Ele é muito dinâmico, consegue passar uma sensação de diversas ações ocorrendo em um tempo muito curto, com aquelas linhas na diagonal dos quadros. (D'SALETE, 2020, informação verbal).

O autor ainda destaca que teve como influência e de maneira não formal, o *rap* e o *hip-hop*, no sentido de falarem sobre as periferias e a juventude negra. Essas influências são visíveis em algumas HQs de D'Salete, como *Encruzilhada* (2011) e *Risco* (2014) que retratam situações da periferia e da juventude negra. Nessas obras que retratam um contexto mais atual, o autor pôde explorar os conflitos de classe e as opressões sofridas no âmbito racial, econômico, político e cultural. Nesse sentido, a influência da cultura do *hip-hop* aparece em detalhes, nas referências urbanas das grandes cidades, no grafite e outros elementos ilustrados por D'Salete nesses quadrinhos. Nobu Chinen escreve na primeira orelha da HQ *Encruzilhada* destacando: “A narrativa de Marcelo é uma espécie de jogos de imagens com poucos diálogos e muitas cenas, numa composição rica e dinâmica que mais insinua do que explica.”

Em entrevista concedida ao Sesc Bauru em 25 de novembro de 2021 com a temática “Narrativas Negras Através da Arte”¹², ao ser questionado sobre suas raízes e inspirações para a realização dos quadrinhos *Cumbe* e *Angola Janga*, D'Salete menciona memórias musicais de Jorge Ben Jor, Tim Maia e da cultura do *hip-hop*, também destaca HQs que retratam autores negros como Carolina de Jesus e Lima Barreto. Na referida entrevista, o autor ressalta ainda a importância de pessoas negras falando sobre a história negra e produzindo conteúdo sobre a cultura negra de forma geral. Em outra entrevista ao *Portal Geledés* o autor enfatiza, mais uma vez, essa influência do *rap* em sua formação e da importância para a sociedade sobre a realidade das periferias. É importante destacar que o *Geledés* é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros compreendendo esses segmentos como vítimas de desvantagens e discriminações.

Eu ouvia muito rap. Esse era um som bem presente quando moleque. De certa forma, quando comecei a fazer quadrinhos, fui um pouco influenciado pelo que estava ouvindo e ainda hoje só faço quadrinhos ouvindo música. Acho que meus quadrinhos dialogam com diversos públicos dentro de uma grande cidade. A partir dessas histórias, é possível refletir sobre nossa realidade. Enfim, as histórias servem para quem é da periferia e para quem está fora dela também, mas todos, de um modo ou de outro, estão implicados nesse universo. (D'SALETE, 2015, informação verbal).

¹² Essa entrevista fez parte do projeto “Negras Narrativas” realizado pelo Sesc Bauru e está disponível no canal oficial do YouTube. Participaram do debate a escritora Cidinha da Silva e a pesquisadora e escritora Lia Vieira.

Compreendendo que o movimento *hip-hop* e o *rap* possibilitam pela música a reflexão e visão crítica quanto às injustiças e desigualdades sociais; entende-se que tais desigualdades e o racismo são históricos, e remontam da época da escravidão. Essa influência que D'Saete aponta em algumas entrevistas são indícios de que suas últimas HQs – *Cumbe* e *Angola Janga*, mesmo abordando um período histórico específico, traz essa inspiração da arte urbana que o autor vinha utilizando muito bem em seus outros trabalhos.

3.4. Redes de sociabilidade

Sirinelli (2003) quando destaca os itinerários intelectuais como um dos pontos importantes para a análise do intelectual, relaciona essa categoria às redes de sociabilidade, que têm relação com as origens do despertar intelectual e político. Dessa forma, é uma ferramenta para o estudo dos intelectuais. Reforçando essa ideia, Angela Gomes afirma que o intelectual só existe em rede, “o que dá força à dimensão coletiva do processo de produção e socialização dos conhecimentos, e reforça o vínculo, que não é mecânico, com projetos político-culturais de um tempo e lugar.” (Gomes, 2020, on-line).

Gomes e Hansen (2016) apontam a sociabilidade intelectual como prática constitutiva de grupos de intelectuais, que definem seus objetivos e formas associativas para atuar no interior de uma sociedade mais ampla. Nessa abordagem, que possui as contribuições de Sirinelli, Jean Pierre Rioux, entre outros, os intelectuais estão sempre imersos nas sociabilidades que os situam e os inspiram, sendo as outras categorias da trajetória do intelectual e a da geração intimamente ligadas a essa construção de uma história dos intelectuais.

Dessa forma, percebe-se que os quadrinhos de D'Saete, como toda a sua obra, se relaciona com diversos autores que são referência para os estudos em questões étnico-raciais e que debatem a respeito da negritude e todos os seus desafios ao longo da história. O autor vem participando de obras sobre as questões raciais, como as de Aimé Césaire, Oswald de Camargo e Clóvis Moura. Também fez participações importantes como na Bienal do livro de Pernambuco, em eventos como exposições do Sesc de Araraquara. Em 2021 fez mais uma participação em evento ligado a uma universidade estrangeira, como

a *Ohio State University*, pelo Centro de Estudos Latino-Americanos¹³, em março de 2021, para debater sobre as HQs *Cumbe* e *Angola Janga*.

Os quadrinhos *Cumbe*, *Encruzilhada* e *Angola Janga* de Marcelo D'Saete foram citados junto com outras obras como *Conto dos Orixás* de Hugo Canuto e *Jeremias* de Rafael Calça e Jefferson Costa por Silvio Almeida em seu canal do *Youtube* em novembro de 2020 em um programa sobre “Como surgiram os heróis”. Essas redes de sociabilidade, portanto, aparecem nesses formatos da mídia, considerando a importância de Silvio Almeida nos debates contemporâneos sobre o racismo estrutural e a questão racial de forma ampla. Ou seja, os quadrinhos de D'Saete sendo usados como exemplos para esses debates, e no caso do vídeo, significa o quanto essas HQs tem esse potencial de reflexão e compreensão de assuntos relacionados à negritude e a história. Almeida destaca a importância dessas HQs para uma subversão do que era entendida como cultura ocidental e todo seu predomínio. (ALMEIDA, 2020).

Percebe-se que D'Saete vem há alguns anos circulando por diversos espaços para debater suas obras, como também vem sendo citado em trabalhos científicos e em revistas virtuais. Isso vem dando visibilidade para suas obras e para a temática de seus trabalhos. Nas várias entrevistas pesquisadas para este trabalho, percebe-se D'Saete sempre evidenciando a importância dos quadrinhos negros, sobre o racismo, e sobre a história negra e suas influências no Brasil. Dessa forma, não apenas vem sendo tratada a narrativa em si, ou apenas os aspectos gráficos de *Cumbe* e *Angola Janga*, mas todo o contexto político-social que envolve tais obras e D'Saete utiliza muito bem esses espaços para divulgar história e debater assuntos de relevância social.

3.5. A circularidade das obras

A partir do sucesso de *Cumbe*, lançado originalmente em 2014, D'Saete ganhou maior visibilidade no mercado dos quadrinhos e na mídia de forma geral. As HQs *Cumbe* e *Angola Janga* venderam juntas mais de 200 mil cópias segundo Hama (2021). *Cumbe* foi premiado em 20 de julho de 2018 ganhando o prêmio de “melhor edição americana de material estrangeiro” no *Eisner Awards*. A HQ foi lançada nos EUA pela *Fantagraphics* com o nome *Run for It: Stories of Slaves Who Fought for the Freedom*¹⁴.

¹³ Disponível em: <https://clas.osu.edu/events/global-comics-lecture-series-making-angola-janga-and-run-it-marcelo-dsaete?fbclid=IwAR176PhWD8nhJWO-1y9vVTAj1atTwmgjONYUJPASKNEH6nCdWDMwlj5uLyY>. Acesso em: 15 jan. 2022.

¹⁴ *Run for it*: Histórias de escravos que lutaram pela liberdade.

Nesse ano da premiação D'Saete foi o único brasileiro a ser indicado. O *Eisner Awards* é um evento que ocorre anualmente dentro da *Comic Con* de San Diego na Califórnia, e é considerado o maior evento de quadrinhos e artes populares do mundo, tendo como missão conscientizar e apreciar o público em geral pelos quadrinhos, contando com exposições e atividades de divulgação pública que celebram a construção histórica e contínua dos quadrinhos para a arte e a cultura. Os indicados são escolhidos por um corpo de jurados que se reúnem anualmente em San Diego por pessoas que representam vários aspectos da indústria dos quadrinhos. É realizada uma chamada para as inscrições em que as editoras ou os criadores podem enviar suas obras para análise.

Com destaque nas premiações internacionais, a HQ *Cumbe* foi traduzida em diversos países como Portugal (editora *Polvo*), França (editora *Çà et Là*), Itália (editora *Becco Giallo*), Áustria (editora *Bahoe Books*), Espanha (em catalão pela editora *Tigre de Paper*), Turquia (*Kara Karga*) e Estados Unidos (*Run for it*, editora *Fantagraphics*). Da mesma forma, *Angola Janga* também foi traduzida para outros países conforme foi ganhando visibilidade e sendo indicada para diversos prêmios, em alguns países as versões estrangeiras foram lançadas pela mesma editora que *Cumbe*. Ganhou edições estrangeiras em países como França (editora *Çà et Là*), Portugal (Editora *Polvo*), Estados Unidos (*Fantagraphics*), Espanha (*Flow Press*), Polônia (*Timof*) e Áustria (*Bahoe Books*).

A HQ *Angola Janga* foi lançada em alemão pela editora austríaca *Bahoe Books*, e em 2019 o quadrinho foi premiado no *Rudolph Dirks Award* em Dortmund, na Alemanha, na categoria “América do Sul – Roteiro”. Importante destacar que essa seleção é realizada por um grupo de mais de 100 profissionais da área editorial e dos quadrinhos. O quadrinho *Cumbe* já havia sido indicado para este prêmio na mesma categoria em 2017. Esse prêmio alemão leva o nome de um famoso artista deste país que foi considerado como pioneiro no uso de balões em histórias em quadrinhos. Essas premiações iniciaram em 2016 e têm o objetivo de promover a apreciação pela literatura gráfica. Essas indicações e premiações vêm mostrando o quanto o quadrinho e a temática de D'Saete chamam a atenção para outros países que reconhecem a importância de maior conhecimento e valorização da cultura afro-brasileira e as diversas leituras que podem ser feitas por meio dessas obras.

É válido destacar que diante de tantas publicações internacionais, há um processo complexo de tradução dessas HQs que trazem termos da cultura africana. No Brasil, essa leitura torna-se mais familiarizada devido a nossa cultura estar totalmente ligada a essas raízes. Como exemplo, no conto de *Sumidouro* de *Cumbe* (2018), Carolina Kossoski Felix

de Moraes Rezende (2019) analisa em sua dissertação de mestrado essas questões relacionadas às traduções na obra de Marcelo D'Saete. No trecho “Ei, oia lá/ Ô minino mané no Uandá... Ô mané piquinino no uandá” (D'Saete, 2018, p. 60) temos a personagem Calu cantando um vissungo para seu filho, com termos claramente ligados à cultura africana. No Brasil, mesmo que não saibamos a origem de cada palavra, é possível entender que se trata de uma cantiga para a criança. Nessa situação a tradutora norte-americana Andrea Rosenberg optou por deixar notas musicais nas bordas dos quadros, indicando que esse trecho seria uma música. A música permaneceu sem tradução e foi acrescentada uma nota de rodapé explicando o significado e convidando o leitor para compreender melhor o termo pelo glossário.

Embora o trabalho de Rezende (2019) não seja relacionado à história pública e/ou intelectuais mediadores, é possível analisá-lo por essa perspectiva. O trabalho do tradutor, por exemplo, é uma mediação importante que implica todo um conhecimento relacionado a outra cultura e não restritamente à língua. No quadrinho *Angola Janga*, também traduzido para o inglês por Andrea Rosenberg, foi optado por preservar algumas palavras em seu sentido original justamente para que o leitor possa pesquisar no glossário e compreender um pouco mais da cultura africana e suas relações e influência no Brasil. Rezende (2019) pôde entrevistar a tradutora dessas obras, e Rosenberg fala nessa entrevista dos desafios de traduzir esses quadrinhos com tantos detalhes, e da necessidade de pesquisar sobre as línguas bantas e fazer contato com pesquisadores norte-americanos que trabalham na área. Afirma ainda que as próprias pesquisas realizadas por D'Saete que são apresentadas nas HQs contribuíram para esse processo tradutório. Nesse sentido, percebe-se um amplo trabalho que também caracteriza a tradutora dos quadrinhos de D'Saete como mediadora cultural.

Sobre a circulação e *feedback* de seus quadrinhos nas escolas proporcionados pelo PNLD literário de 2018, D'Saete afirma no debate da Bienal do Livro de Pernambuco (2021) ter recebido alguns retornos de escolas de São Paulo dos próprios professores, como relatos e imagens dos quadrinhos que estavam utilizando. No entanto, é difícil saber em detalhes como essas aulas acontecem, e como o próprio autor destaca nessa entrevista, a importância de os debates sobre a cultura negra não ocorrerem somente no mês de novembro – mês da consciência negra –, mas que aconteçam de forma institucional, como um projeto institucional/escolar. Ou seja, para D'Saete, a importância da circulação de obras como as que ele produziu repercutem no meio escolar e trazem também para o debate como são as formações dos professores nas universidades sobre o tema, como são

as produções dos livros didáticos e também se ocorrem e como ocorrem as formações permanentes de professores sobre a cultura negra no Brasil. Apesar do próprio autor afirmar não ter produzido as HQs pensando na sua utilização nas escolas, ele destaca nessa entrevista a importância dessas obras terem sido apontadas e indicadas pelos professores. Dessa forma, elas alcançaram a indicação para o PNL D e seu acesso foi amplificado de forma considerável.

3.6. Recepção nos meios de comunicação ¹⁵

Com a repercussão nacional e internacional de *Cumbe e Angola Janga* diversos meios de comunicação passaram a comentar, citar e analisar as obras de D'Salete. *Angola Janga*, por exemplo, teve sua edição publicada pela editora *Çà et Là* na França e foi discutida pela rádio francesa *France Culture* em maio de 2018 por pesquisadores e historiadores como Pascal Ory, Clyde Plumauzille e Etienne Anheim. Nesse debate sobre a obra de D'Salete, são destacadas as características da HQ como quantidade de páginas, utilização de glossário e demais recursos explicativos. Os pesquisadores tecem diversos elogios sobre o material, enfatizando a importância de o quadrinho ser bem documentado, por meio dos textos complementares que o autor apresenta na HQ. É interessante essa repercussão fora do Brasil, porque os pesquisadores que debateram a obra mencionam não ter muito conhecimento até então sobre o período escravista no Brasil, pois há mais informações e fontes sobre o contexto escravocrata na América do Norte.

Percebemos, dessa forma, a grande importância de D'Salete em retratar esse ponto importante da história, em que houve tentativa de auto governança por parte dos negros, e da importância de ser retratada pela ótica dos escravizados. Os pesquisadores franceses ainda destacam a qualidade em aspectos artísticos, como o traço em preto e branco muito utilizado por D'Salete. Outro ponto percebido pelos franceses é a utilização das imagens como primeiro plano, com muitas sequências sem falas, o que deixa em destaque todo o ritmo das ilustrações e o dinamismo que são retratadas as batalhas em Palmares, como cada gesto e expressão dos personagens. Eles ainda destacam a grandeza dessa obra em não cair em mero didatismo sobre o tema.

Na matéria francesa, os historiadores indicam ainda a importância da obra para ser trabalhada em escolas, e da sua potencialidade enquanto forma de resistência política.

¹⁵ Optamos por usar o termo recepção, no entanto, pode-se compreender os estudos sobre as obras ou autor como Fortuna Crítica.

Os pesquisadores destacam também que todas as obras e documentos mencionados no início dos capítulos resultam em maior “credibilidade histórica” para a obra. E, por fim, ressaltam a qualidade da HQ em contar a história pela perspectiva dos escravizados, e que, embora não houvesse registros dessa ótica, o autor se utiliza da ficção para narrar o quadrinho. Por meio desse exemplo, considera-se que há uma importância para os estrangeiros conhecerem nossa história por esse formato de mídia, que é reconhecido como ferramenta para lugar de memória.

D’Saete também foi mencionado na revista mexicana *Pacarina Del Sur*, em que o artista plástico e quadrinista Juan Navarrete faz uma análise de cada conto de *Cumbe*, evidenciando sua relação com o contexto histórico pesquisado por D’Saete. Navarrete aponta D’Saete como um dos poucos cartunistas negros no contexto moderno dos quadrinhos, e do quanto é relevante a temática que o autor traz ao trabalhar as questões raciais na obra. Navarrete demonstra ter conhecimento dos quadrinhos brasileiros, e cita como destaques no Brasil obras como o autor da HQ *Morro da favela*, André Diniz, mas ainda assim, destaca em seu texto a pouca visibilidade de quadrinhos que tratem da negritude no Brasil.

Blogs norte-americanos sobre quadrinhos como o *The Beat* mencionam a HQ *Cumbe* como importante ferramenta contra o racismo, fato observado no próprio título da matéria “Marcelo D’Saete encontra dignidade na feia história da escravidão no Brasil”¹⁶. A matéria ainda destaca o cuidado do autor em tratar os contos pela perspectiva do negro, falando de suas histórias pessoais e todas as situações dolorosas que passavam, aliando a essas narrativas o contexto histórico desse período da escravidão no Brasil.

Ainda referente às repercussões das obras em nível internacional, o site *Global Voice*, que reúne blogueiros de diversos países, publicou matéria sobre a importância dos quadrinhos de Marcelo D’Saete para a compreensão do passado e do presente, intitulado de “Como os quadrinhos de Marcelo D’Saete nos ajudam a entender o passado e o presente do Brasil”¹⁷. Nessa matéria destacam a importância da representação dos negros no quadrinho, usam dados comparativos com os Estados Unidos, dizendo que o Brasil foi o país que mais trouxe africanos para o continente, sendo número dez vezes maior que nos EUA, e o último país a abolir a escravidão. Evidenciam a pesquisa histórica realizada pelo autor e entrevistam D’Saete, perguntando, por exemplo, do porquê contar histórias

¹⁶ Título original “*Marcelo D’Saete finds dignity in Brazil’s ugly history of slavery*”

¹⁷ Título original “*How the comics of Marcelo D’Saete helps us understand Brazil's past and present*”

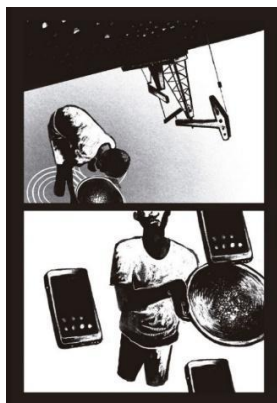
pela perspectiva negra, em que o autor ressalta a importância desse protagonismo, sem romantizações, mas mostrando os personagens de forma mais humanizada.

Dessa forma, percebe-se que nas diversas matérias publicadas fora do Brasil, Marcelo D'Saete vem sendo ovacionado pelo material realizado. Os aspectos gráficos da HQ foram muito elogiados por conta do dinamismo e detalhamento de cada cena, sendo destacado na revista *Pacarina Del Sur*, por exemplo, as inspirações que D'Saete afirma ter tido dos *mangás*. E o autor vem sendo principalmente reconhecido pela forma como traz a temática da escravidão e valorização da cultura afro-brasileira, que ganharam muito destaque internacional por ser uma parte da história que se já é pouco conhecida e debatida no Brasil, é muito mais surpreendente para os estrangeiros. D'Saete vem contribuindo para a divulgação de quadrinhos e da cultura brasileira por meio de seu destaque fora do país.

3.7. Produção em diferentes mídias e formatos

D'Saete também vem contribuindo com suas ilustrações em diversos livros e quadrinhos que discutem aspectos da negritude. Ilustrou livros como o de Aimé Césaire, *Discurso sobre o colonialismo* (2020). Esta obra de Césaire faz uma crítica direta ao colonialismo e ao racismo, foi lançada originalmente em 1950 e tornou-se uma referência para os militantes anticolonialistas e inspirou movimentos como o Panteras Negras. (CÉSAIRE, 2020). Nessa nova edição vem de encontro ao momento atual em que ainda se percebe resquícios e até uma retomada do fascismo em nossa sociedade e todos os impactos que refletem na desigualdade social. As ilustrações de D'Saete apresentam-se nesse sentido e mostram o quanto o autor se alinha com a obra de Césaire.

Figura 22 – Ilustração de Marcelo D'Saete em *Discurso sobre o colonialismo*



Fonte: (CÉSAIRE, A. Discurso sobre o colonialismo, 2020).

D'Salete ainda ilustra a nova edição do livro *O carro do êxito* de Oswaldo de Camargo (2021), uma coletânea de contos de um dos mais notáveis militantes do movimento negro brasileiro. Camargo foi diretor de cultura da Associação Cultural do Negro e é um dos principais colaboradores de periódicos como *Novo Horizonte*; *Niger*; *Ébano* e *Cadernos Negros*¹⁸, sendo este último periódico uma das grandes influências de D'Salete em sua formação informal, como ele afirma em entrevista para o historiador Ivan Lima Gomes (2018).

Foi a partir da música que eu acabei chegando no *Quilombhoje*¹⁹, nos *Cadernos Negros*, e, depois, no cinema. Todas essas experiências acabaram me alimentando. Pesquisei sobre a presença negra na arte, cultura e história na graduação e na Pós-graduação. O meu mestrado é sobre arte afro-brasileira. Tudo isso propiciou um universo de referências para falar sobre a experiência negra em um país como o Brasil. E como esta sociabilidade de hoje é moldada a partir de fatos históricos. (D'SALETE, 2018).

Figura 23 – Ilustração de Marcelo D'Salete em *O carro do êxito*



Fonte: (CAMARGO, O. *O carro do êxito*, 2021).

¹⁸ Publicado pela primeira vez em 1978, a antologia *Cadernos Negros* completou quarenta anos de publicações anuais em 2018.

¹⁹ Coletivo e editora criado em 1982, a partir da reunião de diversos escritores paulistas preocupados em produzir obras literárias voltadas para a questão negra no Brasil. (Gomes, 2018).

A ilustração de capa da nova edição do livro de Clóvis Moura, *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* (2021) também conta com a arte de D'Saete. Esta obra de Moura foi publicada originalmente em 1977 e debate a condição do negro no Brasil pós-abolição. Este autor ao longo de sua obra vem evidenciando o negro como sujeito político ativo na sociedade de classes brasileira. Destaca-se, então, este livro como ponto importante para discutir o negro em nossa sociedade e todos os desafios enfrentados, desde o período após a abolição, que não resolveu a questão do racismo e da violência, pois a luta pelos direitos e espaço na sociedade continuaria. Dessa forma, D'Saete, mais uma vez, participa de uma obra enquanto ilustrador, alinhado às suas ideias e ao que vem publicando em seus quadrinhos, como em *Cumbe* e *Angola Janga*.

Como os assuntos da negritude fazem parte da vivência de D'Saete, ele teve liberdade na elaboração de suas histórias. Isso fez parte, inclusive, da formação acadêmica do autor, e como resultado da junção de todas essas experiências, estas reverberaram na arte dos quadrinhos. O mestrado de D'Saete é uma pesquisa sobre a arte afro-brasileira, intitulado de “A configuração da curadoria de arte afro-brasileira de Emanuel Araújo” realizado em 2009 pela Universidade de São Paulo (USP). Contribuiu ainda com um capítulo do livro *Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos* de Renata Felinto (2012)²⁰. D'Saete produziu o capítulo intitulado *Artistas negros do século XIX*, sendo esse material dedicado para os profissionais da educação.

Além da divulgação por meio das escolas, jornais e revistas brasileiras também vem divulgando os quadrinhos de D'Saete. O jornal *Folha de S. Paulo*, publicou em 16 de julho de 2018, matéria sobre a HQ *Cumbe*, contando sobre a pesquisa historiográfica realizada e sobre a premiação do *Eisner Awards*, que estava próxima na época, e conta ainda com entrevista de D'Saete sobre a importância do tema da cultura afro em nossa sociedade. *Angola Janga* também foi destaque no jornal *A tarde*, de Salvador, em abril de 2018. Nessa matéria é evidenciada a pesquisa realizada pelo autor para compor a obra e, principalmente, a temática de *Angola*, que traz um outro lado da história sobre Palmares, que é pouco conhecido pelas pessoas e a sua conexão com nossa realidade, como destaca D'Saete na entrevista concedida para essa matéria

²⁰ SOUZA, M. S. Artistas negros do século XIX. In: Renata Felinto. (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

Mesmo sendo um livro histórico, tentei trazer elementos contemporâneos à obra. Situa-la num contexto atual. Esse passado ainda tem relações com nosso mundo hoje. A escravidão acabou, mas certas estruturas de poder, e os grupos por trás disso, alteraram-se pouco. (D'SALETE, 2018, informação verbal.)

Como meios de divulgação, além das próprias obras publicadas, D'Salete possui um site com sua biografia, todas as obras realizadas e notícias que envolvem seus trabalhos. Atualmente também podemos encontrar na rede social *Instagram* a página oficial de D'Salete com mais de 19 mil seguidores, considerando esta como uma potente forma de divulgação de trabalho e compartilhamento de conteúdo e informações. Conforme aponta Marta Rovai (2018), com a disseminação das mídias, como a internet, por exemplo, rompem-se barreiras entre os espaços do saber e transforma-se as relações com o conhecimento, ampliando consideravelmente seu público. O autor faz diversas publicações em sua página, possibilitando contato direto com seus seguidores. Publica muitas recomendações de quadrinhos e livros clássicos ou que vêm sendo lançados, como, por exemplo, *Manual do Minotauro*, de Laerte, e principalmente obras que fazem referência às questões raciais, como *Águas de homens pretos* de Allan da Rosa e *Questão de Raça* de Cornel West. Algumas dessas recomendações fazem parte dos contatos próximos de D'Salete no meio artístico, como Allan da Rosa, que fez importantes contribuições nas HQs pesquisadas neste trabalho.

Pelas redes sociais de D'Salete, também é possível acompanhar as exposições e eventos em que o autor participa. O autor participou de diversas exposições internacionais, como em Angola (2019), Moçambique (2019) e Portugal (2020). Também são divulgadas em sua página, tanto rede social como site oficial as entrevistas em que suas HQs estão em destaque.

Outras formas encontradas de divulgação das obras de D'Salete foram por meio de entrevistas concedidas pelo autor, sendo algumas dessas relacionadas ao campo acadêmico e a mídias mais populares e acessíveis como jornais na TV aberta. Em 2018, por exemplo, D'Salete concedeu entrevista para o jornal da TV Cultura, falando sobre a HQ *Cumbe*, logo após sua premiação no *Eisner Awards*. É importante destacar os espaços de fala nesse contexto, pois são oportunidades de o autor conversar e debater de forma mais próxima do grande público. Ele destaca as pesquisas de *Cumbe* e *Angola Janga* terem início por volta de 2004, em que estudou mais a fundo o período colonial e a escravidão no Brasil. Ao ser questionado sobre o interesse dos estrangeiros para obras que falam sobre a escravidão no Brasil, D'Salete pontua a importância do surgimento de

autores contemporâneos que falam da história negra, pois o que era conhecido internacionalmente até então, eram autores mais antigos como Gilberto Freyre, por exemplo. Além disso, o tema das HQs vai muito além de uma história estritamente brasileira, pois fala de tráfico de negros, e de questões que remetem a todo continente americano. (D'SALETE, 2018).

Destaca-se esse tipo de entrevista em TV aberta como uma forma potente de divulgar e informar sobre a história do povo negro por uma outra perspectiva, não sendo apenas um meio para divulgar seus quadrinhos, mas uma ação de cunho político-cultural. Apesar de todo o avanço das mídias digitais, a TV aberta ainda é um poderoso e influente recurso na vida dos brasileiros. Quando se tem um artista negro que transmite ao grande público toda a legitimidade e importância de suas pesquisas enquanto intelectual e artista, estamos lidando com uma ruptura importante se pensarmos que o Brasil ainda é um país que lida com o racismo estrutural, e que não tem a imagem do negro relacionado à produção intelectual e artística, dessa forma, essa visibilidade e representatividade se faz de extrema importância.

Recentemente, em 2 de outubro de 2021, na XIII Bienal do livro de Pernambuco, o autor concedeu uma entrevista por meio de plataforma on-line sobre o tema “A história negra em quadrinhos”. Nessa entrevista, D'Salete fala da importância de leis que tornaram o ensino sobre a história indígena e afro-brasileira obrigatório nas escolas²¹. Para o autor a lei colabora, já que a prática de se falar sobre esse assunto acontecia de forma muito setorizada, mas que ainda se apresenta como um desafio mesmo após a lei ser aprovada.

[...] a lei de 2003 e depois de 2008 foi muito relevante pra trazer ao público de uma forma mais ampla uma discussão que os movimentos negros já faziam há décadas, e é muito importante a gente pensar em retomar a discussão de que diversos grupos e coletivos negros organizados desde o início do século XX e mesmo antes [...] vem como pautas principais de que houvesse uma educação e uma história que abarcasse essa presença negra no Brasil. Não somente vendo essa cultura e essa experiência afrodiaspórica como uma contribuição à história brasileira, mas como uma presença civilizadora para pensar e entender o Brasil de hoje. (D'SALETE, 2021, informação verbal).

Para a produção dos quadrinhos em seus aspectos historiográficos, D'Salete afirma que foram anos de pesquisa. Em relação à *Angola Janga*, o autor diz que havia

²¹ Referência a lei 11.645/08.

registros de Palmares, mas que em sua maioria eram arquivos de instituições judiciais e policiais da época. Nesses registros eram relatados como soldados e capitães subiam à Serra da Barriga para destruir o espaço, e todo o território era descrito, como também as pessoas e seus traços culturais, sob a perspectiva dos militares. Dessa forma, os arquivos encontrados para a pesquisa das HQs de D'Salete, datando do século XVIII e XIX, no período imperial, tratavam as pessoas negras quase como coisas, e eram relatos repletos de violência. (D'SALETE, 2021).

Foram esses, portanto, os registros historiográficos encontrados para retratar tal época. A importância das HQs é seu diferencial quando esses momentos históricos são tratados pelo olhar da ficção. Nas palavras de D'Salete “essas frestas podem ser acessadas a partir da ficção, e usando a ficção da forma mais potente possível” (D'Salete, 2020). A ficção permite ao autor trabalhar os objetivos e anseios desse povo como também suas formas de organização em sociedade. Importante ressaltar, como destaca D'Salete, que a ficção não faz esquecer tal passado violento, mas potencializa a visibilidade para essa história pouco contada pela perspectiva daqueles que eram oprimidos.

Além das entrevistas, é possível encontrar o autor referenciado em diversos artigos e produções acadêmicas. Em 2019, Jasmin Wrobel²², doutora em estudos latino-americanos, publicou na revista *ArtCultura* o artigo *História(s) redesenhada(s): visualizando analogias entre hoje e o passado – periferias urbanas, resistência negra e vozes femininas na obra de Marcelo D'Salete*. Dissertações de mestrado como a de Carolina Kossoski Felix de Moraes Rezende, pela Universidade de Brasília em 2019 intitulada de *Palmares em tradução: uma visita à Angola Janga de Marcelo D'Salete*²³, encontramos a obra de D'Salete analisada pela temática dos estudos da tradução. Já no artigo de Christian Carlos Rodrigues Ribeiro *A narrativa urbana de Marcelo D'Salete, um intérprete do Brasil* de 2021, é possível observar a análise das obras do autor por uma perspectiva sociológica.²⁴ Diversos outros artigos referentes ao tema de gênero, raça, entre outros, foram encontrados relacionados aos quadrinhos de D'Salete. Isso evidencia

²² WROBEL J. História(s) redesenhada(s): visualizando analogias entre hoje e o passado – periferias urbanas, resistência negra e vozes femininas na obra de Marcelo D'Salete. **ArtCultura**, Uberlândia, v.21, n.39, p. 99-116, jul./dez. 2019.

²³ REZENDE, C.,K.,F.,M. **Palmares em tradução: uma visita à Angola Janga de Marcelo D'Salete**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Brasília-DF, 2019.

²⁴ RIBEIRO, C.,C.,R. *A narrativa urbana de Marcelo D'Salete, um intérprete do Brasil*. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n.61, set. 2021.

que as obras do autor vêm sendo analisadas por diversas áreas de conhecimento, o que vem contribuindo para a reverberação de sua obra.

Isso evidencia a capacidade de Marcelo D'Saete enquanto artista, mas também as inúmeras possibilidades que a narrativa gráfica pode proporcionar. É possível observar que desde as primeiras ilustrações publicadas por D'Saete, há parcerias com diversos artistas que vem se destacando na cena atual, em que a produção de quadrinhos cresceu significativamente nos últimos anos. Com esse aumento no mercado dos quadrinhos, abriu-se espaço para que as HQs abrangessem uma variedade de temas, e nesse contexto, D'Saete vem se consolidando como artista que trabalha a temática da história e cultura negra.

Outra interessante forma de divulgação foi proporcionada pelo estúdio *Sue The Real*, que em maio de 2020 elaborou um protótipo de jogo a partir da HQ *Angola Janga*. O jogo foi intitulado como *Angola Janga: Picada dos Sonhos*, sendo um jogo 2D baseado na HQ. O jogo possui elementos de aventura e quebra-cabeça em que o jogador precisa ajudar os personagens Soares e Andala a encontrar o caminho até o Quilombo dos Palmares. É possível acessar e baixar esse link para conhecer a fase inicial do game²⁵, sendo que há possibilidade de o estúdio realizar sua versão completa. O estúdio *Sue The Real* é focado em jogos de narrativas afro-brasileiras.

Iniciativas como essa são muito importantes para divulgar os conhecimentos sobre a escravidão e o movimento dos quilombos, e destaca o quanto D'Saete proporciona por meio de suas obras, uma gama de ferramentas para se fazer história pública. O jogo pode ser uma forma de atrair jovens e adultos para a relevância dessa temática, sendo didático e dinâmico. Nesse sentido, podemos considerar que o reconhecimento pelo público, o alcance a diferentes audiências e o engajamento político-social são pontos importantes no trabalho de um intelectual mediador.

D'Saete ainda vem firmando parcerias com autores que discutem a questão racial, evidenciando um engajamento político-social em suas obras. Na maioria se trata de obras e parcerias em projetos relacionados com o lugar social do negro e debatendo e possibilitando reflexões sobre a opressão, o preconceito, questões raciais, econômicas, políticas e culturais. Das diversas entrevistas que o autor vem concedendo, estas não só divulgam as HQs destacando seu sucesso e premiações, mas sempre possibilitam espaços de fala do autor que consegue transmitir sua mensagem. As HQs de D'Saete possuem

²⁵ Link disponível em <<https://suethereal.com/angolajanga>>

uma potência e função social quando trazem ao debate feridas que ainda não cicatrizaram em nossa sociedade. Ele consegue destacar toda a riqueza da cultura africana, seu processo de pertencimento e de como ela está introjetada em nosso cotidiano.

3.8. Conexão com o seu contexto social, político e acadêmico

Retomando o historiador Sirinelli (2003), este aponta como um terceiro aspecto para a análise da figura do intelectual o conceito da geração. Nesse sentido, podemos analisar algumas características de Marcelo D'Saete, como seu pertencimento regional, classe social, escolarização e identificações ideológicas. Todos esses quesitos contribuem para contextualizarmos os quadrinhos de D'Saete. Enquanto artista negro, D'Saete afirma que a escolha do tema foi algo que surgiu naturalmente, compreendendo seu contexto social e lugar de fala, que ele compreende para a construção da narrativa como algo importante. Em entrevista ao *El País*, o autor conta sobre as pesquisas que realizou para a produção de *Cumbe*, e que elas foram feitas nas bibliotecas na USP (Universidade de São Paulo) e no Museu Afro- Brasil.

A divulgação por diferentes mídias das HQs *Cumbe* e *Angola Janga* possibilitaram maior visibilidade à perspectiva negra sobre esse momento de nossa história. A experiência pessoal do autor também é um aspecto muito importante para a sua relação com a obra. D'Saete revela nessa entrevista que vivenciou situações de racismo ao longo de sua vida, desde quando trabalhava como office boy mais jovem, e até mesmo dentro da Universidade de São Paulo em abordagens policiais.

Quando garoto eu comecei a trabalhar como office boy e em mais de um momento eu fui orientado a entrar no elevador de serviço e não pelo social. Isso por volta de 95, 96. Eu lembro que trabalhava na região da Paulista e era esse o tipo de tratamento que eu tinha lá. Em outro momento, eu estava em uma banca de jornal, isso era final de 90 também, e eu estava vendo uma revista em quadrinhos, pensando se eu ia comprar ou não e o vendedor veio e tirou a revista da minha mão, sem dizer nada, considerando que eu não era consumidor e, muito menos, cidadão. [...] Esses e vários outros casos também. Ser parado pela polícia, mesmo na Universidade de São Paulo. Em aeroporto, indo fazer parte de um festival internacional de quadrinhos, fui barrado e por aí vai. (D'SALETE, 2018, informação verbal²⁶).

Em relação ao contexto político, D'Saete vem se posicionando em relação aos discursos como o do conceito de harmonia racial e social que paira ainda na atualidade.

²⁶ Entrevista concedida a Giorgia Cavicchioli pelo *El País*, em 16 de ago. de 2018.

Esses debates acabam anulando os conflitos contra um projeto colonial e centralizador. Segundo D'Salete (2019) ele foi percebendo a dimensão de seus quadrinhos nesse cenário por meio de conversas com leitores que davam nossas ideias e possibilidades de leituras de suas imagens e narrativas. “A ideia é humanizar esses personagens e fazer com que as pessoas vivenciem, de certo modo, aquele período a partir deles, observando, também, as suas contradições” (D'SALETE, 2019, informação verbal²⁷).

É válido destacar que os temas de *Cumbe* e *Angola Janga* se encaixam muito bem ao momento que a cultura afro vem sendo estudada e mais valorizada na educação brasileira, pois faz parte do currículo obrigatório das escolas a partir da lei 10.639/03. Percebe-se também nas mídias uma maior atenção sobre o racismo estrutural e suas consequências. Recentemente vimos movimentos que tomaram força nos Estados Unidos e no Brasil de derrubada de monumentos escravocratas. Segundo a historiadora Suzane Jardim (apud OLIVEIRA, 2020) a discussão sobre a descolonialidade vem desde a década de 1970. Dessa forma, a identidade de um país passa por escolha de heróis e símbolos. No Brasil, por exemplo, a estátua do bandeirante Borba Gato em Santo Amaro amanheceu manchada de tinta em 2016, como o Monumento às Bandeiras no Ibirapuera. Jardim ressalta a importância de que, mesmo que esses monumentos sejam repensados, é válido debater para que não sejam apagados da memória, pois foram personagens que existiram (Oliveira, 2020). Essas imagens podem também nos remeter a um passado racista e violento que não deve voltar, e que devemos continuar lutando.

Além disso, no universo dos quadrinhos, vem crescendo o espaço de obras de autoria negra que debatem a questão racial como *Carolina* de João Pinheiro e Sirlene Barbosa (2016) que retrata a biografia dessa importante escritora que enfrentou diversas dificuldades e que hoje é reconhecida internacionalmente e *Jeremias* de Rafael Calça (2018) que deu finalmente visibilidade a um dos mais antigos personagens da Turma da Mônica de Maurício de Souza, além das obras de D'Salete que fizeram enorme sucesso. Nobu Chinen (2019) destaca em seu livro fruto de pesquisa do doutorado que os quadrinhos de autoria e personagens negros cresceu substancialmente entre 2011 e 2019, sendo que um dos motivos pode estar relacionados às produções independentes, e projetos de financiamento coletivo, por exemplo. Chinen destaca que a referida lei 10.639/03

²⁷ Entrevista concedida a Ivan Lima Gomes em outubro de 2018 e publicada pela revista ArtCultura em 2019.

contribuiu muito para que a partir dos anos 2000 a representação dos negros nos quadrinhos fosse mudando, principalmente se comparado a meados do século XX.

3.9. Articulação da historiografia com a obra

Há um período histórico específico nas duas obras de D'Saete que trazem na narrativa aspectos da historiografia referentes ao século XVI e XVII. D'Saete destaca que teve inspirações para realizar sua pesquisa e realização dos quadrinhos como o intelectual Petrônio Domingues. Sobre a HQ *Angola Janga*, D'Saete conta sobre algumas inspirações e influências de intelectuais em uma entrevista para Lia Hama (2021):

O interesse para fazer o livro de Palmares surgiu a partir de um curso promovido por um intelectual muito bom, o Petrônio Domingues. Também teve outro escritor importante para mim, o Luís Fulano de Tal, autor de "A Noite dos Cristais". Ele tem uma forma extremamente ágil de falar sobre a Revolta dos Malês [levante de escravizados em Salvador em 1835]. Li "Rebeliões da Senzala" e "Sociologia do Negro Brasileiro", de Clóvis Moura, e também o trabalho do Flávio Gomes, grande pesquisador sobre quilombos. Na área de ficção, li a escritora Toni Morrison. (D'SALETE, 2021).

O autor cita em mais de uma entrevista sobre esse curso realizado com Petrônio Rodrigues pelo Núcleo de Consciência Negra em 2004, e que havia lido *Palmares – A Guerra dos Escravos* do Décio Freitas. Pela obra de Freitas, interessou-se pela saga de Palmares, mas que estava no livro apresentado de forma narrativa. Para transpor essa linguagem acadêmica para o mundo dos quadrinhos, D'Saete dedicou suas pesquisas para as imagens que eram retratadas na época. Os desenhos e pinturas dos artistas holandeses do século XVII foram importantes para essa análise e construção dos seus traços. No posfácio de *Cumbe*, na segunda edição de 2018, o autor relata ter visitado algumas regiões do nordeste brasileiro para uma melhor compreensão do local que ilustraria em suas narrativas.

D'Saete vem discutindo sua obra em diversos espaços, dos mais populares aos meios acadêmicos. Como exemplo, destacamos sua participação em um curso²⁸ ligado a *Princeton University* em um debate sobre narrativas negras intitulado como "Performando a Cultura Brasileira: Raça e Gênero em cena". A discussão foi patrocinada pelo Programa de Estudos Latino-Americanos, Departamento de Espanhol e Português e

²⁸ *Princeton Challenge* é um módulo de curso focado em projetos e/ou engajados na comunidade.

o *LAB* Brasil²⁹. Nessa aula, D'Saete pode falar sobre sua trajetória e de que considera importante o diálogo entre diversos cursos, e também de suas inspirações e vinculações ao movimento negro e a cultura do *hip hop* que o marcaram e fizeram com que ele tentasse levar esse debate para os quadrinhos. Na aula foi discutido sobre as narrativas negras no Brasil durante o século XX e sobre as fontes coloniais disponíveis que o guiaram enquanto ilustrador. Como em outras entrevistas concedidas no Brasil, D'Saete evidencia que não produziu um trabalho puramente historiográfico, pois enquanto artista pode se utilizar da ficção e da poesia para compor sua obra.

O autor evidenciou nessa aula diversos mapas que registravam Palmares, sendo que alguns são apresentados ao final da HQ *Angola Janga*. Dessa forma, nessa aula que D'Saete participa ele pôde destrinchar melhor alguns dos mapas apresentados na HQ. Destaca a capitania de Pernambuco, e onde estariam os diversos mocambos de Palmares. Também destaca a geografia do lugar e sobre as imagens relacionadas aos corpos negros. Nessa aula, D'Saete conversa diretamente com os alunos de diversos países participantes desse curso de *Princeton* podendo esclarecer sobre as imagens que representavam os negros por uma perspectiva do Brasil colonial e as suas imagens ilustradas nos quadrinhos.

Destaca-se a importância desse debate que faz uma ponte com conteúdos históricos, e suas repercussões fora do Brasil, D'Saete pôde responder perguntas relacionadas a sua forma de ilustrar, a preferência por narrar em quadrinhos, as formas que decidiu ilustrar os personagens negros (como Zumbi, por exemplo) e do que esperava da repercussão de sua obra. Fica evidente a ressonância de seus quadrinhos dentro e fora do Brasil, e da importância sobre o tema trabalhado, pois como o autor evidencia não trata apenas da escravidão no Brasil, mas tem sua reverberação internacional porque repercute na história da América Latina e sobre o assunto das relações com a escravidão no mundo.

3.10. Espaços onde publica suas obras de história pública

D'Saete vem publicando suas últimas obras pela editora Veneta. Como destacado no capítulo anterior, essa editora tem por características obras que têm algum tipo de engajamento político-social. Assim, os quadrinhos de D'Saete se alinham a este perfil da editora, sendo até mesmo anunciado no site da editora na categoria “Biblioteca antirracista”. A parceria com a editora Veneta vem desde 2014 em que *Cumbe* foi

²⁹ *Brazil Lab* é uma iniciativa de professores e alunos de *Princeton* que trabalham no e sobre o Brasil.

publicado em sua primeira edição, em seguida foi publicado o quadrinho *Encruzilhada* de 2016, em 2017 D'Saete publica *Angola Janga*, e em 2018 a segunda edição de *Cumbe*.

Cumbe e *Angola Janga* foram obras que contaram com o apoio de ProAC Sp. O ProAC (Programa de Ação Cultural) contempla em seus editais diversas categorias artísticas diferentes. Desde 2008, o programa mantém um edital cujo objetivo é ser uma ferramenta de incentivo público para os produtores de quadrinhos no estado de São Paulo.

A primeira edição de *Cumbe* (2014) foi contemplada pelo edital de “Apoio a Projetos de Criação e Publicação de Histórias em Quadrinhos” recebendo o valor de 40 mil reais. Em 2013 *Angola Janga* conseguiu receber o mesmo incentivo, sendo contemplada pelo Edital Proac nº 35/2016 – “Concurso de apoio a projetos de criação e publicação de história em quadrinhos no estado de São Paulo”, recebendo também 40 mil reais de incentivo.

Os incentivos públicos por parte do Estado são essenciais para qualquer área da produção cultural e, dessa forma, tornaram-se essenciais também para os quadrinhos. A partir de um incentivo inicial, como no caso das HQs de D'Saete, mesmo sendo de pequeno aporte pensando em todos os custos editoriais, todo um cenário passa a ser movimento a partir disso, até que a produção consiga caminhar de forma mais autônoma. São investimentos do setor público que apostam nos produtos culturais e que a longo prazo veem o resultado na sociedade, que de certa forma foi a que financiou por meio dos impostos.

Os editais do ProAC do estado de São Paulo, solicitam nos editais de abertura que os quadrinhos selecionados e contemplados apresentem obrigatoriamente uma contrapartida para a sociedade. Como exemplo, o edital nº 35/2016 do Programa de Ação Cultural, define como contrapartida:

3.1. Entende-se como contrapartida a oferta de um conjunto de ações visando garantir o mais amplo acesso da população em geral ao produto cultural gerado, objetivando com isso a descentralização e/ou garantia da universalização do benefício ao cidadão, sempre em consideração ao interesse público e a democratização do acesso aos bens culturais resultantes.

Nesse sentido, era exigido que os quadrinhos contemplados cumprissem alguns requisitos como a entrega para o acervo da Secretaria da Cultura de São Paulo 100 exemplares do livro publicado; doação das cópias a entes da Administração Pública ou a entidades privadas sem fins lucrativos; utilização do material em equipamentos culturais

do Estado; Participação em atividades culturais em ações e programa da Secretaria de Cultura. Como itens adicionais orientava que essas obras também contemplassem camadas da população menos assistidas ou excluídas do exercício de seus direitos culturais por sua condição socioeconômica, etnia, deficiência, gênero, faixa etária, domicílio e ocupação; e a promoção de ações que facilitassem o livre acesso de idosos e pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida e/ou medidas de acessibilidade comunicacional.

D'Salete nesse sentido vem participando de diversas exposições e debates sobre as HQs, e diversas entrevistas sobre a temática das obras. Os quadrinhos *Cumbe* e *Angola Janga* foram selecionados pelo PNLD de 2018, alcançando um público jovem e muito amplo. De acordo com o Portal do MEC, o PNLD é o Programa Nacional do Livro e do Material Didático que disponibiliza obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa de forma regular e gratuita às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. Dessa forma, é possível trabalhar temas transversais em variados campos do conhecimento, como no ensino da História e da cultura afro-brasileira e africana.

Além dos editais e distribuições realizadas pelo incentivo público, as HQs de D'Salete vêm sendo comercializadas em diversos sites de editoras, *e-commerce* e livrarias físicas. Em relação ao acesso das obras pela população brasileira, o próprio autor faz uma reflexão sobre os preços dos quadrinhos no Brasil em entrevista ao Portal Geledés:

A questão do preço é algo importante, porque no Brasil o livro é um artigo de luxo para grande parte das famílias. Eu mesmo cresci em uma família que quase não tinha livros em casa. Comecei lendo quadrinhos e só depois cheguei na literatura e em outras artes. Por esse motivo é importante tentar garantir o acesso aos livros desde o ensino básico. Acho também que precisamos pensar em políticas públicas que fomentem esse tipo de discussão e garantir a presença da arte em espaços culturais. Imagino que se esses jovens tiverem acesso a quadrinhos, talvez ganhem novos artistas e apreciadores de HQs no futuro. Boa parte do que temos hoje nesses programas governamentais para acervo de bibliotecas é de quadrinhos. Isso é uma grande mudança, porque na minha época não existia. Com o tempo, espero que formemos leitores mais exigentes e que dialoguem com quem produz quadrinhos aqui no Brasil. (D'SALETE, 2015).

Os quadrinhos foram elementos importantes para a alfabetização do autor, como ele destaca nesta entrevista, como foi também de muitos outros brasileiros. Assim, da

mesma forma que D'Saete teve essa experiência, percebe-se a importância desse tipo de arte para outras gerações. D'Saete vem afirmando sobre a importância de trazer novas perspectivas e novas possibilidades pelos quadrinhos para ilustrar e compreender nossa sociedade hoje. Os quadrinhos nos mostram um enorme potencial para atingir diversas gerações de leitores. Apesar de D'Saete afirmar que não era objetivo inicial utilizar as HQs em sala de aula ou que estivessem no PNLD, ele aponta essa importância devido ao alcance de um público mais jovem.

3.11. O projeto de História Pública de Marcelo D'Saete

Há um movimento na Academia segundo Rovai (2018), de que há uma necessidade urgente em se realizar mediação e divulgação dos mais diferentes saberes, contando com a participação e diálogo com as comunidades, para além das universidades e escolas. Nesse sentido, a ideia de publicização da história pode contribuir para a democratização dos usos do passado sob os interesses do presente, na busca da compreensão da sociedade enquanto coletividade.

Pensando que a História Pública é um campo que abrange o compromisso em relação à produção, divulgação e circulação sobre os acontecimentos históricos, que são entendidos nas experiências cotidianas e não apenas em uma dimensão da macro história e como privilégios de poucos, os quadrinhos de Marcelo D'Saete se encaixam nesse propósito ao mostrar por meio de suas narrativas, aspectos da história pouco estudados e debatidos, mas que são de grande importância enquanto valorização da cultura afro-brasileira.

Além da intenção de se incorporar novamente o historiador no mercado de trabalho, para Ricardo Santhiago (2016) um dos direcionamentos da História Pública no Brasil também tinha o objetivo de inserir a história na cultura das mídias. Sempre no sentido da divulgação do conhecimento histórico para amplas audiências. Considerando que alguns dos principais engajamentos fundamentais da História Pública se referem à História feita para o público, priorizando a ampliação de audiências, as HQs de D'Saete contemplam esse engajamento. Embora o autor tenha se debruçado em pesquisas de caráter acadêmico, a obra que ele produz é o diferencial que faz com que as HQs de D'Saete se aproximem da história pública.

O que D'Saete vem fazendo ao trazer a história dos negros em suas peculiaridades, modos de vida, dentro do contexto histórico do período escravocrata e existência de Palmares, é legitimar o povo negro como agente de nossa história. Quando

esse tema é debatido em inúmeros espaços de discussão como escolas, universidades e no ambiente virtual, isso vai ao encontro do que a história pública preconiza enquanto divulgação dos saberes.

Ao contrário de um saber vazio, desprovido de experiências, os movimentos sociais crescentes – de mulheres, negros, homossexuais e transexuais, comunidades tradicionais, jovens e trabalhadores – revelam demandas que exigem posicionamentos, embates e disputas pelos usos do passado e sua publicização. (ROVAI, 2018, p. 186).

As duas obras escolhidas para discussão neste trabalho são obras que falam sobre a história negra, sendo esse assunto um tema atualmente muito debatido no cenário político e social. O racismo e a história do povo negro estão em destaque nos debates. O autor que escreve e ilustra as HQs é um homem negro, o que destaca o contexto em que os quadrinhos são criados, pois é uma narrativa com aspectos historiográficos que conta sobre seus próprios antepassados.

D'Saete traz para o debate por meio de uma narrativa gráfica, uma perspectiva diferente de um recorte da história. Coloca como protagonistas os negros, que de forma geral na “macro história” são colocados como os escravizados, excluindo-se toda a complexidade e todas as características desse povo. Rovai (2018) colabora com esta questão ressaltando que algumas minorias sociais não foram incorporadas de maneira íntegra em nossa História, mas apenas por recortes, o que acabaria deslegitimando suas lutas.

No entanto, alguns saberes, manifestações e crenças passam ainda mais ao largo das instituições acadêmicas ou do interesse de estudiosos voltados muito mais a uma história que, mesmo quando nomeada como aquela dos “marginalizados”, dos “de baixo” ou dos “subalternos”, pouco trata de suas experiências, memórias e histórias, pois, para alguns, estas só ganham significado e merecem ser dadas a conhecer se forem relacionadas a uma grande história que já as explica de antemão. (ROVAI, 2018, p. 188).

Refiro me aqui aos sujeitos de certas comunidades que costumam entrar para certa narrativa histórica pela “porta dos fundos”, e que são destituídos, muitas vezes, de qualquer poder, vitimizados por nossas análises e a quem supostamente acreditamos “dar voz”, não enxergando neles a sua própria capacidade de dizer, de resistir e de lutar contra formas de opressão. Muitas vezes, apenas conseguimos enxergá-los como vítimas, reduzindo-os a essa condição histórica quando eles têm muito mais a nos contar sobre si; querem que conheçamos outras

experiências pelas quais se constituem como membros de uma coletividade. (ROVAI, 2018, p. 188).

Enquanto professor, o próprio Marcelo D'Saete afirma utilizar os quadrinhos em sala de aula, como destacado em entrevista ao Jornal da USP, ressaltando que os quadrinhos “apresentam ‘a possibilidade de leitura e compreensão de uma questão, de um problema ou de uma experiência que às vezes passa pela ficção’ e, de certo modo, tais entendimentos não se dão apenas pelo texto teórico, mas também pela utilização de imagens.” (D’SALETE, 2018). Podemos dizer que D’Saete é um mediador enquanto realiza seu trabalho de professor pela transmissão dos saberes. Mas conforme conhecemos projetos de divulgação do autor dentro da própria escola como o projeto “Negritude” compreendemos a ressonância que é feita na escola sobre a temática do negro na sociedade.

Essa atividade realizada na escola de aplicação da FEUSP chamada “Negritude”, é um projeto realizado em parceria com professores de outras disciplinas. São debatidas as questões sobre a história e a cultura negra, com vistas a debater a questão do preconceito, utilizando recursos artísticos, por meio do incentivo à literatura de autores negros, do *rap*, e de outras intervenções. O projeto ainda possui um blog³⁰, de forma a divulgar as informações e atividades realizadas para além da escola. Dessa forma, o que D’Saete propõe vai muito além de seus próprios quadrinhos, ele vem se destacando por suas atuações em projetos culturais que debatem a cultura negra de forma mais ampla, dentro e fora das escolas.

Entendemos, portanto, que tanto a atuação de D’Saete enquanto professor, mas seu trabalho enquanto artista/quadrinista que divulga e discute suas obras é considerada como prática importante da história pública. Ele vem ocupando inclusive, esse duplo espaço de autor e mediador, que possibilita que ele circule por muitos espaços e por diferentes públicos, mostrando toda sua capacidade, versatilidade e potencialidade enquanto intelectual mediador de nossa atualidade.

³⁰ <http://negritude-ea.blogspot.com/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quadrinhos vêm, há muito tempo, conquistando gerações de leitores. É uma arte que se renova a cada geração, e ainda hoje, com todos os recursos tecnológicos e redes sociais na internet, é uma forma de entretenimento muito procurada e que está novamente em alta no mercado. Além da diversão, os quadrinhos são fontes de informação, algo que a partir da década de 1970, graças a uma série de fatores, cada vez mais foram abordando diversos temas, como temas voltados para o público adulto, como *Maus* e *Gen*, por exemplo. O universo dos quadrinhos continua em expansão, com obras dos mais variados temas e abarcando diferentes saberes.

A motivação para esta pesquisa foi a de compreender como esse fenômeno que vem sendo os quadrinhos poderia ser importante para o campo da História Pública. Dessa forma, a pesquisa foi tomando o rumo de discorrer sobre a história dos quadrinhos e compreender suas mudanças ao longo da História. A partir disso, deparamo-nos com o surgimento das *graphic novels* que mudariam os rumos dos conteúdos de muitas HQs, com temas sensíveis e/ou relevantes historicamente.

A escolha por Marcelo D'Saete se deu por este ser um autor que faz parte de uma nova geração de quadrinistas que vem se destacando pela qualidade de seu material e pelo conteúdo das HQs. As duas obras escolhidas – *Cumbe* e *Angola Janga* – foram selecionadas para este trabalho, pois poderiam ser exemplos de como a História Pública pode se utilizar dessa mídia impressa que é o quadrinho, como forma de divulgação histórica. Falar sobre a história negra no Brasil é um assunto da máxima importância, e ainda que já tenha sido retratada por grandes historiadores e outros intelectuais, nenhum tema jamais é esgotado. O assunto que D'Saete traz para os quadrinhos, como ele mesmo diz, não é novidade, mas destacou-se pela vasta bibliografia pesquisada, seriedade do material, qualidade das ilustrações que são um dos pontos principais das obras, sendo seu grande diferencial a possibilidade dessa mídia alcançar um público mais amplo.

Entender esse fenômeno e relevância dos quadrinhos é importante para o campo da História Pública, pois nos deparamos com novas formas de divulgação e popularização do conhecimento histórico. O quadrinho mostrou-se como um potente recurso de transposição da linguagem historiográfica para uma linguagem mais acessível e dinâmica, sem contar com toda a arte que está envolvida nesses projetos gráficos. Outro fator que chamou atenção para as HQs *Cumbe* e *Angola Janga* foi a forma como D'Saete optou por manter a linguagem do quadrinho utilizando uma forma coloquial, tanto para os

negros e os brancos, e utilizando muito das origens africanas da língua banto, aliado aos textos e recursos complementares para ajudarem o leitor a compreender melhor a história, no sentido da trama narrativa, como também no sentido da historiografia.

Além da tentativa de compreender os quadrinhos de D'Saete aos usos da História Pública, este trabalho também foi se direcionando para compreender Marcelo D'Saete como um Intelectual Mediador, ou ainda, como um mediador cultural. Para isso, foi necessário trabalhar esse conceito a partir dos trabalhos de Angela de Castro Gomes, Patricia Hansen e Jean-François Sirinelli. Nesse sentido, buscou-se um mapeamento do autor, como seus trabalhos publicados, influências artísticas, contexto histórico, entre outras características, para analisá-lo dentro dessa categoria, e ainda mais, ocupando um duplo espaço de autor de obras originais e intelectual mediador cultural dessas obras.

Para buscar as informações e mapear D'Saete como Intelectual Mediador, foram buscadas várias entrevistas, reportagens, vídeos e participações em diferentes mídias que foram fornecendo pistas para compreendê-lo nesse papel. Foi possível verificar que D'Saete se articula com diversos públicos, dialogando e debatendo de forma muito próxima sobre sua obra e as pesquisas realizadas. Além disso, ganhou visibilidade internacional, debatendo os assuntos da cultura afro-brasileira em instituições fora do Brasil.

Uma das partes mais desafiadoras dessa pesquisa foi, de certa forma, compilar todas as entrevistas concedidas por D'Saete e construir a partir delas a sua caracterização enquanto Intelectual Mediador. Foram dezenas de entrevistas e vídeos pesquisados, em que o autor fornecia dados sobre sua trajetória e influências. O desafio foi costurar essa rede de informações aos propósitos deste trabalho. Como foram pesquisadas entrevistas e matérias ao longo de quase dez anos de trabalho, muitas informações de referências e influências eram novas, pois acompanham a trajetória do autor e seu amadurecimento enquanto intelectual e artista.

Além da divulgação, foi possível observar que o autor se enquadra em uma das principais características de um Intelectual Mediador que é seu engajamento político-cultural devido a várias ações que envolvem suas obras, como debates com diversos públicos no Brasil e em outros países, exposições das obras, rede de sociabilidade com outros intelectuais e artistas, que dão mais visibilidade para sua obra e toda a temática envolvida. Percebemos em diversos debates que D'Saete participa, que o autor consegue trazer grandes reflexões sobre aspectos da negritude como o racismo estrutural, importância de mais artistas negros nos quadrinhos e na literatura, e o quanto falar da

escravidão dá embasamento para discutir questões sociais e raciais na contemporaneidade.

Ao longo do processo deste trabalho, algumas dificuldades foram intensificadas pelo contexto da pandemia de Covid-19. Foram realizadas algumas adaptações junto ao orientador, para que a dissertação seguisse sua linha de raciocínio diante dessas fragilidades. Dessa forma, o objeto de pesquisa foi melhor direcionado para as duas obras de D'Saete e sua caracterização enquanto Intelectual Mediador.

Os textos buscados para se trabalhar a História Pública e sobre os Intelectuais Mediadores foram introdutórios, visto que, além desse rumo da pesquisa, era necessário compreender a obra de D'Saete e mapear os espaços que ocupa enquanto artista. Várias janelas foram se abrindo ao longo das leituras, e algumas limitações foram necessárias diante destes quadrinhos que podem possibilitar uma vasta gama de análises, por diversas perspectivas e saberes.

Por fim, acreditamos que esta pesquisa, mesmo que incipiente, possa cumprir com seu objetivo de ressaltar a potencialidade dos quadrinhos como recurso para a História Pública, e ainda destacar o quanto o papel do Intelectual Mediador se faz de extrema importância para nossa cultura e sociedade quando temas sensíveis como os retratados em *Cumbe* e *Angola Janga* são trabalhados e discutidos, e alcançando assim, diferentes públicos. Diante disso, faz-se importante que novos caminhos sejam abertos para que os quadrinhos possam ser vistos pela ótica de outras áreas e utilizados como recurso para a prática da História Pública.

REFERÊNCIAS

ALBIERI, S. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, J.R.; ROVAI, M.G.O. (Org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ALMEIDA, S. Como surgiram os heróis? Jornadas Heroicas. **Youtube**, 4 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iUoKXQ3TnOg>. Acesso em: 18 de fev. de 2022.

ALVES, C. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27-55, 2019.

ARTE para o além: conheça o livro dos mortos do Egito antigo. **Aventuras na História**, São Paulo, 08 de jan. de 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/ritual-e-magia-o-impressionante-livro-dos-mortos-do-egito-antigo.phtml>. Acesso em: 10 de jun. de 2021.

As Aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte. **NAÇÃO HQ – Quadrinhos e política cultural**, 30 de jan. de 2006. Disponível em: <https://nacao.net/2006/01/30/as-aventura-de-nho-quim-ou-impressoes-de-uma-viagem-a-corte/>. Acesso em: 03 de jun. de 2021.

BAGNO, M. O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro. **Cadernos de Literatura em Tradução**, São Paulo, n. 16, p. 19-31, 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PNDL**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld> Acesso em: 12 de jul. de 2019.

BURKE, P. **Testemunha Ocular: O uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CAMARGO, O. **O carro do êxito**. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

CAMPOS, R. **Imageria – O nascimento das Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Veneta, 2015.

CARTOON SCIENCE. Disponível em: <http://www.cartoonscience.org/about>. Acesso em 03 de out. de 2019.

CARVALHO, B.L.P.; TEIXEIRA, A.A.T. **História Pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

CAUVIN, T. A ascensão da história pública: Uma perspectiva internacional. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v.11, n.23, p. 8-28, 2019.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

CHINEN, N. **O negro nos quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2019.

CREVILARI, V. Professor da Escola de Aplicação da USP ganha o “Oscar” da HQ. **JORNAL DA USP**. 27 de jul. de 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/professor-da-escola-de-aplicacao-da-usp-ganha-o-oscar-da-hq/>>. Acesso em janeiro de 2022.

D’SALETE, M. **Angola Janga** – Uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017.

D’SALETE, M. **Cumbe**. 2ed. São Paulo: Veneta, 2018.

D’SALETE, M. **Encruzilhada**. São Paulo: Veneta, 2016.

D’SALETE, M. **Noite Luz**. São Paulo: Via Lettera, 2008.

D’SALETE, M. **Risco**. São Paulo: Cachalote, 2014.

D’SALETE. **A história negra em quadrinhos**. Entrevista concedida a XIII Bienal do livro de Pernambuco, 2021. Disponível em: <https://www.e-bienal.com/ci-27>. Acesso em novembro de 2021.

DINIZ, A. **Morro da favela**. São Paulo: Leya, 2011.

DOMÍNGUEZ, M.; MATEU, A.; TORGERSEN, H.; PORCAR, M. Cartoons on bacterial balloons: scientists’opinion on the popularization of synthetic biology. In: **Systems and synthetic biology** 8 (4), 321-328. Springer, 2014.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ERCCOMICS. Disponível em: <https://www.erccomics.com/about>. Acesso em 04 de out. de 2019.

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Observatório de Histórias em Quadrinhos**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/gibiusp/home.asp>. Acesso em 20 de nov. de 2020.

ESCOLA DE FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO PAULO RENATO COSTA SOUZA. **Entrevista com Waldomiro Vergueiro**. Disponível em: http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Portals/84/docs/entrevista_waldomiro.pdf. Acesso em 10 de nov. de 2020.

FONSECA, M. Rainha nzinga mbandi, imbangalas e portugueses: as guerras nos quilombos de Angola no século XVII. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v.23, n.2, jul./dez. 2010.

GOMES, A.C.; HANSEN, P.S. **Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo**. In: GOMES, A.C.; HANSEN, P.S. (Org.). **Intelectuais Mediadores**: Práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Angela de Castro. O lugar dos “Intelectuais mediadores”: entrevista com a Angela de Castro Gomes. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. In: **Café História**. Disponível em:

<https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Publicado em: 31 ago. 2020. ISSN: 2674-5917.

HAMA, L. Histórias necessárias: Premiado quadrinista, Marcelo D'Saete coloca no centro narrativas de pessoas comuns que lutam para sobreviver. **Ecoa Uol**. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/marcelo-dsaete-cultura-banto-tem-presenca-fortissima-na-nossa-linguagem/>. Acesso em 11 de jan. de 2022.

HENRIQUE, L. *How the comics of Marcelo D'Saete helps us understand Brazil's past and present*. In: **Global Voices**. 2018. Disponível em: <https://globalvoices.org/2018/12/28/how-the-comics-of-marcelo-dsaete-helps-us-understand-brazils-past-and-present/>. Acesso em 15 de fev. de 2022.

IMBROISI, M. O que é Coluna de Trajano? **História das Artes**, 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/coluna-de-trajano-o-que-e/>. Acesso em junho de 2021.

JESUS, M.; G. CUMBE: SOL, FOGO E FORÇA. In: **O Menelick 2º ato**. 2014. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/artes-literarias/sol-fogo-e-forca> Acesso em 19 de fev. de 2022.

JORNALISMO TV CULTURA. **Jornal da Cultura 1º Edição | 23/07/2018**. YouTube. 23 de julho. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r8Wg15tzy4A>. Acesso em janeiro de 2022.

JUNIOR, C., C. Terra e liberdade. **A Tarde**. 04 de abril. 2018. Disponível em: <https://atarde.com.br/cultura/angola-janga-de-marcelo-dsaete-e-monumental-hq-sobre-o-quilombo-de-palmares-949311> Acesso em 11 de jan. de 2022.

LAURENTIN, E. *Table ronde fiction*. In: **France Culture**. 04 de maio. 2018. Disponível em: <https://www.franceculture.fr/emissions/la-fabrique-de-lhistoire/table-ronde-fiction-6>. Acesso em 28 de jan. de 2022.

LIDDINGTON, J. In: ALMEIDA, J.R.; ROVAI, M.G.O. (Org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LUCAS, R.J.L. Angelo Agostini e Vida Fluminense: primórdios da infografia na imprensa brasileira? **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v.2, n°1, 2013.

MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.37, n°74, 2017.

MATTOS, H.; GRINBERG, K.; ABREU, M. Que diferença faz a perspectiva da história pública nos estudos sobre a escravidão? In: SANTHIAGO, R.; BORGES, V.; T. (Org.). **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

MAZUR, D.; DANNER, A. **Quadrinhos: história moderna de uma arte global**. São Paulo: Editora WMF Martins, 2014.

MCCLLOUD S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda. 2005.

MCCLLOUD S. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda. 2006.

MENESES, S. LIVROS, LEITORES E INTERNAUTAS – Os guias da história e os embates pelo passado através da mídia. In: ALMEIDA, J.R.; MENESES, S. (Org.). **História Pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

MOURA, C. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?** São Paulo: Dandara, 2021.

MOURA, C. **Rebeliões na Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2020.

MOYA, A. **Shazam!** São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

NAKAZAWA, K. **GEN Pés Descalços**. Vol.1. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.

NARANJO, M. Angola Janga vence o Prêmio Jabuti 2018 na categoria História em Quadrinhos. **UNIVERSO HQ**. 08 nov. 2018. Disponível em: <http://www.universohq.com/noticias/angola-janga-e-vencedor-do-premio-jabuti-2018-na-categoria-historia-em-quadrinhos/>. Acesso em 10 de jul. de 2019.

NAVARRETE, J. La negritud en la historieta brasileña: un primer acercamiento a la novela gráfica CUMBE y la obra de Marcelo D'Salete. **Pacarina del Sur**. v.6, n.23, abril-junho 2015. Disponível em: <http://pacarinadelsur.com/home/senas-y-resenas/1149-la-negritud-en-la-historieta-brasilena-un-primer-acercamiento-a-la-novela-grafica-cumbe-y-la-obra-de-marcelo-d-salete>. Acesso em 12 de jan. de 2022.

NOIRET, S. **História Pública Digital**. In: Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015.

OLIVEIRA, C. O que significa retirar estátuas de escravocratas do espaço público? **Brasil de Fato**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/15/o-que-significa-retirar-estatuas-de-escravocratas-do-espaco-publico>. Acesso em 10 de fev. de 2022.

OLIVEIRA, R. **Divulgação científica em HQs (Histórias em Quadrinhos)**. São José dos Campos, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.univap.br/dados/00002b/00002b73.pdf>. Acesso em outubro de 2019.

PIERRO, B. Ciência em tirinhas. In: **Pesquisa Fapesp 269**, 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2018/07/17/ciencia-em-tirinhas/>. Acesso em 03 de out. de 2019.

PINHEIRO, J., BARBOSA, S. **Carolina**. São Paulo: Veneta, 2018.

PORTAL GELEDÉS. **11 Perguntas para Marcelo D'Saete**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/11-perguntas-para-marcelo-dsaete/>. Acesso em 15 de fev. 2022.

POSTEMA, B. **Estrutura Narrativa nos Quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. São Paulo: Peirópolis, 2018.

PRUDENTE, E. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. **Jornal da USP**. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>. Acesso em 03 de fev. de 2022.

QUADRAT, S.; V. É possível uma história pública dos temas sensíveis no Brasil? In: SANTHIAGO, R.; BORGES, V.; T. (Org.). **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

REZENDE, C.K.F.M. **Palmares em tradução: Uma visita à Angola Janga de Marcelo D'Saete**. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, Brasília –DF, 2019.

RIBBENS, K. **Popular Understandings of the Past: Interpreting History through Graphic Novels**. The Oxford Handbook of Public History, 2017.

RIBEIRO, C., C., R. A narrativa urbana de Marcelo D'Saete, um intérprete do Brasil. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n.61, set. 2021.

ROSA, A. **Águas de homens pretos**. São Paulo: Veneta, 2021.

ROSA, A. **Da Cabula**. São Paulo: Global, 2008.

ROSA, A. **Reza de mãe: e outros contos**. São Paulo: Nós, 2016.

ROSA, A. **Zagaia**. São Paulo: DCL, 2007.

ROSA, A. **Zumbi assombra quem?** São Paulo: Nós, 2017.

ROVAI, M.G.O. Publicizar sem simplificar: O historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, J.R.; MENESES, S. (Org.). **História Pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SACCO, J. **Notas sobre Gaza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SACCO, J. **Palestina**. São Paulo: Veneta, 2021.

SANTHIAGO, R. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, A.M.; ALMEIDA, J.R.; SANTHIAGO, R. (Org.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTIAGO, L. Crítica Tintim no Congo. **Plano crítico**. 2018. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-tintim-no-congo/>. Acesso em 11 de jul. de 2021.

SANTOS, M.O.; GANZAROLLI, M.E. **Histórias em Quadrinhos**: formando leitores. *TransInformação*, Campinas, 23(1):63-75, jan./abr. 2011.

SATRAPI, M. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHITTINO, R. O conceito de público e o compartilhamento da história. In: MAUAD, A.M.; ALMEIDA, J.R.; SANTHIAGO, R. (Org.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SCHWARCZ, L.M.; SPACCA. **As Barbas do Imperador** – D. Pedro II, a história de um monarca em quadrinhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCHWARCZ, L.M.; SPACCA. **D. João Carioca** – A corte portuguesa chega ao Brasil (1808 – 1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARCZ, L.M. HQ conta história de Palmares e mostra conflitos da resistência negra. **Folha de S.Paulo**. 23 de ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/08/hq-conta-historia-de-palmares-e-mostra-conflitos-da-resistencia-negra.shtml>. Acesso em 12 de jan. de 2022.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: RENÉ, R. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SLENES, R. **Na senzala, uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava. São Paulo: Unicamp, 2012.

SOUZA, M. S. Artistas negros do século XIX. In: Renata Felinto. (Org.). **Culturas africanas e afro- brasileiras em sala de aula**: saberes para os professores, fazeres para os alunos. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

SPIEGELMAN, A. **Maus - A história de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

STEIN, D., R.; COSTA, R. Tapeçaria de Bayeux (c. 1070-1080). **Idade Média**, 2021. Disponível em: <<https://www.ricardocosta.com/tapeçaria-de-bayeux-c-1070-1080>>. Acesso em junho de 2021.

THOMÉ, L. Os quadrinhos históricos em perspectiva. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P.; CHINEN, N. **Enquadrando o Real**: Ensaios sobre quadrinhos (auto)biográficos, históricos e jornalísticos. São Paulo: Criativo, 2016.

TÖPFFER, R. **Histoire de Monsieur jabot**, 1833. E-book. Disponível em: <https://www.gutenberg.ca/ebooks/toepfferr-histoiredemrjabot/toepfferr-histoiredemrjabot-00-h-dir/toepfferr-histoiredemrjabot-00-h.html>. Acesso em 22 de jun. de 2021.

TORAL, A. **Adeus, chamego brasileiro** – Uma história de guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TORAL, A. **Holandeses**. São Paulo: Veneta, 2017.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P.; CHINEN, N. **Enquadrando o Real**: Ensaio sobre quadrinhos (auto)biográficos, históricos e jornalísticos. São Paulo: Criativo, 2016.

VERGUEIRO, W. **De marginais a integrados**: o processo de legitimação intelectual dos quadrinhos. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300921069_ARQUIVO_Historiase mQuadrinhosANPUH2011.pdf. Acesso em 18 de fev. de 2019.

VERGUEIRO, W. **Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.

VERGUEIRO, W. Uso nas HQs no ensino. In: BARBOSA, A.; RAMOS, P.; VILELA, T.; RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

VITRAL, R. Marcelo D'Saete fala sobre Sunny, de Taiyo Matsumoto: “É um trabalho bem sensível, diferente de algo mais dinâmico e de toda a ação do Tekkon Kinkreet”. In: **Vitralizado**, 2020. Disponível em: <https://vitralizado.com/hq/marcelo-dsaete-fala-sobre-sunny-de-taiyo-matsumoto-e-um-trabalho-bem-sensivel-diferente-de-algo-mais-dinamico-e-de-toda-a-acao-do-tekkon-kinkreet/>. Acesso em 18 de fev. de 2022.

WANDERLEY, S. Um debate sobre o caráter público da História ensinada. In: ALMEIDA, J.R.; MENESES, S. (Org.). **História Pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

WROBEL J. História(s) redesenhada(s): visualizando analogias entre hoje e o passado – periferias urbanas, resistência negra e vozes femininas na obra de Marcelo D'Saete. **ArtCultura**, Uberlândia, v.21, n.39, p. 99-116, jul./dez. 2019.